

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO E DOUTORADO



Dissertação:

**A linguagem da internet na escrita escolar de
alunos adolescentes – um estudo de caso**

Danieli de Godoy da Silva

Pelotas, 2010

DANIELI DE GODOY DA SILVA

A LINGUAGEM DA INTERNET NA ESCRITA ESCOLAR DE ALUNOS ADOLESCENTES –
UM ESTUDO DE CASO

Dissertação apresentada ao Programa
De Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Pelotas como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Maria Esperon Porto

Pelotas, 2010.

Silva, Danieli de Godoy da

A linguagem da internet na escrita escolar de alunos adolescentes -
um estudo de caso. Danieli de Godoy da Silva – Pelotas, 2010.

172f.

Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado em Educação.
Faculdade de Educação. Universidade
Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

1. Adolescentes – internet – escrita escolar e virtual.

I. Porto, Tania Maria Espero Porto orient..

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Tania Maria Speron Porto

Prof.^a Dr.^a Elisabete Maria Garbin

Prof.^a Dr.^a Rosária Ilgenfritz Sperotto

AGRADECIMENTOS

Depois de tanto tempo, uma etapa vencida... Depois de tantas angústias, sofrimentos, alegrias, suspiros, choros e risos...

É hora de agradecer...

Agradecer em primeiro lugar a minha orientadora Tania Maria Esperon Porto, pelas orientações, pelos conselhos, pela amizade e pelos conhecimentos. Por toda a compreensão dedicada em meus momentos mais perdidos. Pela paciência em ajudar-me nessa caminhada tão difícil e tão importante. Sem ela, jamais teria chegado aqui.

A minha família, a minha mãe Zilda e ao meu pai Nestor pelo carinho, pela força, pelas palavras de encorajamento e de amor, pelo apoio sempre, incondicional! Obrigada por tudo que fizeram por mim! Essenciais na minha vida, a razão de tudo!

Aos meus queridos colegas de pesquisa, os alunos, sem eles jamais seria possível tal trabalho. Agradeço pela dedicação com que me ajudaram.

Ao Colégio Municipal Pelotense pela recepção e pelo espaço cedido com tanto entusiasmo.

Às professoras das turmas em que realizei a pesquisa. Obrigada pela atenção, pelo espaço e pelas orientações.

Às professoras Elisabete Maria Garbin, Gilka Elvira Ponzi Girardello e Rosária Ilgenfritz Sperotto, pelas orientações e contribuições pertinentes, pelo enriquecimento do trabalho e pela atenção dedicada a minha pesquisa.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Aos meus queridos colegas de pesquisa: Algaídes, Aline, Claudete, Cristina, Maristani, Sibebe, Thaiana, Valdinei e Viviani, pelos encontros, pela ajuda na pesquisa, e em tantas outras coisas que fazem parte da vida e do caminho percorrido. Obrigado por estarem ali, presentes e ajudando, muitas vezes além de suas possibilidades.

Aos meus amigos, quase irmãos, que em algum momento dessa caminhada estiveram comigo: ao Ivan, pelas conversas que sempre ajudam nas horas de angústia. Ao Jonas, pela amizade, por tudo que fez e os momentos que esteve presente neste percurso. À Silvia, pela convivência diária, compartilhando momentos, risos e tudo mais. À Juliana, pela amizade verdadeira, pelas horas de

descanso, de companheirismo e de compreensão. Por tudo que vivemos e convivemos.

E à Fer, maninha de coração, por todos os momentos compartilhados, pelas conversas, amizade, apoio, momentos essenciais que sempre fizeram parte da minha caminhada! Sem palavras!

Agradeço a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização desse trabalho.

Obrigada.

APRESENTAÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar os dados da pesquisa que foi realizada voltada para um estudo no campo da educação e comunicação. A proposta da pesquisa é compreender as relações que estudantes adolescentes estabelecem com as escritas de dois ambientes: escolar e virtual.

Esse tema surgiu devido à necessidade de entender como as tecnologias digitais estão presentes na vida escolar (dos alunos pesquisados), fora dela e como os mesmos lidam com escritas e linguagens diferentes. Para tal, entende-se que as tecnologias fazem parte da vida cotidiana dos alunos. Essa inserção representa muitas mudanças de comportamentos, práticas e rotinas. Modificam as relações estabelecidas entre os sujeitos.

A escola, por sua vez, é reconhecida como formadora de cidadãos, a responsável por educar crianças e adolescentes para a vida em sociedade e local de regras, normas e padrões a serem seguidas.

Nesse contexto, as tecnologias deveriam surgir como aliadas nessa formação, colaborando nesse processo de educação. A sociedade em que vivemos está cada vez mais modernizada e mais cedo as pessoas têm acesso às informações e tecnologias. As tecnologias digitais fazem parte do ambiente familiar e social dos indivíduos, constituindo parte de suas experiências, idéias, sentimentos, atitudes e valores.

Desta forma, a utilização das tecnologias e suas linguagens deveriam estar presentes nas relações dos jovens na escola, uma vez que elas já fazem parte da vida dos alunos.

Em razão disso, o presente estudo, procura desvendar as relações que alunos adolescentes estabelecem com as escritas de dois ambientes: o virtual e o escolar.

Sendo assim, esta dissertação é apresentada com a estrutura dividida em sete capítulos.

No primeiro capítulo – Origem e justificativa – são apresentadas as indagações que originaram o estudo. Nele, é realizada uma reflexão sobre fatos marcantes em minha formação docente, como aluna do curso de Pedagogia e bolsista de Iniciação Científica (**FAPERGS**), na área de Educação e Comunicação, na linha Formação Docente e apresentadas as minhas questões de pesquisa.

O segundo capítulo – Tecnologias – tem por objetivo situar o leitor sobre alguns conceitos que foram construídos e/ou descobertos sobre tecnologias, bem como apresentar algumas características de suas linguagens a partir do referencial de Alves (2002), Babin e Kouloumdjian (1989), Barreto (1998) Castells (2003), Kenski (2007), Lévy (1999, 2000, 1993), Moran (1997, 1998), Porto (2002, 2003, 2006), Saraiva (2006), Snyders (1998), entre outros. São apresentados também os ambientes em que foi realizada a pesquisa: escolar e o virtual.

O terceiro capítulo – Adolescentes e identidades – tem o intuito de refletir sobre a formação das identidades juvenis nos diferentes contextos em que se convive. Autores como Zagury (1996), Feixa (2006), Becker (1986), Maffesoli (1998), Quadrado; Ribeiro, (2008) e Porto (2002, 2005) Feixa (2006), dentre outros, servem de referencial no desenvolvimento deste tema.

No capítulo quarto – Metodologia – é descrito o contexto e as etapas e instrumentos usados no estudo de caso realizado sobre a linguagem da internet e os jovens adolescentes. Para tal, faz-se uso de Gaskell (2002), Ludke e André (1986), dentre outros que fundamentam esta teoria.

No quinto capítulo – Análise dos dados do Ambiente Virtual – são apresentados dados levantados no ambiente virtual e suas respectivas reflexões, baseando estas em Costa (2006), Castells (2003), Lévy (1996), Silveira (2006), entre outros.

No sexto capítulo – Análise dos dados – Ambiente Escolar – são apresentados dados levantados na escola e as reflexões que daí se originou, considerando autores como Assmann (1998), Eisenkraemer (2007), Marques (2006), Bagno (2007), entre outros.

No sétimo capítulo – Considerações Finais –algumas conclusões são apresentadas sobre o trabalho realizado durante o período de pesquisa e as aprendizagens que foram adquiridas.

RESUMO

SILVA, Danieli de Godoy da. A linguagem da internet na escrita escolar de alunos adolescentes – um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil.

Esta pesquisa busca explicitar as relações que alunos de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS estabelecem com as escritas do ambiente virtual (Orkut e MSN) e do ambiente escolar, e desta forma perceber como estas aparecem nos documentos escolares. Trata-se de um trabalho de cunho qualitativo, que utiliza como recursos metodológicos, a realização de encontros/conversas com os alunos, tanto presenciais na escola, quanto virtuais na internet, bem como a coleta e análise de documentos: os cadernos dos alunos, gravação e transcrição de conversas mantidas em ambientes virtuais. A análise dos dados foi fundamentada a partir de autores como Babin e Kouloumdjian (1989), Porto (2000, 2002, 2003, 2005), Bagno (2003, 2007), Castells (2003), entre outros, com o objetivo de analisar e compreender os usos que os jovens adolescentes fazem da escrita do ambiente virtual e escolar. Nesse contexto, o estudo se propõe a responder as seguintes questões: Como vêm sendo materializadas as formas de comunicação virtual – especialmente as de escrita – entre jovens usuários da internet? Será que os estudantes encontram dificuldades para separar a escrita virtual da escrita da escola? Em que medida a escrita internética influencia a escrita na escola? Quais as relações que tais linguagens mantêm entre si? Quais as negociações que esses jovens fazem? Por quê? Para tentar responder essas questões, a proposta se desenvolve nas interações da pesquisadora com os jovens: no ambiente escolar e no ambiente virtual. As conclusões apontam para o fato de que a linguagem da internet está presente na escola e na escrita dos estudantes adolescentes, entretanto, aparecem em momentos de descontração, em conversas escritas informais, em bate-papos com os amigos e colegas. Os jovens utilizam a escrita oriunda dos ambientes virtuais (Orkut e MSN) em locais onde os professores não costumam olhar, tais como capas, contra capas e no meio dos cadernos. Mesmo a escrita do ambiente virtual estando presente apenas em locais onde os professores não vêm, elas fazem parte das comunicações que os adolescentes estabelecem com os colegas e amigos.

Palavras-chave: Linguagem da internet. Adolescentes. Escola.

ABSTRACT

SILVA, Danieli de Godoy da. The language of the Internet in school writing students adolescents - a case study. 2010. Thesis (MA in Education) – Program of Graduate Education. Federal University of Pelotas, Pelotas, Brazil.

This research seeks to clarify the relationships that students at a public school in the city of Pelotas, RS lay with the writings of the virtual environment (Orkut and Yahoo) and the school environment, and thus understand how these appear in school documents. This is a work of a qualitative approach, using methodological resources as the holding of meetings / conversations with the students, school attendance, and virtual on the Internet, as well as collection and analysis of documents: the notebooks of the students, recording and transcript of conversations held in virtual environments. Data analysis was based from authors such as Babin and Kouloumdjian (1989), Porto (2000, 2002, 2003, 2005), Bagno (2003, 2007), Castells (2003), among others, to analyze and understand the uses that young adolescents are writing the virtual environment and school environment. In this context, the study proposes to answer the following questions: How have been materialized forms of virtual communication - especially writing - among young Internet users? Did the students find it difficult to separate the writing of writing virtual school? To what extent writing Internautica influences the writing at school? What are the relationships that these languages still together? What are the negotiations that these young people do and why? To try answer these questions, the proposal is developed in the researcher's interactions with young people: at school and in the virtual environment. The findings point to the fact that the language of the internet is this school and adolescent students' writing, however, appear in moments of relaxation, in informal conversations written in chats with friends and colleagues. Young people use writing coming from the virtual environments (Orkut and MSN) in places where teachers do not usually look - capes, cloaks and a half against the contract. Even the writing of the virtual environment and is present only in places where teachers do not see, they are part of the communications that adolescents have with colleagues and friends.

Keywords: Language of the Internet. Adolescents. School.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Imagem ilustrativa da página do MSN.....	49
Figura 2. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN (arquivo).....	50
Figura 3. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN – contatos.....	51
Figura 4. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN.....	51
Figura 5. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN.....	52
Figura 6. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN (ferramentas).....	52
Figura 7. Imagem ilustrativa da página virtual do Orkut.....	53
Figura 8. Foto da fachada do Colégio Municipal Pelotense – novembro de 2008. A foto do colégio é meramente para ilustração na pesquisa.....	84
Figura 9. Foto do saguão da escola, com a exposição de trabalhos feitos pelos alunos.....	86
Figura 10. Janela do MSN.....	95
Figura 11. Janela de bate-papo do MSN. Uma conversa com aluno da pesquisa.....	96
Figura 12. Página de visualização inicial do Orkut; aluno da pesquisa. (Menino A).....	104
Figura 13. Página de visualização inicial do Orkut; aluno da pesquisa. (Menino C).....	105
Figura 14. Página de visualização inicial do Orkut; aluna da pesquisa. (Menina C).....	106
Figura 15. Página de visualização inicial do Orkut; aluno da pesquisa. (Menina B).....	114
Figura 16. Página do perfil do Orkut; aluno da pesquisa. (Menino A).....	121
Figura 17. Bilhete escrito por um aluno da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	125
Figura 18. Capa de um trabalho entregue a professora por um aluno da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	126
Figura 19. Folha do caderno de uma aluna da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	129
Figura 20. Folha do caderno de uma aluna da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	130
Figura 21. Folha do caderno do Aluno D da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	132
Figura 22. Folha do caderno de um aluno da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	134
Figura 23. Folha do caderno da Aluna A da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	136
Figura 24. Contra capa do caderno do Aluno A da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.....	140

Figura 25. Folha do caderno de uma aluna da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.	143
Figura 26. Folha do caderno do Menino C da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.	144
Figura 27. Capa do caderno do Menino C pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.	146
Figura 28. Folha do caderno do Menino C pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.	147
Figura 29. Proposta de redação dada pela professora.....	150
Figura 30. Folha do caderno do Menino B pesquisa. Redação escrita pelo aluno, Rascunho. Dado coletado no ambiente escolar.....	151
Figura 31. Folha do caderno do Menino B pesquisa. Redação escrita pelo aluno, Rascunho passado a limpo. Dado coletado no ambiente escolar. Palavras circuladas: grifos meus. .	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Comparativo entre os tipos de comunicação. Fonte: Barreto (1998).....	30
Tabela 2. Emoticons utilizados no ambiente virtual MSN.....	47
Tabela 3. Emoticons utilizados no ambiente virtual MSN.....	48

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
APRESENTAÇÃO.....	06
RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
LISTA DE IMAGENS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	12

CAPÍTULO 1. ORIGEM E JUSTIFICATIVA

1.1 Minha trajetória e a influência na dissertação	15
1.2 O trabalho profissional com os jovens.....	20
1.3 O problema e as questões de pesquisa.....	24

CAPÍTULO 2. TECNOLOGIAS

2.1 A transformação progressiva das tecnologias e suas linguagens.....	27
2.2 Re(conhecendo) os ambientes da linguagem digital: o MSN e o Orkut.....	40
2.3 A escola e suas linguagens.....	59

CAPÍTULO 3. ADOLESCENTES E IDENTIDADES

3. Adolescentes.....	67
3.1 Adolescentes e identidades virtuais.....	74

CAPÍTULO 4. METODOLOGIA

4.1 Espaço de pesquisa e opção metodológica.....	79
4.2 Contexto e sujeitos da pesquisa.....	81
4.3 Etapas e instrumentos de pesquisa.....	93

CAPÍTULO 5. ANÁLISE DOS DADOS – AMBIENTE VIRTUAL

5.1 O ambiente virtual e os sujeitos pesquisados nesse ambiente.....	96
5.1.1 A escrita em ambientes virtuais – Orkut e MSN.....	109

CAPÍTULO 6. ANÁLISE DOS DADOS – AMBIENTE ESCOLAR

6.1 Os dados no ambiente escolar.....	123
6.2 As descobertas.....	139

CAPÍTULO 7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 Reflexões.....	156
7.2 Buscando responder às questões de pesquisa.....	157
BIBLIOGRAFIA.....	161
GLOSSÁRIO.....	167
ANEXO.....	171

1. ORIGEM E JUSTIFICATIVA

1.1. Minha trajetória e a influência dos jovens na dissertação

A origem da presente dissertação tem seu início com a minha formação, tanto em relação a minha trajetória pessoal, quanto às vivências que tive durante o curso de Pedagogia.

Bom, então com essa dissertação penso: por onde começar? É difícil escrever sobre a gente mesmo, principalmente se o assunto é a trajetória de vida. Mas todo meu percurso de vida foi o que fez surgir à necessidade dessa pesquisa.

Nasci e cresci em Crissiumal, cidade do interior, localizada bem ao norte do Estado do Rio Grande do Sul. Sempre fui uma aluna muito esforçada, com grandes sonhos e muitos objetivos. Queria como diziam meus pais, “ser alguém na vida” e, com o incentivo deles, resolvi cursar o magistério em uma cidade vizinha, Humaitá. Naquela época não tinha muita certeza se era realmente isso que eu queria, mas era a melhor opção no momento. Comecei então, no ano de 1998, a traçar minha trajetória de formação, que até hoje venho construindo.

Em relação ao período do magistério, quatro anos de aulas teóricas e um semestre de estágio, posso dizer que foi uma época muito boa, na qual fiz muitos amigos. Naquele tempo era uma aluna que falava muito em sala de aula e que conversava com todos. Quando começou a chegar perto do término do curso veio a preocupação sobre que eu iria fazer. Ainda tinha mais um semestre de estágio, mas não podia aceitar o fato de parar depois de terminar o curso; precisava dar um rumo a minha vida. Como Crissiumal é uma cidade muito pequena e não oferece oportunidades de emprego, tomei a decisão de realizar o vestibular para o curso de Pedagogia, com o incentivo dos meus pais. Sem preparo específico achei que seria apenas uma experiência e enquanto aguardava o resultado, organizei minha vida sem expectativas de passar no vestibular. Comecei a trabalhar e a realizar o estágio de conclusão de curso do magistério em uma escola municipal da cidade, com uma turma de 3ª série, que tinha em média 22 alunos. Após um mês dessa rotina de trabalho e de estágio, saiu o resultado do vestibular; minha aprovação para o curso de Pedagogia – Habilitação Séries Iniciais/ UFPel. Sabia que a partir daquele momento minha vida mudaria totalmente.

Continuei trabalhando, mas precisei deixar de estagiar, pois não conseguiria terminá-lo. Então, com a ajuda de meu irmão, que na época morava em Pelotas/RS, matriculei-me no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, para realizar a prática supervisionada sob orientação dessa instituição.

No fim do mês de maio de 2002 mudei-me para Pelotas/RS. Foi um período de muitas mudanças. Sempre havia morado com os meus pais, pelos quais sempre tive muito amor, não só pelo apoio dado, mas também pelo carinho dedicado a mim.

Mudança, cidade nova e inteiramente desconhecida, eu estava longe de casa, dos pais e dos amigos. Em Pelotas/RS apenas um irmão que eu pouco via, pois os horários sempre favoreciam o nosso distanciamento, devido aos estudos e trabalho. Quando me mudei não sabia que o caminho daí pra frente seria tão significativo e importante para minha vida e minha trajetória acadêmica. Foi um período muito complicado, de muitas adaptações e mudanças em todos os sentidos. Mesmo estando longe dos meus pais, continuei recebendo ajuda deles para estudar. Mas não era a mesma coisa, faltava um abraço, um olhar, um “colinho”. Muitas vezes pensei em desistir, em abandonar tudo e voltar, mas minha força de vontade e o apoio deles me fizeram continuar.

Iniciei o curso de Pedagogia e o estágio de magistério, em uma terceira série do ensino fundamental de uma escola pública. Havia aproximadamente 16 alunos, que, em sua grande maioria, eram meninos.

Estava sendo tudo muito desgastante, estágio pela manhã, aula à tarde, planejamento e leituras à noite. E para completar, não estava encontrando-me no curso, não conseguia ver uma ligação entre a teoria tão discutida na faculdade, no curso de Pedagogia e a prática supervisionada realizada pela manhã com os alunos, no estágio do magistério. Apesar do currículo de Pedagogia da UFPel ter sido reorganizado em blocos temáticos e não em disciplinas, buscando evitar um ensino fragmentado, ainda não conseguia visualizar a ligação entre a teoria e a prática, que acreditava ser importante. Hoje compreendo que a prática que realizei com os alunos era sem reflexão. Percebo, agora que muito do que fiz no estágio de magistério não tinha sentido, não havia significado, mas, meu pensamento naquele momento era de que precisava ser aprovada, concepção compartilhada pela maioria dos colegas de estágio.

Quando finalmente terminei o estágio, passei realmente a me dedicar à faculdade. Comecei a envolver-me mais com projetos, eventos e com o centro acadêmico do curso.

E nesse ritmo, no quarto semestre do curso de Pedagogia, resolvi fazer uma disciplina optativa. Quando iniciei a disciplina relacionada à Pedagogia da Comunicação, achei que seria apenas mais uma. Engano meu. Nestas aulas comecei a entender o sentido da pesquisa na escola, o contato com os alunos, as coisas que acontecem dentro e fora da universidade, mas que de uma forma ou de outra, afetam as nossas vidas pessoais e profissionais. Jamais havia entrado em contato com pesquisa nos outros semestres do curso de Pedagogia. Não havia tido a oportunidade de estar em sala de aula além do meu período de estágio no magistério. Essa disciplina que frequentei, possibilitou-me a participar de uma seleção para ser bolsista de iniciação científica. Após ser selecionada, comecei a fazer parte do projeto de pesquisa (como bolsista de Iniciação Científica da **FAPERGS** – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul). Esse projeto intitulava-se “Escola Pública e Pedagogia da Comunicação: Conhecendo os Adolescentes e os Professores em Serviço”¹. Tinha como objetivo pesquisar a influência dos meios de comunicação em adolescentes que frequentavam uma escola pública da periferia da cidade de Pelotas, além de desvendar quais os gostos desses jovens e as relações que estabeleciam com seus amigos, professores, família e com as mídias, bem como com os colegas também adolescentes. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Luis Carlos Corrêa da Silva, localizada na periferia da cidade de Pelotas/RS, e os jovens da pesquisa tinham entre 11 e 16 anos de idade. Pesquisamos quais eram seus gostos, sentimentos, reações com as outras pessoas, e qual a influência que sofriam das mídias.

A partir desse momento, dei início a uma caminhada que jamais havia me dado conta em todo o meu período de formação: como as mídias e tecnologias influenciam e instigam os sujeitos. Antes deste período, eu não me dava conta da relação que mantemos com as mídias nos meios em que vivemos, tanto familiar quanto escolar. Choramos quando vemos o final de uma novela ou filme, rimos com

¹ O projeto era coordenado pela professora Dr.^a Tania Maria Esperon Porto e composto por alunas de graduação em Pedagogia e de Pós-Graduação – Mestrado. Este projeto contava com financiamento da **FAPERGS** e **CNPq**.

as comédias da TV ou do cinema, ficamos preocupados com as atrocidades que acontecem no mundo e que vemos divulgadas na internet, nos jornais e na TV. Hoje percebo o quanto as tecnologias estão presentes em nossas ações diárias e sociais; o quanto dependemos delas para tomarmos atitudes, fazer com que tenhamos coragem de seguir em frente em situações impensadas.

A televisão, em especial, sempre fez parte do meu cotidiano. Em casa era a TV quem nos reunia, a mim e a minha família de noite para ver as notícias, jornais e filmes. Nunca havia percebido como nos deixamos levar pelos meios de comunicação e como eles nos ajudam a conduzir nossa vida e nossas ações diárias. No meu estágio de magistério parecia não compreender a importância dos assuntos trazidos pelos alunos, sobre músicas, novelas e filmes que estavam em evidência na mídia televisiva. Acredito que por não saber lidar com o assunto ou por medo de me aventurar pelo desconhecido, deixei passar muitos momentos que poderiam ter contribuído para um melhor aprendizado dos alunos. Creio que, de certa forma, eu “podava” a participação deles em sala de aula, por não saber como trabalhar com os conteúdos que faziam parte do seu cotidiano e das suas vidas. Sentia-me um tanto culpada por isso, mas não sabia o que fazer naquele momento e nem a quem recorrer.

Então, durante o curso de Pedagogia, mais especificamente quando ingressei no projeto de pesquisa sobre adolescentes e meios de comunicação, despertou em mim o interesse pelas diferentes formas de comunicação midiáticas que mexem tanto com os sentimentos quanto com os desejos e envolvimento das pessoas e dessas com os meios de comunicação e informação.

Observando as situações vividas na pesquisa, percebo que o convívio com os adolescentes fez-me ver as relações que eles estabelecem com as tecnologias digitais e despertou em mim o interesse em estudar alguns aspectos dessas relações. É importante situar que a pesquisa da qual fazia parte naquele momento, foi determinante na escolha do tema a ser investigado no mestrado.

Na coleta de dados que realizávamos com os alunos e nas interações que mantínhamos com eles, percebíamos que as mídias eram um forte referencial para esses jovens. Seu modo de agir, vestir, falar e relacionarem-se com os colegas, tudo era permeado pelas mídias a que mais tinham acesso, principalmente a televisão na época de 2003 e 2004.

Durante o período em que realizamos a pesquisa, conseguimos muitos dados que nos permitiram conhecer um pouco mais esses jovens. Escolhemos como estratégia metodológica a pesquisa qualitativa porque nos permite um conhecimento mais aprofundado da realidade escolar. Esse tipo de pesquisa possibilita uma aproximação entre pesquisadores e jovens em estudo, atingindo um nível de realidade que vai além da quantificação, pois trabalha “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21). Utilizávamos para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada e a realização de grupos focais envolvendo as mídias de seu cotidiano, como por exemplo, músicas, capítulos de telenovelas e seriados, imagens fixas e dramatizações.

Segundo Porto (2002), o trabalho nesses grupos permite captar as expressões dos adolescentes, comportamentos e desabafos deles nas “entrelinhas”, possibilitando abordar novas sensibilidades e o desocultamento de saberes. Nem sempre satisfazíamos aos adolescentes com o material que levávamos, mas procurávamos levantar uma boa discussão a cada novo encontro. Tivemos facilidade de aceitação no cotidiano pesquisado por todos os sujeitos escolares (alunos, corpo administrativo e professores).

Percebemos que os jovens possuem uma forte ligação com a televisão e o rádio, revelando a importância que estes meios exercem em suas vidas, determinando inclusive, outros referenciais impregnados pelos modelos midiáticos. Por exemplo, em um encontro coletivo com os alunos, levamos *clips* musicais e percebemos a ligação que eles tinham com os meios aos quais acessavam. Quando ouviram a música *Assim caminha a humanidade*, do Cantor Lulu Santos, os jovens logo se lembraram da telenovela *Malhação*²

“Lembrei da Malhação! (Acho no tempo que o André Marques era o Mocotó)”. (Taís, 12 anos)

Outro dado levantado é que os jovens criam códigos para comunicarem seus sentimentos. Por exemplo, ao ouvirem a música “Assaltaram a gramática”, de Lulu

² Telenovela que ia ao ar na Rede Globo de Televisão, as 17h e 30 minutos.

Santos e Gabriel, O Pensador, eles escreveram o que sentiram, relacionando com o que viam e com a época em que escreviam tudo errado:

“Eu mi lambre di cuando. Eu tava na primera seri ki eu iscrevia tudo erado. Escrevi de frege” (Piero, 15 anos).

Ao verem o *clip* do grupo N'SYNC, se lembraram também de fatos que não fazem parte do seu cotidiano, mas que eles conseguiram acompanhar pela televisão

“Me lembrei da Britney Spears que já foi namorada do Justin Timberlake que é vocalista do N'SYNC”. (Piero, 15 anos)

Pensando sobre as falas e escritas desses alunos, comecei a perceber que elas continham palavras abreviadas – que pela norma culta eram consideradas como erros ortográficos semelhantes à escrita das conversas e mensagens enviadas e recebidas pela internet e celular.

Nesse contexto percebi que a cultura que o aluno leva para a sala de aula é resultado da cultura das mídias, cultura que para Babin e Kouloumdjian (1989) está presente no cotidiano social e nas vivências dos jovens. Isso ficou evidente uma vez que eles se sentiram mais a vontade quando falávamos dos assuntos que fazem parte de seu cotidiano, tais como os programas televisivos e as músicas que ouviam.

1.2. O trabalho profissional com os jovens

Concluí o curso de Pedagogia em abril de 2006. Depois da cerimônia de formatura, da festa e de todo aquele momento de euforia, veio um grande medo, uma grande dúvida: e agora, o que fazer?

Surgiu então a oportunidade de trabalhar em um Ateliê³. Era um trabalho bem distante da minha formação, mas precisava continuar em Pelotas e não queria depender dos meus pais por mais tempo. Trabalhei por cinco meses e, quando não estava atendendo ao público, tinha espaço para realizar leituras. Nesse período também vivi coisas que nenhum livro ensina e que só aprendemos através das experiências e convivência com outras pessoas: compreender a vida e muitas das

³ Ateliê Arte & Móveis, em Pelotas/RS.

relações que estabelecemos. Percebi nesse período como as pessoas têm a necessidade de falar de si, de abrir o seu diário particular a pessoas totalmente estranhas. Muitas das pessoas que frequentavam o Ateliê iam para conversar, para contar seus problemas, para ter com quem compartilhar suas angústias. A grande maioria desse público não era jovem, mas eram pessoas com muitas experiências, que queriam falar de si. Nesse momento comecei a relacionar este fato com a necessidade que os jovens têm de comunicar-se com outras pessoas.

Em setembro do mesmo ano, decidi que precisava buscar uma atividade ligada a minha área de formação. Comecei a fazer trabalho voluntário na Casa da Criança São Francisco de Paula⁴. Fiz esse trabalho durante mais ou menos um mês. Durante esse período estava em busca de um emprego. Fui então chamada para fazer uma seleção de emprego no SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Pelotas/RS, no qual fui selecionada. Demorou mais ou menos um mês para ser chamada para trabalhar. O cargo que eu ocupava nesta instituição era de professora de um curso profissionalizante para o primeiro emprego. Esse curso é oferecido gratuitamente para alunos que nunca trabalharam com carteira assinada. O público que eu atendia era de adolescentes de 14 a 24 anos incompletos. Eu lecionava várias disciplinas que tinham como objetivo preparar os alunos para o mercado de trabalho, ensinando inclusive o Português, uma das disciplinas que eu sentia grande dificuldade de lecionar, por perceber justamente que a língua materna causava angústia nos alunos. Angústia essa demonstrada pela insegurança na hora de escreverem palavras que desconhecem ou que não utilizam com tanta frequência.

Neste período percebi que os alunos buscavam assemelhar-se ao máximo aos amigos que passavam por mudanças parecidas às suas. Pude ainda observar a influência das tecnologias, em especial da internet na vida cotidiana desses jovens e as mudanças que vão ocorrendo nesse período da sua vida. A grande maioria, mais ou menos 70% dos alunos possuía Orkut⁵ e MSN. Fora da sala de aula os alunos

⁴ A Casa da Criança São Francisco de Paula atende às crianças de pais que comprovem baixo poder aquisitivo e que trabalham durante todo o dia. Essas crianças passam o dia na instituição, realizam atividades pedagógicas e recebem as refeições diárias que necessitam.

⁵ Todas as palavras e expressões relacionadas com as tecnologias e internet estão explicadas no glossário ao final desta dissertação. Cabe ainda salientar que, na apresentação destas palavras não serão usadas aspas, itálico, ou qualquer outra forma que as diferencie das demais expressões. Elas serão escritas como são encontradas normalmente, devido à frequência e a naturalidade com que são utilizadas neste texto e no contexto da pesquisa, embora muitas das palavras estejam escritas em inglês.

comunicavam-se pela internet, mesmo estando juntos todas as tardes. Parecia que tinham que estar em contato constante e que o tempo de sala de aula não era suficiente para compartilharem segredos e conversar sobre assuntos que não eram relacionados ao curso.

Trabalhei com os alunos adolescentes desde o final do ano de 2006 e todo o ano de 2007. A cada novo semestre mudavam os alunos; fiz muitas amizades, eu tinha com eles uma relação muito estreita; pois mesmo sendo sua professora, tínhamos quase a mesma idade e interesses semelhantes, tais como músicas, festas e internet. Percebi que eles sentiam necessidade de compartilhar segredos e pedir-me opiniões, conversar temas que iam além da sala de aula. Com todas as cobranças de conteúdo e formalidades que existem dentro das instituições formativas, quase não era possível ter um contato mais direto com eles em sala de aula e abranger 'papos' não somente relacionados ao conteúdo. Muitos deles me adicionavam no MSN e no Orkut. Fui confidente de muitos dos meus alunos. Criei com muitos deles mais do que uma relação de professor e aluno, criamos uma relação de amizade. Talvez fosse por esse motivo que minhas aulas eram consideradas, segundo comentário deles próprios, uma das melhores, uma vez que era divertida e participativa.

Percebi que nas conversas por meio da internet, eles apresentavam uma escrita diferente da escrita culta da sala de aula. Por curiosidade, questionei-os se eles se controlavam na hora de escrever na escola e a resposta foi positiva. Os jovens não querem ser repreendidos na escola pela escrita que usam na internet que, no entendimento deles, era considerada fora do padrão escolar. A linguagem simples e de fácil decodificação usada na internet ainda não era aceita na escola, segundo aqueles alunos.

Refletindo e pensando sobre a minha prática e sobre as escritas desses alunos no MSN e na escola, percebi que eles evidenciavam dificuldade para separar a linguagem virtual escrita no computador da norma culta exigida pela escola. Tanto na escola quanto na internet, os jovens usam gírias e abreviações, características de sua idade e dos meios que utilizam. Conforme me disseram em 2007, a escrita com gírias e/ou termo segundo usavam no computador facilita e agiliza a comunicação com os pares, propiciando a rapidez na transmissão de mensagens. Em trabalhos a serem entregues aos professores (conforme relatado por eles) tinham um cuidado

maior, diferentemente de quando escreviam para si ou para os colegas em “papos” informais.

Popularmente essa nova forma de comunicação escrita é entendida como linguagem internáutica⁶ e carrega em sua base, características da fala e da escrita. Esse termo ainda não é encontrado em dicionários, mas é amplamente usado hoje em dia. A linguagem internáutica é uma linguagem que surgiu no ambiente virtual e é baseada na simplificação informal da escrita; seu objetivo é tornar mais ágil e rápida a comunicação, tornando-a uma linguagem fonética e quase visual. Faz parte dessa linguística os símbolos, abreviações e combinações de caracteres.

Assim, observando a influência dos meios tecnológicos na vida dos jovens, acredito ser de fundamental importância problematizar os processos que envolvem a escrita dos jovens na escola e fora dela para comunicação.

Acredito que a tentativa de compreender esses processos de comunicação auxilia na comunicação de professores e alunos. Dos professores porque eles precisam novas alternativas, meios para ensinar e se comunicar com os alunos de forma que a comunicação entre ambos tenha sentido, já que o aluno está em contato com as mídias que fazem parte de suas vidas.

Foi nesse momento, como professora de jovens e, instigada pelas tecnologias digitais e as suas aplicações no cotidiano deles, que percebi a necessidade de estudar/pesquisar sobre as linguagens dos jovens em relação às tecnologias. Como havia trabalhado como Bolsista de Iniciação Científica (FAPERGS), a pesquisa sempre foi instigante para mim. Então decidi descobrir e buscar algumas explicações para as minhas dúvidas.

Nessa ocasião, resolvi fazer a seleção para o Curso de Mestrado em Educação de Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Pelotas. A escrita do projeto, as leituras, as dúvidas e a incerteza de como colocar no papel tornaram possíveis todas as minhas angústias, para que eu vivesse um período de muita reflexão em busca do desconhecido.

Todo o processo de seleção é angustiante, ainda mais quando se têm muitas expectativas sobre um futuro incerto. Se não conseguisse passar e cursar o mestrado, certamente teria que abandonar a cidade de Pelotas e com isso, deixar de

⁶ Há outras nomenclaturas para designar tal escrita, como por exemplo, linguagem da internet, internetês, mas para fins dessa dissertação será utilizada a expressão “linguagem internáutica”.

lado, temporariamente, meu desejo de realizar o curso de Pós-Graduação – Mestrado.

Depois da aprovação na seleção, aprendi a conciliar o trabalho e o estudo em meio às dificuldades. No início foi um período bem complicado e, hoje percebo o quanto poderia ter aproveitado mais os conhecimentos ensinados pelos professores se tivesse aproveitado melhor o tempo. Também não lamento, pois acredito que a experiência profissional foi que me instigou a querer conhecer e entender as novas linguagens, essas novas formas de comunicação que estão surgindo com as tecnologias e que estão tão presentes em nossas vidas.

Assim sendo, iniciei a caminhada em busca de novos conhecimentos por meio da pesquisa, tentando entender essa realidade e procurando elementos que possam auxiliar minha prática docente.

1.3. O problema e as questões de pesquisa

Observar as mudanças sociais, culturais e econômicas que vêm ocorrendo em nossa sociedade encaminha nosso olhar para a escola e o ensino atual. Estas alterações afetam a educação fazendo surgir novas formas de pensar, agir, comunicar e de (re)produzir a cultura. As novas informações chegam até nós sob diferentes apelos visuais, auditivos e emocionais e a velocidade das mudanças que ocorrem impõe-nos um repensar contínuo sobre os referenciais atuais, assinala Porto (2000).

Acredito que um dos problemas da educação é que a escola, em geral, e os professores, em especial, ignoram as linguagens midiáticas presentes no cotidiano dos alunos. De acordo com as idéias de Fischmann, que estuda desde a linguagem oral à linguagem da hipermídia:

A escola, como nossa civilização, tem valorizado demais o verbal e o racional. A formação de professores se afirma nessa mesma atitude, fechando um ciclo vicioso, a transmissão de certo tipo de conhecimento que se pretende linear, que se multiplica e reproduz como se fosse linear, instaurando facilmente a falta de motivação para o estudo (2000, p.08).

Em geral, os professores ainda não estão abertos para a incorporação destas em seu cotidiano (PORTO, 2003). As tecnologias digitais, em especial as de comunicação e informação que dão prazer (como televisão, internet, celular e rádio), são os mais utilizados pelos estudantes, embora continuem “longe” da escola.

O consumismo, o individualismo e a competição são características do modo capitalista que constitui nossa sociedade, veiculando saberes e culturas sociais através dos meios de comunicação. Os valores de vida do indivíduo vão sendo construídos lentamente, ao longo de sua existência e são repassados e/ou construídos culturalmente, por instituições como a família, a escola e os meios de comunicação. Entendemos que o homem constitui-se nas interações com os outros homens (mediadas pelas instituições citadas) e nesse interagir ele produz cultura. Assim, cultura não é algo pronto e definitivo. É algo que se faz e que se constrói em cada relação. Da mesma forma, a linguagem, que é uma manifestação cultural, é produzida e utilizada por todos em todos os momentos, de acordo com as necessidades dos indivíduos. Desta forma, percebemos que a linguagem está inserida na cultura social e é produto de um processo histórico sendo reinventada sempre que utilizada. A linguagem não é apenas o resultado de uma interação social, mas é também, parte da condição humana; ela dá ao indivíduo poder de argumentação, de leitura e a explicação da realidade.

Hoje não é mais somente o professor que detém todas as informações e conhecimentos necessários à formação dos alunos; tanto as informações quanto os conhecimentos vêm da sociedade e das interações sociais dos indivíduos. Os alunos de hoje não são mais meros receptores de informações, que nada sabem. Deixaram de ser “tabulas rasas”, ou uma tela em branco, segundo conceito de John Locke (1973), cabendo aos professores depositarem neles seus saberes, numa concepção de educação bancária, segundo conceitos de Paulo Freire (1983).

Acredito que a aprendizagem do indivíduo não acontece mais da forma como antes. Os alunos aprendem não só na escola, que sempre foi considerada a instituição máxima do saber, mas também através das imagens e mensagens que vêm em todo o momento, em todos os lugares. As tecnologias (como por exemplo, a TV, o rádio e a internet) transmitem muitas das informações que estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

De acordo com Belloni (2008):

A integração das tecnologias de informação e comunicação (TICs) aos processos educacionais é uma das transformações necessárias à escola para que esteja mais em sintonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea de economia globalizada e cultura mundializada (p. 98).

A quantidade sobrepõe-se à qualidade, as informações que podem ou não virar conhecimentos, depende do olhar que o indivíduo lança sobre elas, como as interpreta a partir dos referenciais que tem em suas vivências no dia-a-dia.

Porém, nem toda informação é conhecimento (principalmente nas tecnologias digitais). Cabe então ao professor e ao aluno transformar essa informação em conhecimento, trabalhando com a gama de possibilidades que são oferecidas pelas tecnologias.

Estar em contato com os alunos, suas linguagens e seus saberes percebendo suas emoções, sentimentos e valorizando sua cultura, que ultrapassa os muros escolares, faz parte do processo de ensinar. Assim, se os saberes oriundos das vivências dos alunos forem valorizados na escola, eles terão elementos para construir seus próprios saberes.

A cultura que o aluno traz envolve conhecimentos variados e heterogêneos, originados dos grupos sociais que ele participa. Essa diversidade é uma “miscelânea de elementos onde nenhum predomina” (SNYDERS, 1988, p. 90). Por exemplo, os adolescentes se utilizam de palavras cifradas tmb (também), vc (você), + (mais), ksa (casa), kda (cada), msg (mensagem), hje (hoje) para comunicar-se com os amigos nos blogs, chats, MSN e celular. Entender e considerar esta realidade auxilia no meu trabalho como professora de adolescentes.

Pensando sobre todos esses elementos, considerando minhas próprias experiências de ensino e de aprendizagem influenciadas pelas tecnologias e, pelo contato com os estudantes adolescentes que se utilizam de tecnologias e de suas linguagens, tive como objetivo pesquisar a escrita destes jovens em ambiente virtual (MSN e Orkut) para buscar compreender os usos que eles fazem dessa escrita no ambiente escolar. Para alcançar este objetivo, procurei responder as seguintes questões:

– Como vêm sendo materializadas as formas de comunicação virtual, especialmente a escrita, entre jovens usuários da internet?

– Será que os estudantes encontram dificuldades para separar a escrita virtual da escrita da escola?

– Em que medida a escrita internáutica influencia a escrita na escola? Quais as relações que tais linguagens mantêm entre si? Quais as negociações que esses jovens fazem? Por quê?

2. TECNOLOGIAS

2.1. A transformação progressiva das tecnologias e suas linguagens

Buscava algo, não sabia o quê, mas que pudesse me instigar a escrever esse capítulo. Sensações indescritíveis faziam parte das coisas que pensava e nada parecia ter muito sentido no que eu queria. Mas acredito que as coisas acontecem no momento certo. Quando fui “obrigada” a formatar meu computador e reinstalar os programas, surgiram as palavras que me fizeram dar o pontapé inicial: *“Essa é a nova maneira de trabalhar e se manter em contato”* (Menu de instalação do Windows XP). Realmente percebi que precisava do computador para trabalhar, para produzir, para estar em contato com as informações e, como não podia deixar de ser, até para os meus momentos de lazer. Aí então percebi verdadeiramente o quanto dependo das tecnologias e do quanto elas são essenciais no meu cotidiano e de todas as pessoas. Não consigo imaginar minha vida e as atividades que realizo sem ter em mãos o computador. Acomodação, agilidade, diversão, trabalho, lazer, distração, enfim, várias finalidades através do mesmo meio. Ele se torna essencial para cada indivíduo que o utiliza.

Estamos tão acostumados com certas comodidades tecnológicas que não conseguimos nos imaginar sem elas: telefone, água encanada, luz elétrica, etc. Mas nem sempre foi assim. Na origem da humanidade, eram utilizadas apenas as capacidades humanas naturais: pernas, braços, músculos e sobretudo o cérebro. O corpo sempre foi a principal ferramenta para a evolução da espécie e, quando o homem começou a andar ereto e a ter suas mãos livres para o manuseio de objetos, criou novos elementos que favoreceram sua vida diária, ocorrendo, então, um grande avanço nas relações que passou a estabelecer com outros seres com os quais convivia. O ser humano, a partir desse momento, começou a criar novas relações com a natureza e, para conseguir sobreviver com as adversidades que encontra, criou formas de adaptar-se aos ambientes utilizando a linguagem para isso. Começou a usar a tecnologia que tinha ao seu alcance para conseguir se desenvolver nesse contexto. A linguagem faz parte de seu próprio corpo em relação aos materiais a sua volta.

Conforme entende Kenski, “tecnologia é poder” (2007, p. 15). Quem tem as tecnologias ao seu alcance, tem elementos que contribuem para a evolução da sociedade. Na idade da pedra, por exemplo, os homens conseguiram sua supremacia dominando os elementos da natureza. Com a água, fogo, pedaços de pau e ossos, eles dominavam ou afugentavam possíveis ameaças. Por meio da manipulação e interação com os meios, o homem foi modificando as ferramentas tecnológicas de acordo às suas necessidades, aperfeiçoando-as ao longo dos anos.

Pensando sobre as tecnologias, percebo que há uma relação muito estreita entre tecnologia e linguagem. A linguagem é na verdade uma forma de tecnologia e, como modo de comunicação, é a mais antiga forma de expressão, que possibilita diálogo, transmite idéias, notícias e pensamentos. O uso da linguagem falada definiu a cultura e a forma de transmissão de conhecimentos de um povo, oralidade essa que delimitou o mundo a sua volta, criou uma concepção particular de espaço e de tempo (KENSKI, 2007) e determinou as relações entre as pessoas. Nessa forma de comunicação, segundo modelo de David Berlo (apud PORTO, 2003) havia a presença de um emissor e um receptor da mensagem, a comunicação era estabelecida frente a frente. Contos, fábulas, lendas e histórias foram narradas por meio da oralidade. A cultura e a identidade eram repassadas para as gerações seguintes através da linguagem oral. A oralidade é a forma mais primitiva de comunicação.

Mas aos poucos foi surgindo a linguagem escrita para suprir as necessidades que a linguagem falada não conseguia dar conta, como por exemplo, a distância entre as pessoas. Essa nova linguagem que foi nascendo em forma de desenhos e objetos representados nas cavernas, começou a revelar a história dos povos contribuindo com outras possibilidades de comunicação. A linguagem escrita evoluiu mais com a descoberta da imprensa por Gutenberg. Essa forma de comunicação exige o entendimento do que está escrito e sendo comunicado, uma vez que há uma distância entre o emissor e receptor. A tecnologia da forma escrita, interiorizada como comportamento humano, interage com o pensamento, libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente. Torna-se assim, uma ferramenta para a ampliação da memória e para a comunicação entre os sujeitos (KENSKI, 2007).

Analisando desse modo os processos evolutivos, através dos quais a linguagem perpassa, recordo a Trivinho (2001) que apresenta tais tipos de

comunicação porque passou à humanidade, a comunicação interpessoal, de massa e ciberespacial.

A comunicação interpessoal envolve a noção de interação entre pessoas, com mediação pela linguagem verbal e/ou não verbal (imagens e gestos). Apresenta-se em duas vias: presencial e a distância. As relações que se estabelece ainda hoje existem nesses dois modos, mas com a evolução, acontecem de forma diferente. Há alguns anos atrás a comunicação entre os indivíduos acontecia por meio de cartas, telefone, telégrafo e nem sempre permitiam a interação em tempo real. Hoje a comunicação acontece em tempo real por meio da internet.

A comunicação em massa compreende a transmissão e recepção à distância, com produtos imagéticos e informativos (televisão, jornal, rádio). Ela ocorre em um processo de sentido unidirecional, sempre com a mediação de produtos televisivos e máquinas eletrônicas. Produz a noção de interatividade, além da massificação. Pode ocorrer em tempo real ou não (programas gravados).

A comunicação ciberespacial é uma modalidade avançada de comunicação entre os sujeitos que permite o tele transporte individualizado, através de máquinas e redes interativas. A internet e os meios que a compõem fazem com que essa sensação de tele transporte esteja presente em nossas vidas, uma vez que estamos inseridos no ciberespaço, através da internet. Por meio dela podemos conversar com pessoas de todos os lugares do mundo e até mesmo vê-las através de webcam. O tele transporte individualizado permite ir a outros lugares sem ter a necessidade de uma pessoa física para que haja essa interação, desde que haja o acesso correto no ambiente virtual, no ciberespaço (TRIVINHO, 2001). O território deixa de ser o físico para ser o cultural, onde pessoas se reúnem em torno de comunidades.

Complementando a idéia do autor, Barreto (1998) apresenta um quadro sobre a comunicação, salientando neste, os tipos de comunicação e as características que fazem parte desse processo. Por meio dele, a autora evidencia as modificações na estrutura da comunicação, bem como as diferentes fases que determinaram seus contextos:

Tipo de Comunicação			
Característica	Oral	Escrita, tipográfica	Eletrônica
Fundamental	Linguagem	Escrita alfabética, texto linear	Integração homem – máquina
Tempo de transferência	Imediato	Interação com o texto	Tempo real = imediato
Espaço de transferência	Convivência auditiva	Geográfico	Redes integradas
Armazenamento	Memória do emissor	Memórias físicas construídas	Memórias magnéticas
Relação de audiência	Um para vários	Um para muitos	Muitos para muitos
Estrutura da informação	Interativa com o emissor, uma linguagem	Alfabética, sequencial, um tipo de linguagem	Hipertextual com diferentes tipos de linguagens
Interação com o receptor	Conversacional, gestual	Visual, sequencial, linear	Interativa e interconexiva
Conectividade (acesso)	Unidirecionado	Unidirecionado	Multidirecionado

Tabela 1. Comparativo entre os tipos de comunicação. Fonte: Barreto (1998).

Segundo o autor, a comunicação foi sofrendo mudanças ao longo dos anos, alterando a vida cotidiana das pessoas. Hoje, quase já não se fala para apenas um receptor, mas para várias pessoas ao mesmo tempo, em tempo real e, nesse processo, a integração já não precisa ser homem–homem, mas homem – máquina – homem. O espaço de transferência dessa comunicação é por meio de redes interligadas pelo mundo todo, através de mensagens e imagens. A comunicação também já não acontece apenas por meio de gestos, não há mais as substituições de palavras por expressões faciais e já não se completam pensamentos com mímicas.

É uma nova linguagem que emerge como característica muito própria dos novos meios tecnológicos que estão presentes no cotidiano das pessoas. É a linguagem eletrônica que engloba outras formas de comunicação. Esta linguagem abarca diferentes maneiras de expressão que não delimitam os emissores e receptores da informação. Acontece integração entre homem - máquina que possibilita a troca de informações em tempo real, por meio das redes integradas. Sendo assim, as linguagens utilizadas são múltiplas e a rede conecta pessoas ao

redor de informações, interesses e culturas. A comunicação que antes tinha suas bases na oralidade e na escrita dá lugar a uma comunicação interativa e interconectiva, deixando um pouco de lado a escrita linear e sequencial, já que a conexão acontece em várias direções sem espaço e tempos determinados. É uma comunicação em rede.

O que vai delineando essas características que nos fazem compreender a cultura e a história das tecnologias é o desenvolvimento humano e tecnológico de cada época da civilização (KENSKI, 2007). O avanço científico da sociedade acabou ampliando o conhecimento e a cada nova era são criadas “novas tecnologias”. Não se pode deixar de levar em consideração que o conceito de novas tecnologias é variável e textual, podendo até ser confundido com o conceito de inovação, uma vez que com o rápido desenvolvimento tecnológico torna-se difícil estabelecer um limite de tempo para considerarmos algo como novo ou ultrapassado, bom ou ruim. Então, falar de tecnologia na atual conjuntura que se vive é fazer referência aos processos e aos produtos relacionados com os conhecimentos de eletrônica, microeletrônica e telecomunicações. Para Kenski, na atualidade

O surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias – assim consideradas em relação às tecnologias anteriormente existentes – quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo (2007, p.22).

O surgimento de novos modelos de sociedade é determinado, principalmente, pelos avanços dos meios digitais de comunicação e informação. Esses meios, em geral, estimulam e delineiam novas formas de existência e de relação do indivíduo consigo e com os outros, modificando e alterando as qualificações profissionais. O telefone, o computador e a televisão alteraram nossa forma de conviver e aprender. Através desses meios conseguimos interagir com outras pessoas, não importando a distância que estão de nós.

A velocidade na comunicação causa a permanente necessidade de atualização do homem para acompanhar essa evolução. A agilidade então se torna uma das características mais marcantes dos meios já que eles estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Eles criam novas formas de comunicação, por meio

de múltiplas linguagens e diferentes modos de ver a realidade e propiciar relações entre as pessoas.

Falar, pensar e tentar entender os processos que acompanham as tecnologias digitais é bastante complexo, já que estas estão ligadas à evolução da humanidade.

É impossível falar sobre as tecnologias e as mudanças que trouxeram para a nossa vida cotidiana sem falar das implicações que vieram junto com a incorporação das tecnologias digitais nas nossas vidas, principalmente no que tange a questão do espaço e da temporalidade. De acordo com Saraiva (2006), o espaço e o tempo são noções construídas a partir da própria vida e linguagem. A compreensão desses elementos varia de acordo com os períodos históricos, econômicos, políticos e culturais que vivenciamos e, dessa forma, o modo como cada sociedade percebe o tempo, vai ao encontro de suas necessidades e sua organização.

Atualmente essas noções vêm passando por profundas transformações, já que o acesso a vários meios modificam nossas relações com situações e pessoas com as quais mantemos contato. As idéias que temos hoje acerca de tempo e espaço vem se alastrando durante os séculos.

Na época Medieval, por exemplo, o espaço era compreendido apenas como um pedaço de terra demarcado por fronteiras. “A representação do lugar era fortemente sensorial, havendo uma fraca distinção da representação de tempo” (SARAIVA, 2006, p. 31). A concepção que predomina baseava-se na idéia aristotélica, para qual o espaço é o que envolve o corpo. Esse espaço no mundo medieval era definido como espaço do corpo e espaço da alma. Havia uma mistura de místico e de real (e hoje falamos tanto em virtual e real), anjos e demônios, céu e inferno.

No período Renascentista aparecem os primeiros sinais de que tempo e espaço se modificam e dão lugar às concepções que temos hoje acerca deste tema. A pintura bidimensional e tridimensional tem grande influência nesse período, já que permite outros olhares sobre o espaço e o tempo.

Quando Gutenberg inventa a imprensa, as noções de espaço e tempo sofrem modificações ainda mais significativas. Na escrita

o autor do texto está ausente fisicamente, mas se materializa através daquilo que redige. O lugar é afetado por atores que agem a distância. A comunicação escrita independe de amarras temporais e espaciais. A

experiência de tensão entre a presença e a ausência gradativamente irá se acentuar e será uma das marcas da Modernidade. (SARAIVA, 2006, p. 36)

Por volta do século XIV, com o surgimento dos relógios, o tempo se torna um divisor entre passado e futuro, já que a rotina de vida torna-se uma constante. Com as invenções tecnológicas, há uma aceleração no desenvolvimento do capitalismo e nas percepções de espaço e tempo.

Com a revolução industrial, o deslocamento da informação é agilizado pelo telefone e pelo telégrafo. “O tempo necessário para percorrer o espaço era cada vez mais diminuto, pelo menos para aquela parcela da população com condições de acesso a esses bens” (SARAIVA, 2006, p. 40).

Essas mudanças que ocorrem, em geral são acarretadas pelas tecnologias e causam aquilo que Harvey denomina de compressão do espaço-tempo. As distâncias são diminuídas, dando a sensação de que o “mundo encolheu” (SARAIVA, 2006, p. 40) e que cada vez mais temos menos tempo para fazer mais coisas.

Nas últimas décadas do século XIX começa-se a perceber que espaço e tempo estão intrinsecamente interligados. Hoje, pressionar uma tecla do computador e ver na tela as informações parece uma eternidade, pois

parece que as tecnologias atuais com sua capacidade de acelerar o ritmo de vida, vêm alterando as percepções do tempo de duas formas distintas e aparentemente paradoxais: a compreensão do tempo, ligada a um modo de vida que exige a realização de um número crescente de tarefas e que torna o tempo de realização dessas tarefas cada vez mais curto, e sua dilatação, pois nas altas velocidades em que estamos vivendo somos tomados pela urgência que faz com que percebemos os períodos como cada vez mais longos (SARAIVA, 2006, p.47).

Veiga – Neto traz a idéia de *lugarização*, que denomina como o processo de poder trocar de lugar e criar novos lugares. Os ambientes virtuais são exemplos práticos desse conceito. Cada internauta pode criar seu espaço na rede virtual, interagir com ele, permitir que outras pessoas visitem esse espaço e visitar outros lugares que não sejam seus. Ele pode mudar de lugar, de cidade, Estado ou País sem sair de casa. Ele pode ir a todos os lugares que deseja, pode passear, bisbilhotar, matar sua curiosidade ou apenas aguçá-la com tantas informações disponíveis.

A comunicação é então facilitada por meio dos processos de virtualização de informações e conhecimentos que os computadores e a internet viabilizam. É importante lembrar que a tecnologia (em especial os computadores e seus aplicativos) ajuda o indivíduo a não fazer tanto uso de algumas de suas faculdades mentais, como por exemplo, da memória, uma vez que ela possui grande capacidade de armazenamento de dados.

Segundo Barreto (1998), as mensagens são transmitidas em tempo real através de redes interligadas no mundo todo. Uma das transformações que acontece com esse tipo de movimento é o aparecimento de novas linguagens de comunicação; um exemplo disso é a estrutura hipertextual, que é frequente na comunicação eletrônica. Novas linguagens e novas tecnologias vão surgindo e tomando conta dos mecanismos de comunicação.

Para Lévy (1999), “ocorre uma expansão no campo das telecomunicações, devido à natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento” (p. 13). A quantidade de informações e conhecimentos que transitam nos meios multiplica-se e aceleram-se cada vez mais, uma vez que

[...] a densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecido das mídias, a guerra das imagens, propagandas e contrapropagandas, a confusão de espíritos. (LÉVY, 1999, p. 13)

Ainda de acordo com o autor, “a tecnologia não é boa nem má, “tampouco neutra, já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades” (LÉVY, 2000 p. 26).

Os indivíduos convivem e adaptam-se às mudanças vividas com as tecnologias nas sociedades, uma vez que as primeiras são frutos da cultura dessa mesma sociedade que a origina e contribui para a sua evolução. Assim, as pessoas transitam e inserem-se na sociedade mediadas pelas tecnologias que lhes são contemporâneas, transformando seus modos de pensar, agir e sentir.

Logo as tecnologias digitais não são apenas meras ferramentas. De acordo com Kenski (2007), o conceito de tecnologia engloba todas as coisas que a engenhosidade humana foi capaz de criar em todas as épocas, com determinadas formas de uso e aplicações. Hoje já não importa mais o lugar onde as pessoas

moram, mas sim suas condições de acesso às novas tecnologias. Com o avanço da tecnologia, surgiram também novas formas de usá-las. Entendo como tecnologias os meios que os indivíduos têm acesso e que facilitam a sua vida, os auxiliam na realização das tarefas, permitindo-lhes espaços de interação, troca de conhecimentos e entretenimento.

De acordo com Babin e Kouloumdjian (1989), a linguagem audiovisual e as tecnologias de comunicação são a associação de som e imagem no processo de comunicação e surge como uma cultura onde “fala-se mais do que se escreve. Vê-se mais do que se lê. Sente-se antes de compreender” (p. 38). Segundo os autores, essa linguagem que está tão presente no cotidiano dos indivíduos tem a mixagem como característica que a distingue das outras, a linguagem popular, a dramatização, a relação entre fundo e figura e presença ao pé do ouvido, a composição e disposição por *flashing* e razão de ser.

A seguir buscamos relacionar as características dos audiovisuais apresentadas pelos autores às linguagens das tecnologias, em especial da internet que ajudam a entendê-las melhor.

A mixagem é a associação entre som, palavra, imagem e movimentos. Ela está presente nos meios que dirigem suas mensagens aos nossos sentimentos antes de apelar para a inteligência que permite a compreensão racional da mensagem. Por exemplo, a mídia internet porta possibilidades de mixagem entre a disposição da escrita na tela, as cores das páginas e das imagens utilizadas, o arranjo dessas imagens, a escolha do que e como serão apresentados, os sons que acompanham e caracterizam as páginas de navegação entre outros. Tudo isso resulta em uma mixagem de linguagens.

Outra característica da linguagem das tecnologias audiovisuais é a linguagem popular. Segundo os autores, ela exprime uma relação primitiva, essencial, original e física entre os seres e as coisas. Ela busca acrescentar à fala, a mímica, os gestos e a imagem que representa (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p.43). É esse tipo de linguagem que torna a internet acessível a todas as pessoas, possibilitando o entendimento e a percepção das mensagens. As imagens complementam a fala, as expressões e os *emoticons* falam mais do que as palavras. A linguagem presente nos meios deixa de ser literária e passa a ser uma linguagem mais popular e familiar para as pessoas a compreenda sem muito esforço. Nos ambientes virtuais, por exemplo, encontramos uma linguagem que se torna popular

entre os internautas. Essa linguagem como dizem os autores, engloba diferentes modos de ser (imagens, sons, cores e design variado), próprios desse ambiente. Ela é de fácil entendimento para as pessoas que usam esse espaço.

Logo, acompanhar as tecnologias de comunicação é viver no drama: “das notícias, dos filmes, dos jogos inacabados e das dramatizações” (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p. 44). Mesmo assistindo tudo de casa, seja através da televisão ou do computador, escolhemos o programa com mais ação e emoção, que gera tensão, que envolve o sujeito, mesmo que seja de ficção. A dramatização é à força da linguagem audiovisual que possibilita evidenciar a relação entre texto e contexto. Ela demonstra o lado “picante” e extraordinário dos acontecimentos. É a lei que rege o mercado, pois é “preciso captar a atenção, despertar cada vez mais o gosto [do público] de ver e ouvir” (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p. 44). A dramatização está presente em todas as tecnologias. Por exemplo, na televisão, as músicas deixam clara a importância da notícia; nas páginas escritas das telas do computador, dos jornais e revistas o destaque vem através do tamanho escrito das palavras, das cores usadas, das imagens em movimento. As mídias trabalham com a ficção, com o sensacionalismo e o inusitado. Neste sentido, sua produção demanda criatividade e dramaticidade. Na internet, as notícias apresentadas e os dramas ganham destaque através da formatação de palavras, imagens e efeitos especiais usados.

Muito do sentido que atribuímos às tecnologias audiovisuais está no efeito que a distância entre figura e fundo produz no sujeito que a usa. A mensagem está no efeito produzido por meio dessa relação. A imagem produz uma linguagem que, pela sua estrutura, forma e ritmo estimulam e alimentam o potencial imaginário do consumidor (BABIN, 1993, p.88). A imagem e os sons veiculados pela eletrônica aumentam o efeito de vibração e diminuem a distância entre os sujeitos. A presença é antes de tudo, a abolição das distâncias geográficas: à distância “entre a voz e o silêncio, entre a música e a imagem, entre a tonalidade da prova e a palavra pronunciada, entre a cor dominante e a cor excepcional” (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p. 46). A relação que se estabelece entre a imagem, a informação principal e os outros elementos que compõem a mensagem é fundamental para a compreensão desta. Segundo os autores, a diferença entre a linguagem de Gutenberg e a linguagem audiovisual é que

na linguagem das palavras escritas, o que conta primeiro é a figura, isto é, as palavras e sua colocação. Escrever bem é achar a palavra certa e as ligações exatas. A atenção, antes de mais nada, é centralizada na figura. Ao contrário, na linguagem audiovisual, o segredo é primeiro o campo, o enfoque e, nesse campo, apenas algumas palavras (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p. 47).

Nos ambientes virtuais, por exemplo, as palavras, as imagens, os sons utilizados, as formas como são apresentadas as informações produzem em nós diferentes sensações, que nos fazem escolher para onde vamos direcionar nossa atenção. São utilizados diferentes artefatos para fazer despertar e/ou atrair o interesse do consumidor pelas informações apresentadas nesses meios, por exemplo, na internet, as imagens, cores e movimentos suscitam interesses em nós.

Outra característica das tecnologias audiovisuais é a composição e disposição por flashes, que em uma sucessão, invadem o nosso cérebro. Essa invasão não é linear, nem didática, pois se apresenta por meio de facetas que se destacam aparentemente sem ordem. Mas, será que não há mesmo uma ordem para o aparecimento desses flashes? Quando os observamos separadamente parecem ser um desordenamento de imagens. Mas no conjunto em que se encontram descobrimos a mensagem e a imagem final do produto. Desta maneira, cada indivíduo interliga e interpreta a mensagem de acordo as suas necessidades íntimas. Assim, os flashes que compõem a tecnologia são obra do produtor que recria as experiências, exprimindo também uma experiência coletiva do meio onde está presente (op. cit.p. 58). A maneira como tudo é apresentado nos meios, em especial na internet, também não é linear. A internet captura o indivíduo, fazendo com que ele tenha interesse e vontade de buscar mais notícias e informações sobre determinado assunto, tentando entender, dessa forma, a mensagem final do produto apresentado.

Para Moran (1998, p. 159), os meios de comunicação, “desenvolvem formas sofisticadas, multidimensionais, de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens, que facilitam a interação com o público”. Assim, observamos que o autor compreende que os meios falam antes ao emocional às racionalidades, aproximando consumidor e produto. Desta forma, os meios apresentam e ajudam a criar necessidades fazendo com que os indivíduos adaptem-se com facilidade aos conceitos e valores que se apresentam. Por exemplo, em agosto de 2008 todas as tecnologias de informação e comunicação

ocuparam-se com os jogos olímpicos. Todos os olhares se voltaram às olimpíadas, aos brasileiros que representavam nosso país nesse momento da competição. Fazer esportes, representar o Brasil em outros países, ter preparo físico e espírito competitivo está em alta nos meios de comunicação. Nas tecnologias de informação e comunicação, nesse momento, há um grande incentivo para direcionar desejos e vontades dos sujeitos para produtos, bens e serviços de consumo. É observável que as temáticas das tecnologias de informação e comunicação lançam modas, gírias e apresentam valores e comportamentos que são facilmente adotados pelo público, geralmente sem questionamentos.

De acordo com Fischer (1997), as tecnologias de informação e comunicação (TICs) não apenas veiculam, mas constroem discursos e produzem significados nos sujeitos. A autora trabalha com a idéia de

“dispositivo pedagógico” na mídia, o qual se constrói através da linguagem mesma de seus produtos; de que há uma lógica discursiva nesses materiais, que opera em direção à produção de sentidos e de sujeitos sociais; e de que há uma mediação, na relação complexa entre os produtores, criadores e emissores, de um lado, e os receptores e consumidores, de outro, a qual é dada particularmente pelo modo como se estruturam os “textos midiáticos” (1997, p. 63).

Tratar do “dispositivo pedagógico da mídia” significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise atende também às questões referentes às linguagens, estratégias de construção de produtos culturais, apoiadas em teorias dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação. É importante pensar que todos os meios de comunicação (rádio, televisão e internet) têm um caráter de onipresença e tornam-se cada vez mais essenciais em nossas vidas.

Neste momento, vou deter-me na tecnologia internet, que é uma tecnologia que está se disseminando cada vez mais entre as pessoas.

A internet surgiu de uma rede de computadores (conhecida como a ARPHANET: *Advanced Research Projects Agency*), organizada na década de 60 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que tinha como objetivo alcançar a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética, lançando o primeiro Sputnik. Com isso, mantinha a comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos, no período da Guerra Fria. As conexões que eram estabelecidas entre os computadores das bases militares precisavam ser realizadas em tempo

real, já que a necessidade dos processos envolvidos exigia isso. “A rede dependia não somente de máquinas de alto desempenho, mas também de técnicas de controle de tráfego e roteamento” (ALVES, 2002, p. 32).

Quando a ameaça da Guerra Fria passou, a internet foi liberada para os cientistas. Mais tarde, essas conexões foram cedidas para outros países e também às universidades, permitindo, anos depois, a rede virtual como a que temos acesso hoje.

Em um breve balanço histórico, tem-se a seguinte linha cronológica da internet. É importante considerar que o trabalho de Alves (2002), traz dados da história da internet até o ano de 2002. Os demais dados foram obtidos através de pesquisa no site: <http://sobre.uol.com.br/historia/historia.jhtm#> e em Castells (2003) que nos traz um panorama da historia da internet.

1990 – muitos provedores de serviços de internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais (CASTELLS, 2003 p. 15). Foi projetado o WWW (*World Wide Web*), que é um sistema de hipertextos, permitindo a combinação de textos, imagens, sons e outros recursos de linguagem.

1991 – um estudante de 22 anos da Universidade de Helsinki desenvolveu o sistema operacional Linux, baseado no já existente Unix. (CASTELLS, 2003)

1993 – foi lançado o Mosaic, o primeiro visualizador gráfico, tornando possível captar e distribuir imagens pela internet.

1994 – foi criado por David Filo e Jerry Yanh o site Yahoo.

1995 – a internet nasceu para a maioria das pessoas, empresários e para a sociedade em geral (CASTELLS, 2003, p. 19).

2000 – disseminaram-se o MP3 e o Napster, programas para ouvir, baixar e compartilhar música pela internet.

2001 e 2002 – surgiram sucessivos ataques de vírus, especialmente através de e-mails aos usuários da internet.

2003 – foi criado pela Apple o iTunes, uma loja virtual de música e então iniciaram vários processos contra os usuários que baixam músicas pela internet sem pagar direitos autorais.

2004 – começou a se popularizar o uso de webcams entre os internautas; o Brasil é o líder mundial de inscritos no Orkut, o site de comunidades virtuais mais procurado do mundo.

2005 – ultrapassando o Japão, os brasileiros passam em média 15 horas e 14 minutos na internet, batendo o recorde de navegação domiciliar.

2006 – transpondo os limites da TV e dos jornais, a internet é considerada a mídia mais consumida no mundo, segundo estudo da União Internacional de Telecomunicações das Nações Unidas.

2007 – levantamento do IBOPE mostra que o número de assinantes de banda larga no Brasil chega a 7,1 milhões e que o número de brasileiros com acesso residencial à internet chega aos 32,1 milhões.

(<http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/historia.jhtm>).

2008 – pesquisa realizada pela empresa de segurança de internet Sophos indica que o Brasil é o 4º país que mais produz lixo eletrônico no mundo.

Após esse levantamento, é importante destacar que a internet cresce em ritmo acelerado. Cada vez mais pessoas têm acesso à rede. Melhoram-se os canais de comunicação, aumentando a agilidade de envio e a recepção de dados. Ela está se transformando em uma realidade de nosso tempo e pode provocar uma revolução em nossa forma de vida, já que

o modo com que, algumas vezes, a informática tem se apresentado no dia-a-dia, desfaz a aparência de máquinas, sendo, assim, aceita e utilizada com maior facilidade, como é o caso dos celulares, do uso da medicina, dos caixas eletrônicos, entre tantos outros exemplos (CARNEIRO, 2002, p. 23)

2.2. (Re) Conhecendo os ambientes da linguagem digital: o MSN e o Orkut

O MSN (Microsoft Service Network) MSN é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft em suas estratégias envolvendo tecnologias de internet. Surgiu no ano de 1995, e de lá para cá veio sofrendo evoluções. Em um primeiro momento, o acesso era limitado apenas aos assinantes, mas depois que foi se tornando, gradualmente, aberto a todos, foi proporcionando cada vez mais facilidades aos usuários e esse número foi crescendo. O serviço é grátis.

O Windows Live Messenger, programa mais utilizado pelos usuários, é a nova geração do MSN Messenger, parte dos novos serviços online da Microsoft chamados de Windows Live. O novo programa introduz novos recursos além de incluir os já existentes no MSN Messenger.

As linguagens digitais

Não somos mais os mesmos, mudamos as formas de viver e conviver, de estabelecer relações com outras pessoas; nossas lembranças podem ser acessadas nos computadores: fotos digitais, emails e ambientes virtuais possuem histórias de vida, nossas e outras; reencontramos amigos de infância (não somente) por meio de ambientes virtuais, locais virtuais que produzem emoções reais, em tempo real. Podemos ver pessoas que moram longe através de aparatos tecnológicos (webcams).

O computador tornou-se uma peça fundamental. Ele faz parte de redes de interfaces abertas a novas conexões que em geral são imprevisíveis.

Segundo Kenski

considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo... equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados a interatividade. O computador é, portanto, antes de tudo um operador de *potencialização da* informação (2007, p. 41); (grifo da autora).

Os computadores estão interligados por articulações gigantescas entre as pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. Desse modo, o poder da linguagem digital influencia cada vez mais no que diz respeito à constituição de conhecimentos, valores e atitudes, criando uma nova cultura e outra realidade informacional. (KENSKI, 2007).

Para a autora a internet é “uma imensa e complexa rede de meios de comunicação, instalada em quase todos os países do mundo interligando as pessoas e organizações permanentemente” (2007, p. 33). Compreende, também, que ela

[a internet] possibilita a comunicação entre as pessoas para os mais diferenciados fins: fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver novas vidas, que podem ser partilhadas em pequenos grupos ou comunidades, virtuais (KENSKI, 2007, p. 33)

A rede das redes – internet – é o espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, o ciberespaço. De acordo com Lévy (1999, p. 92) o ciberespaço é definido como o

espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que envia informações originadas de fontes digitais ou destinadas a digitalização. Essa perspectiva, provavelmente, torna o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade (1999, p.93). Ainda, segundo o autor, o ciberespaço é o sistema com o desenvolvimento mais rápido de toda a história da comunicação. Para o autor, muitas tecnologias digitais funcionam no esquema “um para todos”, ou seja, um emissor envia uma mensagem para vários receptores e, nesse caso, não há interação entre as pessoas e nem reciprocidade de informações. Mas há algumas tecnologias digitais que funcionam de acordo com o modelo “um para um”, onde as mensagens são trocadas entre os indivíduos com reciprocidade de informações. O ciberespaço surge então para combinar os dois sistemas, formando o modelo “um para todos”, “todos para todos” e “um para um”.

Uma das principais características do ciberespaço é a quebra de fronteiras (espaciais e temporais). Isso se traduz em uma nova cultura que, para alguns indivíduos, em especial alguns adultos, é de difícil aceitação, uma vez que tem sua formação segundo os referenciais de outra época, cuja comunicação acontecia linearmente e com ritmos mais lentos.

A comunicação torna-se mais sensorial, mais multidimensional e menos linear. O som, a imagem e os símbolos deixam de ser acessórios para constituírem-se em uma parte integral da narrativa do texto virtual. O texto na tela é cada vez mais importante por sua maleabilidade, facilidade de correção, cópia, deslocamento e transmissão (MORAN, 1997).

Porto (2006) é uma autora que se debruça sobre esta temática. A autora, refletindo sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação, apresenta algumas características que as compõem. É importante salientar que em seu texto a autora explica estas características associadas ao vídeo-game, mas no presente texto, associa suas reflexões às tecnologias digitais e, em especial, à internet e ao celular.

– Recepção individualizada – a tecnologia coloca as pessoas em contato com um vasto conjunto de informações e conhecimentos com muita rapidez e virtualidade incalculável, possibilitando, dessa forma, que cada indivíduo se relacione com diferentes possibilidades e ritmos de ação. As pessoas envolvem-se com a tecnologia de acordo com a realidade em que vivem e como a vê, utilizando para

isso, as representações sociais e pessoais, compondo assim seus valores e conceitos.

– Interatividade – a participação nas tecnologias permite ao usuário assumir o papel de sujeito da situação, de participar, discutir e compartilhar com outros suas descobertas. O usuário tem o poder de intervir e escolher alguns caminhos para dar sentidos às relações e interações estabelecidas nas e com as tecnologias de comunicação.

– Realidade virtual – nas tecnologias o tempo virtual impõe-se ao espaço real, a imagem impõe-se sobre o objeto, e o virtual impõe-se ao atual (PORTO, 2006). As pessoas interagem com as imagens, sons e ritmos das tecnologias, fazendo com que essa interação crie elementos próprios para entender a situação virtual, significá-la e interagir com ela. Enquanto “a realidade pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível, o virtual é um ‘passe de mágica misterioso’; mas mesmo assim, percebemos que ele não se opõe ao real, se completa, já que oferece dois modos diferentes de ver a realidade” (LÉVY, 2000, p. 47)

– Apelo sensorial – as mensagens das tecnologias de comunicação chegam até nós sob diferentes apelos sensitivos ocorrendo um processo de sedução sobre o usuário. Essa necessidade de sedução justifica-se já que há uma distância entre o emissor e o receptor que cria códigos de entendimento e acaba se envolvendo com as mensagens nos meios divulgadas.

Outra característica bem marcante das tecnologias digitais é o hipertexto. O hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluído. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela (LÉVY, 1999, p. 27). Os hipertextos, no entendimento de Lévy (1993) são

um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (1993, p. 33).

O hipertexto é a evolução do texto linear. Se entre o encadeamento de textos houver outras mídias – fotos, vídeos, sons, imagens – o que se tem é um documento multimídia ou hiper-mídia (KENSKI, 2007, p.32). Uma grande vantagem do hipertexto

é a interação que o usuário tem com a mídia, já que não é necessário que o leitor leia toda a estrutura do documento para passar a outro; essa mídia permite ao leitor um salto entre as várias conexões que são apresentadas para a busca da informação desejada.

Conforme Lévy, o hipertexto tem características técnicas em que

[...] o seu suporte é digital (disquete, disco rígido, disco ótico) não contém um texto legível por humanos, mas uma série de códigos informáticos que serão eventualmente traduzidos por computador em sinais alfabéticos para um dispositivo de apresentação. A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial (LÉVY, 1996, p. 39).

Falar de hipertexto é falar de virtualização. No entender de Lévy (1996), o virtual vem do latim medieval *visutalis*, derivado de *virtus*, força, potência, ele tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. Este virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente (1996, p. 15). Ainda segundo as idéias de Lévy, a virtualização pode ser definida como um movimento inverso da atualização. A virtualização não é uma desrealização, mas uma mutação de identidade, ela apenas transforma a atualidade inicial, já que é um dos principais vetores da criação de realidade. Pelo virtual, os novos espaços de comunicação, criam novas velocidades para transmissão de informações.

O componente do hipertexto mais importante é a sua interface, pois permite a visualização do conteúdo, direcionando a escolha e o acesso a ele; ao mesmo tempo em que determina o tipo de interação que deve acontecer entre as pessoas e a informação. Interfaces, de acordo com Lévy (1999), são todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário. Esse suporte hipertextual permite dinamicidade e velocidade, facilitando as interações entre os sujeitos.

No entender do autor, a hipertextualidade tem características próprias e fundamentais que a definem. A produção hipertextual está sempre em constante construção. Páginas na internet podem permanecer imóveis por um tempo, mas isso não quer dizer que sejam estáticas, já que os sujeitos que fazem uso delas modificam-na de acordo às suas interpretações.

A internet hoje comporta variações de outras mídias, como por exemplo, imagens, sons, palavras, filmes, musicas, dessa forma as mensagens são multimidiáticas, multimodais, analógicas e digitais (LÉVY, 1996). Não há espaço homogêneo, tudo que se movimenta utiliza-se da rede hipertextual tal como ela se apresenta. “A rede não está no espaço, ela é o espaço” (LÉVY, 1996, p. 26).

Ainda no entendimento do autor

os dispositivos hipertextuais nas redes digitais *desterritorializaram* o texto. Fizeram imergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um *texto*, discernível e individualizável, mas apenas o *texto*, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas a água e areia. O texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, valorizado, metamórfico. Assim está mais próximo do próprio movimento do pensamento, ou da imagem que hoje temos deste (LÉVY, 1996, p. 26).

Creio que seja importante apresentar dois exemplos de ambientes digitais que foram utilizados nesta pesquisa para a coleta de dados: o MSN e o Orkut.

O MSN

As interações online estabelecidas pelos internautas instituíram uma nova forma de linguagem, que se configura como uma mistura de escrita, imagens, sons e voz. O MSN é um dispositivo online que permite ao internauta trocar informações em tempo real com amigos e familiares usando um navegador da web (SPEROTTO, 2006 p.93), através de uma conta de email. Acreditamos que o MSN, hoje, não é apenas utilizado para conversar com pessoas que se conhecem (amigos e familiares), mas é o ponto de partida para muitos indivíduos fazerem novas amizades. Esse dispositivo virtual pode ser utilizado como outro meio de interlocução e produção de aprendizagens fora ou dentro da sala de aula (SPEROTTO, 2006, p. 94).

Numa conversa em MSN, a escrita é atravessada pelas outras linguagens (sons, imagens e voz), podendo também ser inserida uma webcam. Nesta situação, para Sperotto, “existe a possibilidade de visualizarmos a outra pessoa em tempo real, [e] e se tivermos um microfone, podemos falar; então, a interação entre as pessoas acontece num entremeio de voz, imagens e escritas” (SPEROTTO, 2006, p. 99).

Juntamente com os novos espaços, as linguagens usadas no MSN alteraram-se. Os diálogos/conversas estabelecidos por meio das tecnologias digitais foram se modificando com o passar dos anos. As linguagens utilizadas em conversas online pelo MSN são híbridas, uma vez que misturam escritos, símbolos, sons, imagem e voz.

No MSN são usados símbolos que representam os sentimentos e o tom de quem está falando. Emoticons é uma forma de comunicação muito usada no MSN para identificar o estado psicológico e as emoções dos internautas. Os símbolos enriquecem o diálogo, expressando alegria, tristeza, espanto, surpresa, enfim, os sentimentos que muitas vezes as palavras não conseguem transmitir. Emoticon é uma palavra inglesa, emotion (emoção) + icon (ícone), que significa ícones de emoção. Em alguns casos é chamado de smiley, que é uma sequência de caracteres tipográficos, por exemplo: :) , ou ^-^ e :-) . Os smileys são imagens, usualmente pequenas, que traduzem ou querem mostrar como está o estado psicológico e emotivo do sujeito que o emprega. Por exemplo 🤪, 😊. São ícones ilustrativos de expressões faciais do sujeito (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>).

Vejamos alguns exemplos dessa linguagem. É importante salientar que os exemplos citados quando na tela do computador movimentam-se, ganham vida, expressando com mais clareza os sentimentos dos usuários. Os emoticons apresentados a seguir são a combinação de algumas teclas do computador:

	:)	Feliz
	:(Triste
	;)	Piscadinha
	:D	Sorriso amarelo
	:-/	Confuso
	:p	Cara de sapeca
	:~o	Chocado
	x(Bravo
	b~)	Legal
	:~s	Preocupado
	#:~s	Ufa!
	>:)	Diabólico
	:))	Gargalhando
	/:)	Desconfiado
	=))	Rolando de rir

	o:~)	Anjinho
	:~b	Nerd
	=;	Espera aí
	:~&	Doente
	:~\$	Segredo
	[~(De mal
	:o)	Palhaço
	<:~p	Festa!!!
	=P~	Babando
	:~?	Pensando
	=D>	Aplausos
	:~ss	Roendo as unhas
	:^o	Mentiroso
	:~w	Esperando...
	>:p	Mostrando a língua

Tabela 2. Emoticons utilizados no ambiente virtual MSN.

Os emoticons apresentados a seguir são frutos de imagens e desenhos da internet, que são também utilizados para a conversação no ambiente virtual. Conforme o internauta utiliza a combinação de palavras, ao invés de aparecer somente a escrita aparecem desenhos ou imagens que representem o que ele está querendo dizer. É importante salientar novamente que, alguns destes exemplos também se movimentam quando aparecem na tela do computador:

	!
	?
	Bah
	Sim
	Hehehe
	kkkk
	Oi
	Não
	Blz
	Flor
	Triste
	Beijo
	Choro
	aaaa
	Hum

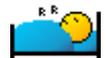
	Tu
	Ahh (Raiva)
	Mto
	Hahaha
	Dormindo
	Deixa ver

Tabela 3. Emoticons utilizados no ambiente virtual MSN.

É importante ressaltar que nem todos os internautas fazem uso desses recursos, pois têm liberdade para expressar-se da forma que quiserem nas comunicações que estabelecem. A linguagem virtualiza um “tempo real”. Com isso ela “inaugura o passado, o futuro e, no geral, o tempo como um reino em si, uma extensão provida de sua própria consistência”. (LÉVY, 1996, p. 71).

Cada usuário precisa ter uma conta de email que permite acessar o MSN e junto a ela, há uma senha, que possibilita somente ao usuário o seu acesso. Ela é exclusiva.

A página inicial do MSN é dividida em vários menus, que por sua vez, se subdividem, trazendo aos usuários várias possibilidades de configuração de conta. A seguir, um exemplo de como se apresenta a página inicial do MSN:

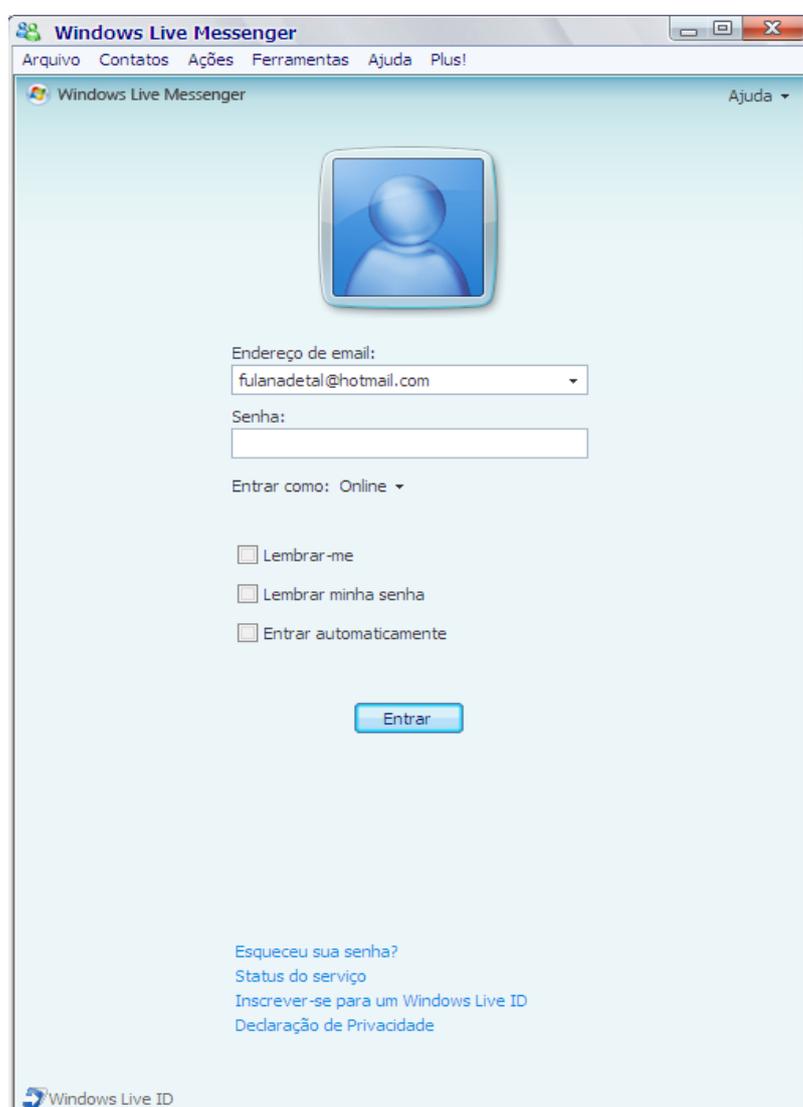


Figura 1. Imagem ilustrativa da página do MSN.

Essa página inicial apresenta logo abaixo da barra de menus um espaço para o usuário colocar uma imagem, seja ela foto (sua ou de algum personagem), desenho, figuras (natureza), desenho animado, enfim, cada usuário coloca a imagem que quiser. É nesse primeiro momento que o usuário coloca seu email, sua senha e escolhe se quer ou não ser visto (status invisível) pelos ‘amigos virtuais’ online, e como quer ser visto (status disponível, ocupado ou ausente).

Nesse momento também o usuário escolhe se quer que seu email, e/ou sua senha permaneçam armazenados no computador (isso geralmente só acontece quando o computador é de uso pessoal e quase exclusivo).

A barra de menus do MSN é dividida em Arquivo – Contatos – Ações – Ferramentas – Ajuda e se o usuário instalar, como complemento está disponível a opção Plus. Essa opção não vem instalada junto ao arquivo normal do Windows Live Messenger, mas essa opção traz mais recursos aos usuários, como será explicado mais adiante.

O primeiro recurso que há é o Arquivo:

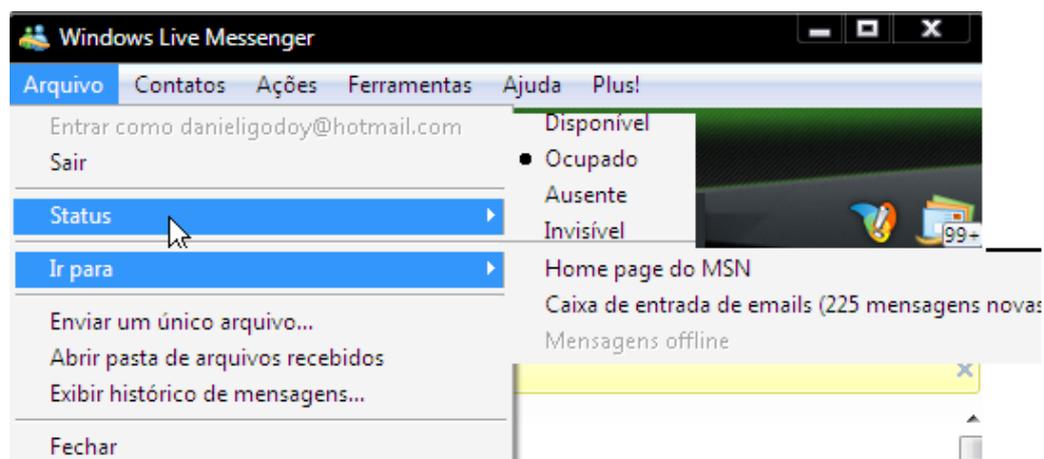


Figura 2. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN (arquivo).

Nele, o usuário tem como opção a escolha do Status que quer que apareça a seus amigos online, bem como ir à outra página do MSN ou ver seus emails. A opção arquivo permite também abrir os arquivos que recebe de outros usuários, ou exibir o histórico de conversas do usuário. Cada conversa que o usuário realiza por meio da página do MSN é salva em um arquivo dentro do computador, onde ficam armazenados na pasta “Meus registros”.

A segunda opção que aparece na barra de menus é o item Contatos. Esse se refere ao que o usuário pode fazer com seus contatos do MSN, conforme podemos observar na imagem a seguir:

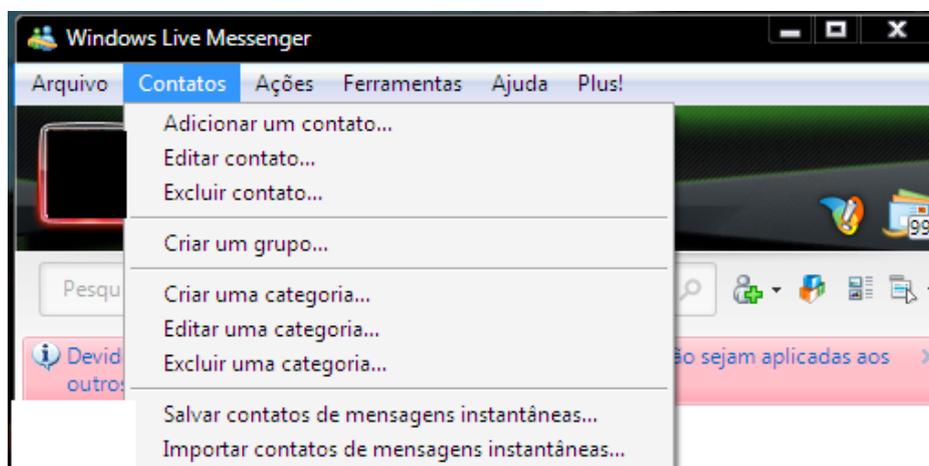


Figura 3. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN – contatos.

Os amigos online podem ser classificados conforme as relações estabelecidas. Por exemplo, parente ou amigo.

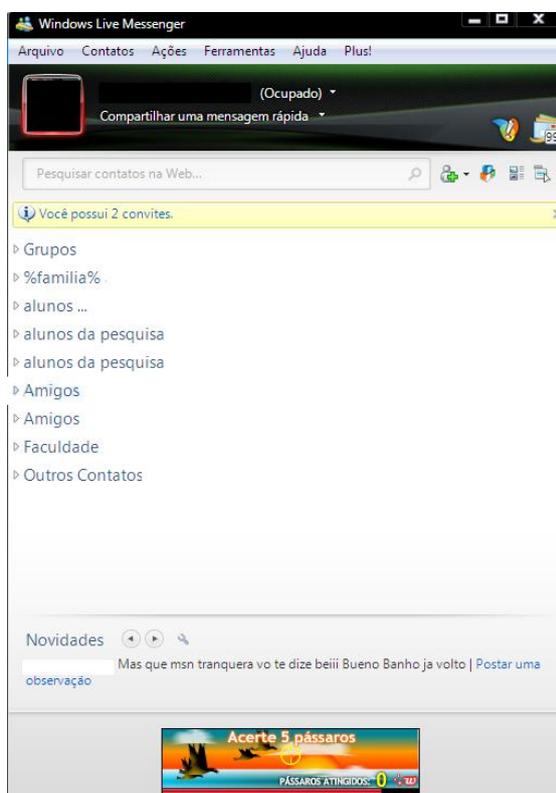


Figura 4. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN.

O terceiro item da barra de menus permite algumas ações para o usuário entrar em contato com seus amigos online, como por exemplo, chamar para conversar com webcam (vídeo), com imagem, voz...

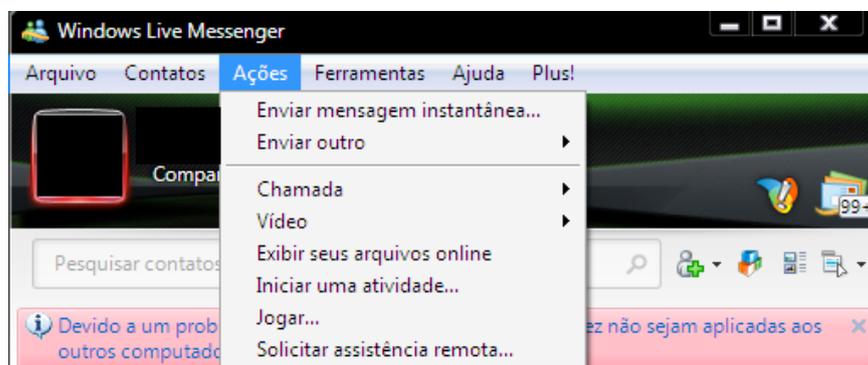


Figura 5. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN.

No item ferramentas da barra de menus há algumas configurações para o usuário formatar a sua página do MSN, alterar as cores das janelas do MSN, formatar as letras, os sons, alterar a imagem de exibição do usuário (foto).

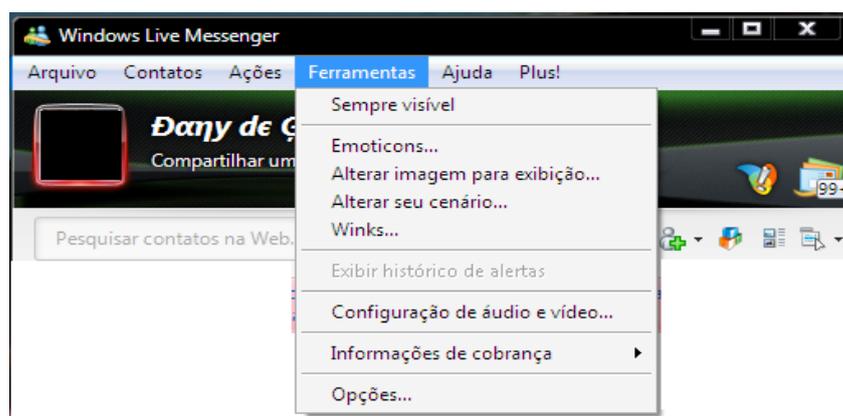


Figura 6. Imagem ilustrativa da barra de Menus do MSN (ferramentas).

O último item da barra de menus é opcional, depende se o usuário vai instalá-la ou não. Esse item permite opções de configuração, assim como a barra de ferramentas, só que com mais avanços e mais opções.

Com essa breve descrição das funções do MSN, é possível observar que as ferramentas permitem conversações e a sensação de estar perto (webcam e/ou conversa com áudio). Desse modo, com esses elementos, o usuário pode deixar a página com a “sua cara”, o que lhe gera uma sensação de domínio sobre o meio de entendê-lo como uma extensão do eu.

O Orkut

O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e a manter relacionamentos⁷. Este nome é originado no projetista chefe, o turco Orkut Buyukkokten, engenheiro do Google.

Trago a seguir um perfil do Orkut para visualização:



Figura 7. Imagem ilustrativa da página virtual do Orkut.

Cada usuário do Orkut tem um perfil próprio que é dividido em três partes:

Social: onde o usuário pode falar um pouco de si mesmo, além de suas características como gostos, livros, músicas, programas de TV e filmes preferidos, entre outros aspectos.

Profissional: onde o usuário seleciona a atividade profissional que exerce com informações sobre seu grau de instrução e carreira.

Pessoal: é o local da rede onde o sujeito apresenta suas características pessoais de forma a dar indícios de quem é fisicamente. Ele seleciona (de uma variedade de opções) informações físicas, como por exemplo: altura, cor da pele; além disso, ele indica o tipo de pessoa com quem gostaria de se relacionar, ou até mesmo namorar/casar.

⁷ (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>)

Cada usuário tem um grupo de amigos que pode chegar a, no máximo, 1.000 (um mil) pessoas. O usuário pode classificá-los como: desconhecido, conhecido, amigo, bom amigo e melhor amigo. Cada amigo tem outros amigos e dessa maneira cada usuário do Orkut é ligado, de algum modo, a outras pessoas por meio dessa rede social. As pessoas podem entrar em comunidades, para compartilhar idéias entre si livremente. As comunidades não possuem limite de participantes e o usuário pode adicionar no máximo 1.000 comunidades ao seu Orkut. Quando se esgota o número de amigos que podem ser adicionados no perfil, os usuários criam novos perfis, em busca de novas amizades.

A cada momento, a página do Orkut pode ser atualizada pelos idealizadores, proporcionando mais informações sobre a vida do seu criador. Um exemplo disso é a quantidade de fotos que o usuário pode colocar no seu perfil; logo no início da criação dos perfis no Orkut eram permitidas apenas (doze)12 fotos por pessoa, atualmente pode-se colocar 9.956 fotos (nove mil novecentas e cinquenta e seis fotos). Isso demonstra que cada vez mais as pessoas têm chance de expor sua vida e suas particularidades a outros leitores internautas.

Mas, em contraponto a esta informação, as páginas do Orkut agora têm restrições de privacidade, ou seja, o usuário pode escolher quem terá acesso ao seu perfil (fotos, vídeos, recados): se somente seus amigos ou se todos os usuários da rede. Desta forma, o perfil fica bloqueado para quem não está como amigo na rede do usuário. O sujeito tem liberdade para decidir a quantidade e os tipos de fotos (ou vídeos) que coloca na rede, ou seja, cada indivíduo escolhe o que quer ou não expor de si as outras pessoas.

Ter Orkut representa estar em evidência na tecnologia da internet. Isso pode ser observado através dos depoimentos escritos pelos adolescentes. Em geral, eles escrevem depoimentos que falam de momentos de suas vidas, como forma de demonstrar carinho e consideração pelo outro internauta. A incorporação ou não desse depoimento à página do perfil do sujeito depende da aprovação desse último. Outra característica do Orkut é a adição de fãs ao dono do perfil. Esta característica para o adolescente pode significar que, quanto mais fãs ele tem, mais querido ele é pelos amigos e também mais em evidência ele está nesse meio tecnológico.

Quando trabalhávamos com alunos adolescentes, percebíamos claramente estas características no cotidiano dos alunos. Os estudantes pediam aos amigos

que escrevessem depoimentos, que fossem seus fãs, pedindo isto inclusive a mim, já que ter o depoimento da professora era importante para eles.

Percebemos que os adolescentes fazem de tudo para serem notados através de seus perfis no Orkut, da escrita no MSN e da construção de seus blogs. Todos querem ser vistos e estar presentes nas páginas virtuais da internet, como forma de ascensão entre seus pares.

Com a evolução na comunicação, percebemos que a linguagem digital está cada vez mais presente em nossas vidas. Essa linguagem “é baseada em códigos binários, por meio dos quais é possível informar, comunicar, interagir e aprender. É uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos” (KENSKI, 2007, p. 31). Hoje existem várias formas do indivíduo se fazer compreender através de símbolos e expressões universais e/ou regionais.

Levando em consideração o estudo realizado pela União Internacional de Telecomunicações das Nações Unidas (2006), que considera a internet a tecnologia mais consumida no mundo, podemos inferir que as pessoas atualmente estão lendo e escrevendo com mais frequência, em relação às outras tecnologias digitais que tinham acesso. Essa escrita de que falamos tem características diferentes da que estamos acostumados a utilizar diariamente na escola e nos meios formais onde a escrita se faz muito presente.

As formas de leitura e escrita mudaram e expandiram-se, surgindo transformações nos contextos dos códigos escritos; o leitor que antes lia o livro agora expande sua leitura para a tela do computador, que mostra imagens, desenhos, gravuras, pinturas, sons e símbolos que permitem a interação do observador com o material visto/sentido. De acordo com Lévy (1996, 2000), essa nova forma de leitura e de escrita exige habilidades de compreensão diferentes das utilizadas pelo leitor e escritor de outros textos imagéticos, tais como, o do cinema e televisão.

Na internet, a escrita é oralizada, ou seja, na maioria das vezes o indivíduo escreve conforme fala. Esta é uma escrita virtual, resultante de uma fala cifrada e digitalizada. Essa nova modalidade de expressão e linguagem faz uso de palavras abreviadas, de estrangeirismos, siglas, abreviaturas, desenhos, ícones, símbolos e códigos.

Os internautas são estimulados por infinitas de combinações sonoras e visuais que propiciam as tecnologias, possibilitando uma forma de comunicação

mais livre de regras, mais rápida e criativa do que a escrita regular. Essa comunicação caracteriza-se pela exposição de sentimentos onde uma exposição do que o indivíduo sente por meio da ponta dos dedos; na internet afloram-se as emoções, algumas há muito tempo escondidas, outras aparecem na tela do computador através de imagens, símbolos e códigos.

A linguagem digital, tão presente na internet desenvolve outras formas de escrever. Os internautas escrevem de forma aberta, hipertextual, multilinguística, aproximando texto e imagem, incorporando sons às imagens em movimento na tela do computador. Essa linguagem é caracterizada pela rapidez com que são disponibilizadas e processadas as informações. Juntamente com as linguagens icônicas presentes nos jogos eletrônicos e digitais, as tecnologias digitais possuem dimensão lúdica, estando associadas às emoções e aos sentidos, que ultrapassam a leitura de símbolos de textos escritos – no qual a escola se detém a ensinar (LEMKE, 2008).

Há uma crescente miscigenação de linguagens e características nas tecnologias digitais. Acredito que a rapidez faz parte das novas tecnologias (computador e internet) da comunicação e informação. As informações são processadas com uma agilidade que há alguns anos atrás não era conhecida; os conhecimentos são disponibilizados a todas as pessoas, de todas as partes do mundo que têm acesso a qualquer tipo de tecnologia.

A linguagem é um instrumento de coerção e de liberdade social. Ela abrange os extremos, de um lado molda, sufoca, e de outro abre portas para a liberdade de expressão, tendo assim papel fundamental na construção da identidade pessoal e social dos indivíduos. Não fizemos apenas uso da linguagem, mas ajudamos na construção de elementos que a constituem.

A escrita na linguagem internáutica

A língua é, sem sombra de dúvidas, uma das mais poderosas formas de identificação e de inserção na sociedade. Como se sabe, a linguagem acompanha os homens desde o início da sociedade e,

apesar da aceitação dos diferentes níveis do uso da língua, o domínio do padrão culto escrito é condição indispensável para o aprimoramento cultural, moral e intelectual o indivíduo e o crescimento do país e do nosso povo (SOUZA, 2001, p. 23).

Segundo Sampson (1996), a escrita pode ser dividida em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. A primeira se refere a desenhos, os quais são associados à imagem daquilo que se busca representar. A segunda fase faz referência aos símbolos gráficos que representam diretamente a idéia que se quer apresentar, como as placas de trânsito, por exemplo. E a última fase, a alfabética caracteriza-se pelo uso das letras, que conhecemos e usamos cotidianamente e que têm como função a representação essencialmente fonográfica da oralidade.

Com a escrita alfabética estabeleceram-se algumas regras que são seguidas pela maioria dos povos: a escrita linear acontece de cima para baixo, da esquerda para a direita. Ela representa a memória da humanidade.

Com a evolução dos meios tecnológicos, muitas mudanças ocorreram com as formas de comunicação em geral e em particular com a escrita. A internet, que é um dos meios com maior ascensão entre as tecnologias, propicia comunicação, interação social e enriquece as práticas socioculturais dos seus usuários. Com a internet surge uma nova linguagem, muito conhecida e utilizada entre os jovens, o “internetês”⁸. Esse novo espaço que surge com os ambientes virtuais exige

um novo gênero discursivo, próprio da esfera social em que se insere o que não torna indicador de que o internauta tenha que abrir mão de um ou de outro gênero do discurso ou de um outro nível da língua (mais formal) para promover interação, seja em suas relações fora das salas de bate-papo, ou em determinadas situações dentro delas (PEREIRA e COSTA, 2002 p. 44)

Nessa linguagem, geralmente não há distinção entre fala/escrita, uma vez que ela representa uma escrita oralizada. Na internet, o sujeito escreve como fala. Por exemplo, ele escreve “brigadu”, ao invés de obrigado; “naum” ao invés de não. Trata-se de uma fala/escrita digitalizada e cifrada, ou seja, de uma linguagem repleta de caracteres codificados de âmbito alfanumérico. As palavras são abreviadas ou trocadas por símbolos, signos, onomatopéias; assim, fim de semana vira “fds”; beleza é “blz”, risos se transforma em “rsrsrssr”, então, vira “entaum” e várias outras modificações na norma culta da língua. Essa escrita está se disseminando entre os usuários da Internet. Eisenkraemer assinala que hoje acontece um conflito entre

⁸ Nesse momento trago a palavra internetês, pois a maioria dos alunos entrevistados usa esse termo ao se referir à escrita no ambiente virtual.

a tecnologia tipográfica e a tecnologia digital, ou rede. Em termos linguísticos, sempre se abordou duas modalidades de linguagem: o código escrito e o código oral, no entanto, surge uma nova modalidade que engloba características das duas, ou seja, um código escrito oralizado, ou uma “fala/escrita criptografada (EISENKRAEMER, 2007, p. 01)

Com o letramento digital, segundo Dom Tapscott (1999), o indivíduo assume comportamentos que se projetam diretamente na utilização da língua. Esses comportamentos são: o imediatismo interacional, a tolerância ao diferente e a autonomia na aprendizagem.

O imediatismo interacional surge da grande vontade de participar de debates acalorados e assim identificar-se com um conjunto de pessoas que compõem certa comunidade a qual o sujeito pertence ou deseja pertencer levando-o a buscar mecanismos que lhe possibilitem essa identificação (XAVIER, 2005).

Para estabelecer comunicação online, é necessário mais que boa vontade, é preciso agilidade no manuseio das teclas do computador, pois uma resposta demorada pode significar a perda do “fio da meada” da conversa, o desordenamento das idéias, a dispersão do grupo de internautas. Nesse momento é que aparece com frequência a linguagem da internet.

Outro comportamento que podemos observar nos internautas é em relação à tolerância na aceitação do diferente. Essa nova escrita que se apresenta nas comunicações virtuais vai ganhando espaço com facilidade, sem problemas de aceitação. A linguagem internáutica compõe-se de “novas” palavras sem causar estranhamento ou aversão aos usuários dele. Essa transgressão pode ser entendida como demonstração de criatividade.

A liberdade na conversa virtual auxilia na criação de outras expressões e formas de verbalização dos sentimentos. A cada nova situação e/ou dificuldade com as ferramentas, os internautas buscam auxílio com os pares (ou mesmo sozinhos, pelo ensaio e erro) e assim vão dominando a tecnologia e suas respectivas linguagens. Essa dominação vem com a prática, uma vez que os usuários, pelo uso, vão aperfeiçoando-se e

tornando-se competentes para o emprego desses gêneros conforme suas necessidades sócio-comunicativas. Por causa do grande envolvimento e domínio dos gêneros digitais, a tendência é que os internautas ampliem sua necessidade de interação, o que exige naturalmente a criação de outros gêneros digitais num processo de invenção infinita de gêneros textuais (XAVIER, 2005, p. 03).

A internet, além de se constituir num espaço de produção de linguagem e possibilita um laboratório para a invenção e produção de identidades (GARBIN, 2001), podemos observar isso, por exemplo, nas identidades que são criadas virtualmente em programas de bate-papo. Para a autora, a identidade não é uma criação fixa e estável, mas sim uma produção social que faz parte de sistemas e práticas de significação. Assim, nos aspectos que denotam a identidade como algo que não é fixo nem possui uma essência, o indivíduo pode ocupar diversas posições de sujeito. A identidade é transformada continuamente em relação aos sistemas culturais em que estamos inseridos, desta forma, a construção da identidade é influenciada pela expansão da cultura.

Creio que é por isso que assistimos a outras/novas formas de identidades, hoje não mais presa ao espaço físico, mas compartilhada em locais onde seus membros se reconhecem, identificam globalmente através do uso dos mesmos objetos culturais. Atualmente se estabelece com mais frequência esse compartilhamento, abrindo espaço para identidades variadas, fragmentadas e contraditórias.

Desse modo, pode-se compreender a identidade – os modos pelos quais cada um dá sentido a si e aos diferentes grupos – como sendo produzida através de processos de diferenciação, ativados no movimento de identificar-se e desidentificar-se frente aos outros.

Pensando sobre a estreita relação entre a identidade e a linguagem, seria possível afirmar que não podemos fixar as identidades nem a linguagem, e, por mais centradas e estáveis que elas possam parecer, esta será apenas uma situação temporária, pois ao mesmo tempo em que a identidade depende da diferença, a linguagem depende da relação entre os significados para que possam estabelecer sentidos

Neste trabalho, abordo para fins de pesquisa os ambientes virtuais mais usados pelos adolescentes em questão: MSN e Orkut. Mas não quero com isso reduzir a web a apenas esses ambientes virtuais citados, já que na web há diferentes espaços virtuais, como chats, blogs, Youtube, ICQ, entre outros.

2.3. A escola e suas linguagens

Quando se pensa e se fala em escola, vem à mente a idéia de um espaço de aprendizagem, de trocas de conhecimentos e de produção escrita. Mas se a escola se preparou para enfrentar os desafios da cultura escrita, hoje ela se vê desafiada pela velocidade de expansão das conexões digitais no ciberespaço.

Para Moran

uma boa escola depende fundamentalmente de contar com gestores e educadores bem preparados, remunerados, motivados e que possuam comprovada competência intelectual, emocional, comunicacional e ética.
(<http://www.eca.usp.br/prof/moran/escola.htm>)

Snyders (1998) compreende que a escola preenche duas funções bem distintas: a primeira de preparar os jovens para o futuro e a segunda de ser o espaço onde as pessoas passam grande parte da vida; desde a tenra idade até a universidade (alguns indivíduos ficam mais tempo e outros menos tempo). O processo escolar é complexo: de um lado a escola supre muitas vezes a falta de tempo da família, pois os estudantes passam muito tempo de sua vida nesse ambiente e, por outro, a escola e os professores não estão preparados para enfrentar essa realidade.

Ora, é preciso pensar a escola e o aluno no presente, seu contexto e sua realidade, seja ela qual for. Mas, infelizmente, de acordo com Porto (2003), apesar das novas gerações estarem inseridas e serem criadas em interação com as tecnologias digitais, com os mais variados recursos, a maioria das escolas

em seu papel tradicional, continua reticente para integrar, em seu contexto, as tecnologias (dominadas pelo som e imagem), reproduzindo inquietação e perplexidade frente às mudanças da sociedade (PORTO, 2003 p. 03).

Os alunos têm as tecnologias digitais ao se alcance, sua realidade é tecnológica, suas atividades são permeadas por facilidades que as tecnologias permitem. Mas, quando chegam à escola encontram outra realidade: encontram uma escola estática, sem as tecnologias que estão acostumados, talvez por esse motivo, parece haver um abismo entre o que a escola é e o que os alunos vivem.

De acordo com Snyders (1988), a escola deveria

tratar de conhecer alegrias diferentes que as da vida diária; coisas que sacodem, interpelam, a partir do que os alunos mudarão algo em sua vida, darão um novo sentido a ela, darão um sentido a sua vida. Se é preciso

entrar na classe, é porque, no pátio, vocês não atingem o grau mais elevado de liberdade, de alegria (p. 14).

Infelizmente, a grande maioria das escolas ainda trabalha com a cultura e experiências distantes da vida dos alunos. A cultura primeira, termo apresentado por Snyders (1988), representa a cultura que está presente na vida cotidiana dos indivíduos, que tem sentido para ela; essa cultura é absorvida sem que nos demos conta, “vamos em direção a ela, seguindo a inclinação da curiosidade e dos desejos” (1998, p. 23). Essa cultura primeira tem muito a ver com o grupo em que ele se insere socialmente, pois o grupo é o lugar em que ele tem a possibilidade de tomar a iniciativa, de assumir responsabilidades, de ser reconhecido; os jovens se encaixam muito bem nesse perfil, pois estão numa busca constante de seu lugar na sociedade, em um período de transformações físicas, psicológicas e sociais. A cultura da escola só tem sentido se for até o presente do aluno, para que ele tome consciência desse processo.

Snyders (1988) afirma que a alegria dos jovens não está nas aprendizagens na escola, mas sim nos momentos que passam fora dela, em família, com os amigos, em contato com o que gostam e que lhes dê prazer. A escola privilegia exercícios que exercitam para um sucesso distante, sem atrativo para o real e para o presente do aluno. Com todas as divergências entre o que os alunos querem e o que as escolas oferecem é normal que os estudantes busquem fora dela algum tipo de satisfação. Relembrando a pesquisa realizada por Porto⁹ (2004/2006) e observando a pesquisa que realizei neste momento com jovens, podemos perceber que eles buscam essa satisfação nas tecnologias. Para Porto, 2006, os jovens buscavam essa satisfação na televisão, em telenovelas que vinham ao encontro de seus desejos e identificação; assim como hoje percebo que os jovens buscam essa satisfação no computador, na conversa online, na interação com outros colegas intermediados pelas máquinas.

Mas, infelizmente, hoje há muitos profissionais que preferem repetir modelos, obedecer a regras e seguir padrões que demoram a avançar. Sem professores autônomos é muito difícil ter uma escola diferente e mais próxima aos alunos que já nasceram com a Internet e o celular. Dessa forma, a escola se mantém praticamente

⁹ Pesquisa: “Escola Pública e Pedagogia da Comunicação: Conhecendo os Adolescentes e os Professores em Serviço”, já comentada no Capítulo I desta dissertação.

com as linguagens falada e escrita, sem considerar as diferentes linguagens culturais presentes em seu interior, entretanto

a cultura escrita e a oral se reconstruem em reciprocidade, interpenetram-se e complementam-se. A escrita é muito mais que a codificação e decodificação do oral, ao mesmo passo que este vai muito além do falado, desde que se inscreve em corpos dotados de múltiplas formas de expressão (MARQUES, 2006 p. 136)

Creio que o problema está no que é feito com as culturas orais e escritas presentes em profusão nas escolas. Em geral, os professores dão muita importância ao ler e escrever, esquecendo-se dos outros elementos que se interpõem no espaço escolar, a linguagem da escola não privilegia a relação próxima que o aluno tem com a cultura e a identidade coletiva e individual dos falantes. Dessa forma, a escola acaba se tornando sem atrativos, massacrante, e o que está fora dela parece ser mais interessante. Portanto, é fundamental que as experiências escolares

sejam significativas e atraentes, despertando o interesse dos alunos pelos diferentes tipos de saberes. É preciso que a escola motive o aluno a continuar os estudos... Pela compreensão das diferentes dimensões do mundo físico e sociais (...) e que se volte para a formação de habilidades intelectuais, valores e atitudes que garantam a construção de uma sociedade melhor (SANTOS, 1997. p. 27).

Santos (1997) compreende que o dever da escola é formar nos indivíduos habilidades, valores, atitudes para garantir a construção de uma sociedade melhor, entretanto, a escola, órgão responsável por tal função ainda não está inserida na realidade social dos alunos, não consegue acompanhar a evolução da sociedade.

Para Moran, as escolas não conectadas com a cultura dos alunos, com suas identidades individuais e coletivas

são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível on-line, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais; da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações on-line, em fim, da variada oferta de serviços digitais (<http://www.eca.usp.br/prof/moran/escola.htm> 2007).

Infelizmente é assim que a maioria das escolas se apresenta: desconexas com a realidade e incompletas. Em pesquisa realizada por Porto (2007), foram

levantados dados que demonstram que mesmo quando as escolas possuem acesso a meios como o computador, elas não sabem como utilizar e “tirar proveito” desse meio no processo de ensino e aprendizagem.

A linguagem presente na escola visa geralmente, a atender a demanda social de uma cultura, onde ler e escrever faz parte de um processo fundamental no cotidiano. A existência dessa linguagem na escola é um processo antigo; que se utiliza para a comunicação de variantes linguísticas diferentes da consideradas como norma padrão tradicional (BAGNO, 2007, p. 32). A língua é uma criação cultural e social, portanto variável de acordo com o contexto e com a época que se insere.

Ainda de acordo com o autor (BAGNO, 2007), o conceito de variação faz entender que a língua é heterogênea, mas não de forma aleatória, desordenada, pelo contrário, ela é estruturada, condicionada por diferentes fatores, os quais são determinantes, pois ajudam a construir e delimitar as características de uma língua, entre elas: a origem geográfica e cultural dos indivíduos, o status socioeconômico, o grau de escolarização, a idade, o sexo deles e as redes sociais a que pertencem. Cada elemento desses acaba criando ambientes propícios para a criação e o desenvolvimento da língua.

De acordo com Porto (1998), os conhecimentos das linguagens das mídias

e dos temas nelas presentes habilita os sujeitos escolares, em certa medida, a viver como sujeito e participar num mundo de relações. Linguagens que ultrapassam a relação deles com os meios de comunicação, porque possibilitam comunicações entre professores, alunos e saberes populares e/ou científicos veiculados por diferentes mídias, desde as tradicionalmente aceitas pela escola (livros, periódicos), até as mais atuais e muitas vezes não exploradas no âmbito escolar (vídeos, revista em quadrinhos, TV...). Sabemos que os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos auxiliares, mas na cultura dos alunos e professores que a ela acorrem. Propomos não uma pedagogia sobre os meios de comunicação. Propomos uma pedagogia que estabelece comunicação escolar com os conhecimentos, com os sujeitos, considerando os meios de comunicação. Dialogamos com os meios, ao invés de falar dos meios” (PORTO IN: PENTEADO, 1998, p. 28).

Essas são várias linguagens que se apresentam nos meios e nas linguagens que compõe o cotidiano. Essas linguagens variam de acordo com o contexto, com a época em que está inserida.

Essas variações são classificadas por Bagno (2007) como: variação diamésica que é a variação efetuada na comparação entre a língua escrita e a

falada; variação diafásica que é a variação estilística, ou seja, o uso que cada indivíduo faz da língua, de acordo com o monitoramento que o próprio indivíduo faz do seu comportamento verbal e a variação diacrônica, que se verifica na comparação entre as diferentes etapas da evolução da humanidade e da sua língua. A linguagem muda de acordo com o tempo.

As mudanças que ocorrem com a língua e com a linguagem variam de acordo com o uso que os sujeitos fazem dela, com a evolução do ser humano, que vai se aperfeiçoando e buscando a melhor maneira para se adaptar com o ambiente. A oralidade ainda conserva seu lugar primordial na sociedade, ela está em toda parte, porque o conversar se insinua em todo o lugar, ela organiza a família, a rua o trabalho (MARQUES, 2006, p. 154).

O tempo é fundamental nesse processo. E

conforme a classe social do indivíduo e a região onde ele habita, aqueles vastos e velozes oceanos transformam-se em mares e vão se estreitando até se transformarem em rios, lagoas, ribeirões, riachos, fios d'água, meras poças d'água, ou, então, o que vale para determinadas regiões miseráveis brasileiras, como leitos secos onde não existe "água" informacional nenhuma, nem impressa e muito menos virtual (SILVA, 2003, p. 14).

Desta forma então, a língua vai muito além do mero uso dela pelo sujeito. De acordo com Bagno (2003), o usuário seria apenas a pessoa que faz uso, como mera ferramenta, além disso, ao usá-la ele também muda. Pensar sobre essas regras da língua que ajudamos a construir cultural e socialmente, e que acaba permanecendo nas nossas relações como norma padrão, gera divergências e discussões na área da linguística e em toda a sociedade desde seu surgimento. Desde os mais remotos tempos era percebido que a variação na língua estava presente, marcando culturas, definindo classes sociais e regiões. A partir daí então que se começa a pensar em uma única linguagem, onde são delimitadas regras e modelos a serem seguidos. Com tantas variações da língua, sentiu-se a necessidade de instituir uma língua padrão, centralizada. Porto na pesquisa intitulada "Escola Pública e Pedagogia da Comunicação: Conhecendo os Adolescentes e os Professores em Serviço", realizada em uma escola pública da cidade de Pelotas apontou que a prática com estudantes de diferentes níveis (sociais e/ou escolares)

comprovou-nos o fato de que a aquisição de informações depende não só da escola, mas das mídias, dos amigos e dos professores. Porém, a transformação de informações em conhecimentos depende cada vez mais

dos saberes dos professores sobre as modernas tecnologias da comunicação, que abarrotam nossos jovens de informações, e da forma como professores e alunos lidam com elas (tecnologias e informações) em situações escolares de ensino–aprendizagem. (PORTO, 2000, p. 04).

E, como era de se esperar, as características que foram empregadas como linguagem padrão recaiu sobre a linguagem das zonas de poder, geográficas e economicamente mais influenciáveis. Portanto, é possível dizer que a escolha dessa norma padrão de linguagem abrange critérios “políticos e ideológicos: quem está no poder vai querer impor o seu modo de falar a todo o resto da população.” (BAGNO, 2007, p. 89). Só que desta forma, as outras variações foram automaticamente excluídas, sendo consideradas como imperfeitas e passando a ser apenas como um jeito errado de falar. “Infelizmente a norma padrão não é uma das variedades linguísticas empiricamente observáveis no uso dos falantes em comunidade” (BAGNO, 2007, p. 98).

Até hoje se percebe que essa forma de linguagem, é considerada como a correta, está impregnada em nossa cultura, fazendo parte das instituições da vida social, cultural e até mesmo das relações pessoais que os indivíduos mantêm uns com os outros. Ainda de acordo com Bagno (2007), norma padrão e norma culta são diferentes e é preciso distinguir ambas, já que a primeira faz uso de uma linguagem formal, empregada pelos falantes, enquanto a segunda, a norma culta, tem as regras claras e bem definidas. Na linguagem formal da escola está presente tanto a norma padrão quanto a norma culta. Pensar sobre a língua(gem) utilizada na escola é complexo, já que nesse espaço institucional está presente as mais variadas cultura. Os alunos levam para a sala de aula situações, fatos, e saberes que fazem parte do seu dia – a – dia: as brigas, os afetos, as notícias, as tristezas, as alegrias, diferentes ambientes e contatos, as mais variadas relações quem mantêm com familiares e amigos.

Com os avanços dos meios de comunicação, a evolução das tecnologias exige um novo modelo de trabalhador e conseqüentemente, de estudante. As possibilidades e implicações deles sobre as novas formas de leitura e escrita que os meios tecnológicos proporcionam precisam ser conhecidas, estudadas e compreendidas por aqueles que trabalham com a educação.

Pertencemos a uma cultura escrita e não é fácil agirmos de uma forma desligada desse pensamento. Freitas (2000), em pesquisa realizada com estudantes

de escolas públicas e particulares, do 7º ano do ensino fundamental, 1º e 2º ano do ensino médio, investiga sobre a temática da leitura e escrita e compreende que

com a escrita à mão, mais lenta que o discurso oral, a mente é forçada a seguir um padrão mais lento, alterando e reorganizando o dito. É sempre possível reler o que foi escrito, voltar voluntariamente a todos os elementos que estão incluídos no texto. A cultura oral está mais próxima do cotidiano da vida humana, do presente, prendendo-se às situações vividas, se ligando mais aos fatos, às descrições enquanto a escrita se distancia refugiando-se muitas vezes em conceitos e lógicas abstratas. (FREITAS, 2000, p. 04).

A escrita possibilita reler o que foi dito, ao mesmo tempo em que isola o sujeito e o leva a introspecção. Geralmente ela separa quem escreve de quem lê, estabelecendo condições de distanciamento. Em contraponto, a cultura oral aproxima e agrupa as pessoas. Essa interação é uma manifestação linguística que permite a interação humana, organizando esse sistema de sons e significados que é a língua de acordo com as necessidades de cada cultura social.

Essas linguagens que atravessam a comunicação entre os sujeitos são compostas de vários saberes (científicos ou de senso comum), desejos pessoais, coletivos, comportamentos e culturas das mais diferentes origens. Nessa conjuntura, é preciso reconhecer que na escola é onde se encontram as mais variadas formas de comunicação e conhecimento. Ela é o lugar de intersecção entre esses saberes e experiências, enfim, de tudo que compõe o indivíduo social e culturalmente. Tudo isso deve ser levado em consideração, sendo empregado a favor do estudante (BAGNO, 2007). De acordo com Bagno, é

(...) preciso valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo o momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p. 82).

Enfim, língua e sociedade estão intrinsecamente entrelaçadas, crescem e evoluem juntas. Na sociedade há uma língua em constante estado de transformação, de instabilidade e outra que é considerada a norma padrão, cujo modelo foi criado para tentar neutralizar as transformações da língua, evitando os efeitos dessa variação. Essa norma é considerada correta, conveniente e adequada. (BAGNO, 2007 p. 38–39).

3. ADOLESCENTES E IDENTIDADES

3.1. Adolescentes

A palavra *adolescere* vem do latim e significa crescer, transformar-se, buscar o amadurecimento.

Adolescência, geração insegura, irreverente, questionadora, onde o grupo de amigos é mais importante do que a família; é uma fase onde o grupo se torna a família e ajuda o jovem a encontrar a sua identidade no contexto social, já que em geral seus pares curtem as mesmas experiências e descobertas.

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano que é caracterizada por alterações físicas, psíquicas e sociais, sendo que estas duas últimas evidenciam interpretações e significados diferentes dependendo da época e da cultura na qual estão inseridas. Além disso, aspectos religiosos, a questão de gênero, a posição na família, a inserção de classe, e o significado relativo de cada um desses diferentes processos interferem na demarcação do intervalo entre o término da infância e a entrada na vida adulta, aumentando a duração da adolescência.

Segundo Zagury (1996), a adolescência é uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma fase muito importante do desenvolvimento humano com características próprias. Mesmo que todos os jovens passem por mudanças corporais, as mudanças psicológicas variam de acordo com a cultura, com o grupo ou até mesmo com o contexto onde o jovem se insere. Nesse sentido, é impossível marcar um início para a juventude. Em geral, a adolescência é marcada pelas alterações físicas, ou seja, quando o adolescente adquire a capacidade de procriar, quando ele dá sinais de ter menos necessidade da proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar independência e dar provas de auto-suficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos (DAYRELL, 2003). Por isso ela é considerada a fase do perigo, onde os jovens estão vulneráveis aos fatores externos. Não quero dizer com isso que em outras fases do desenvolvimento humano o indivíduo também não esteja vulnerável, mas, conforme Zagury (1996) é nessa fase de constituição de identidade, onde ele fica mais influenciável às idéias e valores dos outros, em especial dos pares que tenham ascendência sobre ele.

A sexualidade está muito presente nesta fase de descobertas, de encontro com o grupo de iguais. Apesar do jovem estar informado por meio dos meios de comunicação sobre as mudanças corporais e sociais que nele ocorre, a família ainda exerce um papel fundamental em sua educação. A falta de diálogo com os pais, o preconceito, a vergonha de falar sobre suas mudanças, acabam atrapalhando a relação que pais e filhos estabelecem sobre o tema. A família que ama, que acolhe e que cuida é a mesma que reprime, pune manifestações sexuais, prega o sexo como algo ameaçador e proibido. Surge também nesse período, um processo o qual Becker chama de *polarização*, que é “o desvio de interesse sexual para fora da família e se soma ao fato de que o adolescente agora pode olhar seus pais com uma visão mais crítica, [podendo] analisar seu modo de vida.” (1986, p. 38)

O jovem, por mais que possa parecer para alguns, não é um ser irresponsável e preguiçoso que transita livremente pelo mundo sem nada ter com o que se preocupar; da mesma forma ele não corresponde ao personagem alegre que, em geral, os meios de comunicação mostram, pois vive angústias próprias de sua idade. Embora esteja numa fase onde não depende tanto dos pais, ele precisa de apoio em relação às questões que começam a se colocar em suas vidas, tais como relação com o sexo oposto, escolha profissional, mudanças corporais, entre tantos outros conflitos. Para Becker (1986), enquanto o adolescente convive com

conflitos interiores e as mudanças corporais, ele se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão na sua cabeça. Ele se defronta hoje com uma cultura em intensa mutação, valores velhos e decadentes se contrapondo a novas idéias e conceitos, sem que haja sequer tempo para sua assimilação (1986 p. 12–13).

Assim, os jovens buscam cada vez mais identificação com grupos sociais constituindo as chamadas tribos urbanas, que expressam formas comuns e específicas de sociabilidade.

Maffesoli (1998) define tribos urbanas como agrupamentos semi-estruturados, constituídos por sujeitos que buscam se aproximar uns aos outros pela identificação, com rituais e elementos comuns da sua cultura. As tribos de jovens geralmente expressam valores, crenças, estilos de vida, moda, música e lazer adotados.

Na adolescência há uma fragilidade de referências simbólicas. A identidade grupal é buscada em modelos imaginários e estereotipados, tais como: roupa,

cabelo e acessórios que compõem a estética do grupo. Por isso mesmo, as tribos são importantes para o desenvolvimento social do adolescente. Normalmente as tribos acabam criando estilos de vida próprios no vestir, falar e portar-se.

Em geral, os jovens se dispõem em tribos em torno de ídolos musicais ou esportivos. Elias (1996) considera que as tribos urbanas são grupos de iguais que se organizam em comunidades para garantir sua sobrevivência afetiva durante a passagem de adolescente para a vida adulta, marcando o rumo da organização do homem singular na história da humanidade.

Os jovens, ao organizarem-se em tribos, buscam em outros adolescentes alguma identificação com as suas necessidades sociais. Acreditam que os amigos os compreendem melhor do que seus pais. Os amigos viram confidentes para todas as horas e assuntos. Os adolescentes se utilizam de outros referenciais, diferentes dos referenciais dos adultos. Eles vivem num universo marcado pela saturação de imagens e alfabetizam-se usando símbolos imagéticos, enquanto que a geração adulta alfabetizou-se com símbolos cognoscitivos (PORTO, 2002). A adolescência é uma produção social e os meios de comunicação hoje têm um papel muito importante na produção contemporânea dos adolescentes.

Essa produção da identidade adolescente acontece em todos os espaços que o jovem convive, essa construção acontece em diferentes campos disciplinares, assim como fora da escola, portanto, quando os jovens representam a adolescência

estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e propondo como olhar, pensar e viver esse processo. Assim, não existe a adolescência, como fenômeno biológico e psicológico, homogêneo e estático; existem adolescências, múltiplas, fluidas, mutáveis e heterogêneas, (re)construídas a cada momento nos diversos nós da rede social (QUADRADO; RIBEIRO, 2008, p. 01)

Nesse processo de formação, mutação, construção do ser jovem, ele é atingido por múltiplas informações que os submerge e, em seguida, os impede de concentrar-se num ponto especial levando a uma dispersão na reflexão acerca dos assuntos discutidos (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p. 25). Ainda de acordo com os autores, as mídias (em grande parte responsável pelas informações) fazem uma “massagem” inconsciente e pouco a pouco, realizam um fracionamento das idéias destes jovens. A necessidade de absorver várias informações ao mesmo tempo

causa-lhe uma saturação e um acúmulo de dados, alguns desnecessários, pois são meras informações que dificilmente serão transformadas em conhecimentos.

Esse momento que os adolescentes passam no processo de sua formação são compartilhados com seus amigos, sua tribo. Esse dado pode ser comprovado em pesquisa, realizada por Porto e Silva (2005), com alunos adolescentes da cidade de Pelotas/RS, para conhecer as relações que os jovens estabelecem com seus pares e familiares, bem como com os meios de comunicação. Os dados da pesquisa indicaram que os adolescentes, em seus momentos de lazer, mantêm interação com os meios de comunicação, gostando de ouvir música, olhar TV, jogar vídeo game e assistir filmes. Nestas oportunidades eles evidenciaram o contato com seus amigos, tendo sua tribo como principal espaço de formação. Através dos dados percebemos também que, os jovens valorizam e se identificam com os meios, porque estes fazem parte de seu cotidiano e, muitas de suas falas, interesses, objetos de uso pessoal que são mediados pelos meios de comunicação.

Os adolescentes já nascem inseridos na cultura do audiovisual e tecnológica e têm outra visão de mundo: têm outras concepções acerca dos assuntos que permeiam as relações que estabelecem com seus pares e com os meios de comunicação e tecnologias em geral. Têm o acesso a todo tipo de informações de forma a compreender o mundo que vem se modificando. Os meios de comunicação e as tecnologias digitais permeiam as relações que eles estabelecem com o espaço e com o tempo hoje vivido, de acordo com Babin e Kouloumdjian, os jovens estão em outra; eles se afirmam ao se opor. Os autores acreditam que está vindo à tona o

nascimento de uma outra maneira de ser e de compreender, ou, se preferirem, uma outra cultura, no sentido amplo do termo, isto é, o conjunto dos meios que o homem possui para resolver os problemas de existência, de sentido e de crescimento (1989, p. 10).

Talvez assim se explique o porquê dos adolescentes, atualmente, absorverem com muito mais rapidez as informações que, por exemplo, as gerações de seus pais e professores. Eles já nasceram inseridos em um mundo onde as tecnologias digitais fazem parte do seu cotidiano. Para esses jovens que nasceram dentro dela, as tecnologias e os meios de comunicação são como o ar que respiram (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989).

Ainda, segundo os autores, os jovens têm outra visão do mundo. As percepções que eles têm acerca das coisas que os rodeiam são diferentes daquelas de seus professores e pais. Assuntos que há alguns anos pareciam pertencer a um futuro distante, hoje fazem parte do cotidiano real desses adolescentes. Seus referenciais são de acordo com o tempo em que estão inseridos. Eles crescem em um mundo onde as tecnologias contribuem para a socialização. Ignorar que esses meios fazem parte de seu dia-a-dia seria ficar parado no tempo.

Essas transformações que vão acontecendo com as tecnologias, com a sociedade e com os sujeitos que a compõem geram novos estilos de vida, mudando valores, crenças e o campo social e cultural dos jovens. Com os adolescentes essa passagem é mais evidente, pois ainda não se constituíram como adultos, mas já deixaram de serem crianças. Assim, o jovem busca mais espaço para a construção de suas identidades; além do espaço público real, ele busca criar seus símbolos através de espaços virtuais por onde ele circula.

A forma como a sociedade delimita as fronteiras que existem entre as idades dos indivíduos, entre os ambientes por onde eles transitam, e como estabelece as relações entre as gerações indicam que são necessários outros olhares sobre os estilos de vida da atualidade.

Os jovens, atualmente, convivem em diferentes espaços; dependendo da instituição e do momento social em que estão inseridos. Feixa (2006), em seus escritos compreende que

as transições descontínuas em direção à idade adulta, a infantilização social dos adolescentes, o atraso permanente no acesso ao trabalho e a própria residência, a emergência de mundos artificiais, como as comunidades de internautas, a configuração de redes adolescentes em escala planetária seriam os traços característicos de um modelo de inserção "virtual" na sociedade (p. 85).

Então para tentar compreender esses momentos cronológicos descontínuos, o autor caracteriza os momentos cronológicos vividos pelos jovens por meio de uma metáfora sobre a evolução dos relógios.

Feixa apresenta que a sociedade possui três tipos de relógio, relógio de areia, o analógico e o digital.

Enquanto os avôs vivem ainda com o relógio de areia e os pais com o analógico, os filhos experimentam o digital, mas com o fato de que os mesmos jovens convivem com os três relógios (FEIXA, 2006, p. 83).

Para o autor, o relógio digital está presente nos meios de comunicação de massas, nas tecnologias de informação e comunicação e nas formas de diversão digital (2006, p. 83), que fazem parte do mundo que os jovens de hoje estão inseridos e acostumados.

Seguindo ainda nessa linha de metáforas, o autor apresenta três modelos de síndromes¹⁰ para entender a juventude, correspondendo a três tipos de diferentes de narrações. Apresenta como primeiro modelo ou síndrome “*a síndrome de tarzã*” (o autor situa Rousseau como estudioso dessa fase da juventude), que entendia o adolescente como o bom selvagem, que necessita ser civilizado, pois ainda não desenvolveu as potencialidades humanas. O jovem precisa ser inserido na sociedade, através de ritos de passagem, como o serviço militar, por exemplo.

O segundo modelo de juventude, a “*síndrome de Peter Pan*” para a qual o adolescente é entendido como “revolucionário, ou um novo herói consumista, que se rebela contra a sociedade adulta e resiste a fazer parte de sua estrutura: é melhor ser, ou parecer, jovem do que velho” (FEIXA, 2006, p. 84).

E por último o autor apresenta “*a síndrome de Blade Runner*”¹¹, para a qual “os adolescentes são vistos como seres artificiais, meio robôs, meio humanos, oscilando entre a obediência aos adultos que os criaram e a vontade de se emanciparem”. (p. 85).

Esses três modelos de juventude apresentados pelo autor até hoje perduram, seja através dos modos de regulação impostos pela sociedade, seja pela própria escolha dos adolescentes ao buscarem modos diferentes de se inserirem na vida social e assim construírem suas identidades. Estas síndromes formam parte inerente da vida dos jovens e, de acordo com os autores, os adultos deveriam aprender a conviver com eles, do mesmo modo que devemos conviver com filhos e alunos (FEIXA, 2006).

¹⁰ O autor traz a palavra, mas não situa o porquê dessa expressão. Creio eu que a palavra síndrome serve para caracterizar a fase da juventude, pois significa um conjunto de sintomas que caracterizam uma fase, uma doença do indivíduo.

¹¹ Blade Runner se trata de um filme de ficção científica da década de 80, que apresenta narrativas e práticas culturais dos jovens contemporâneos.

O espaço que muitos dos adolescentes reivindicam como seu, surge como necessidade simbólica e como garantia de privacidade. De acordo com Feixa (2006, p. 97) nos anos 60 “a reivindicação por um quarto próprio passou a ser símbolo de um sujeito social emergente: a juventude”.

O quarto nessa ocasião surge como espaço para realização de fantasias; e o espaço onde os jovens liberam seus sentimentos, escrevem sobre suas vidas, lêem o que desejam, apropriam-se sentimentalmente do local, fazendo com que ele tenha a sua cara, seu estilo e seja de acordo com seus gostos. Além disso, o quarto se torna um espaço de convivência, onde amigos freqüentam e tudo que vivem ali tende a ser proibido aos pais. Isso tudo começa a acontecer no final dos anos 60. O quarto como refúgio, que passa a ser uma obsessão para o jovem por um espaço de autonomia.

Os jovens buscam autonomia e privacidade para a criação de suas identidades. Estar no quarto, entre quatro paredes não significa estar isolado do mundo, das coisas que acontecem. Houve uma metamorfose na cultura juvenil; nunca eles tiveram se esteve tão perto dos meios de comunicação, eles emergem rapidamente. A crescente evolução das culturas digitais, com acesso universal as tecnologias digitais propicia o rompimento das fronteiras entre as pessoas – sexo, gênero, espaço geográfico – gerando a globalização na cultura. Como resultado dessa emergência da cultura digital, que se faz presente no cotidiano, a comunicação interpessoal se torna possível, através do

próprio espaço privado: do telefone familiar, controlado pelos pais e localizado nas salas de refeições ou no corredor, se passou para o telefone celular personalizado, que se pode usar no quarto; da comunicação escrita por carta se passou para a digital SMS, e-mail ou chat. Graças à internet, os adolescentes acenderam a comunidades virtuais que estão muito além de seus quartos (FEIXA, 2006, p. 100).

Esse espaço do quarto do adolescente não é só um espaço físico, mas um espaço onde há significados, onde se produz cultura e comunicação, onde o adolescente deixa de ser apenas um corpo no espaço. Nas palavras de Goellner (2003, p. 29), o adolescente deixa de ser apenas um corpo, mas é

também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se

incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (GOELLNER, 2003, p. 29).

3.2. Adolescentes e identidades virtuais

Para Garbin (2003), não há campo temático nos dias atuais que se modifica com tanta rapidez como as tecnologias. Atualmente observamos que tecnologias como a internet é um dos campos que se modifica com mais rapidez que os outros meios de comunicação. A autora parte da premissa que a internet não pode mais ser vista como um local apenas de troca ou de busca de informações, nem somente de encontros entre pessoas, mas também como um local de produção de conhecimentos, para tanto, relembra uma citação de Hall que entende que a nossa participação na internet está cada vez mais constante e essa participação é

[...] sustentada pela promessa de que ela nos possibilite em breve assumirmos ciberidentidades – substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real (1997, p. 23)

A fragmentação do indivíduo moderno oculta algumas características que antes eram consideradas inerentes ao seres humanos. Por exemplo, algumas identidades que eram assumidas como próprias do ser humano (a mulher ser dona de casa e o homem trabalhar na rua), agora dão lugar a uma identidade que é construída culturalmente, que é vista como parte de um processo mais amplo de mudança. Hoje percebemos que os papéis sociais mudaram, homens e mulheres buscam a superação em suas atividades.

Apesar das identidades não serem objeto principal deste trabalho, trago alguns elementos para refletir sobre as identidades virtuais que vão sendo construídas diariamente pelos jovens usuários da rede.

Hall (2003) entende que considerar a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, já que

a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (2003, p.21).

Ainda de acordo com o autor, as identidades estão sendo descentradas, fragmentadas ou deslocadas, e o autor complementa que estas identidades mudam de acordo com a forma com que os sujeitos são interpelados ou representados. Assim os aspectos culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, eram sólidas bases para formação dos indivíduos sociais, agora não são mais tão sólidas, pois resulta em mudanças nas identidades pessoais, abalando a idéia que o indivíduo tem de si próprio como sujeito integrado. O sujeito que antes era considerado como sendo único e estável, está se tornando fragmentado; composto de várias identidades, – algumas vezes contraditórias ou não bem resolvidas – como resultado de mudanças estruturais, sociais e institucionais que afetam a sociedade em geral e o cidadão em particular.

A construção da identidade está relacionada ao desenvolvimento da cultura e da sociedade onde o indivíduo está inserido. Para Bauman (1998), a estratégia da vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que ela se fixe. Não há mais identidades estáticas, a cada novo momento o sujeito acrescenta algo a sua personalidade, buscando adaptar-se aos elementos sociais que se modificam e compõem a sua vida, transformando atitudes e ações perante as situações e pessoas envolvidas.

Como não poderia deixar de ser, ao falar de identidades é necessário voltar o olhar para a questão das novas identidades providas da internet.

Ponderando sobre isso, relembramos que há tempos atrás os jovens escreviam suas vivências e descobertas em diários escritos em folhas de papel, que não eram lidos pelos outros. Os diários ficavam restritos ao autor e, às vezes, a um grupo pequeno de amigos. Hoje percebemos a “febre” dos adolescentes em relação à escrita virtual, que aparece com a construção dos blogs, MSN e Orkut (que contem dados da vida de seus autores). Essa abertura do que acontece na intimidade dos adolescentes é lançada nas páginas virtuais da internet. Todos têm acesso às suas intimidades. As possibilidades de relatar (ou criar) identidades a partir do imaginário são infinitas, já que na constituição das páginas virtuais, o texto pode ser apresentado com imagens, sons e desenhos retirados ou são da própria rede.

A diferença entre as duas formas escritas (diário em papel e diário virtual) é que as páginas virtuais são vistas por qualquer pessoa. A vida do jovem é escrita a partir de sua realidade e/ou imaginário. As pessoas que lêem os diários virtuais dos

jovens podem escrever e enviar-lhes comentários e fotos, elas podem fazer parte da vida e da construção de suas identidades, mesmo sem os conhecer pessoalmente.

Nas interações que ocorrem nos ambientes virtuais, há uma produção de ciberidentidades, como entende Hall (2003), que leva o jovem a escrever sobre seu passado e seu presente, sobre as suas mágoas, alegrias e planos para o futuro, compondo o diário virtual. O jovem abre sua vida a outros internautas, sejam seus amigos ou não.

A linguagem utilizada pelos jovens, em especial na internet, se utiliza de caracteres que permitem ir além do que está escrito na tela do computador. Essa nova linguagem que surge no ambiente virtual causa dificuldade de entendimento a quem não está habituado à sua utilização. As conversas por meio do meio eletrônico, a não ser que haja microfone e webcam, não permitem a visualização da linguagem corporal, que pode ser observada na comunicação presencial, nem permitem ouvir a entonação de voz como na presença do outro, a não ser pelos símbolos utilizados já explicados anteriormente.

Podemos dizer que na utilização da internet os jovens exercitam a sociabilidade para poderem “ser” alguém diferente do que efetivamente são em suas vidas no mundo real. Ao teclar (falar) com seus pares, nem sempre elas revelam o seu nome verdadeiro; em geral, usam um nickname, isto é, um codinome para se identificar. Esse nickname serve para ocultar algumas características próprias do sujeito, recriando outras formas de representação de si.

Muitas vezes, também, o jovem pode ocultar a classe social e a idade uma vez que não tem contato visual com o outro que conversa, sempre salientando que isso ocorre quando não se faz uso de aparatos que permitem a conversa e a visualização dos sujeitos (microfone e webcam). Na tela do computador, o que aparece é uma identidade (ou várias identidades) construída a partir de representações no e pelo mundo virtual. Nesse espaço, o internauta se comunica, pesquisa, trabalha e se diverte. Ele encontra um espaço social onde é possível ser, ou fingir ser, sem mostrar a realidade de seu rosto, corpo ou características pessoais, adaptando-se aos estereótipos que a sociedade considera como válidos. A modernidade virtual oferece a possibilidade do indivíduo rebatizar-se com a escolha de outro nome, criando outras identidades para si.

Assim, os jovens buscam, através dessa “reformulação” de identidades, fazer novas amizades. Giddens (2002) acredita que nas condições apresentadas pela modernidade, toda identidade é construída em um processo de constante reflexividade.

Esse processo encontra sentido também na escola, que, em geral, tem encontrado algumas dificuldades para lidar com esta realidade. A educação ultrapassa a sala de aula e as paredes da escola. Ela acontece em diferentes espaços, indo além da mera repetição de conteúdos, muitas vezes sem sentido que acontece no espaço escolar. Para o aluno, o professor já não é mais o único detentor do saber, nem é visto por ele como o centro das atenções, como aquele que detêm as informações. As informações e novidades estão nos meios de comunicação.

Porto (2000), comparando os meios de comunicação e a escola entende que

as mídias são de livre escolha, regem-se pela lógica do mercado, contribuem com a criação e reprodução da ideologia dominante, sendo, porém, atraentes e socialmente legitimadas, [já] a escola é impositiva e, de certa forma, sem atrativos, socialmente legitimadora do saber, do conhecimento, reproduzindo a ideologia dominante (2000, p. 14).

Os alunos já não aprendem mais sozinhos; as relações que estabelecem com seus pares e com as mídias faz com que eles absorvam maiores informações do seu cotidiano (PORTO e SILVA, 2005).

As mensagens que chegam às crianças e jovens através dos meios de comunicação são cheias de cor, movimento e ritmos que envolvem e aguçam sua percepção e emoção.

Como afirmam Babin e Kouloumdjian (1989), a porta de entrada para o conhecimento são as emoções. Emoções que, em geral, estão longe do ensino escolar. Os meios, ao contrário, mexem com todos os sentidos, suscitam sonhos e desejos, despertam vontades através das imagens e sons. Isso acaba influenciando na fala e escrita desses jovens. Já não se fala mais como antes.

Hoje, os jovens usam expressões, gestos e mímicas para completar frases e idéias; as frases ficam curtas, reduzidas, estereotipadas, do tipo slogan (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p. 63). E complementam os autores: eles usam “abreviações sugestivas, repetições, barulhos com a língua, tudo acompanhado de gestos e até de sessões de mímica inesperada que pontuam a frase ou suprem as

palavras que faltam” (1989, p. 65). Os jovens estão acostumados a se expressarem de forma versátil, utilizando a dramatização, o jogo, o concreto, a imagem em movimento. A imagem mexe com o imediato. A sociedade hoje é imagética e se utiliza dessa para estabelecer a comunicação e divulgar suas idéias, produtos e serviços.

Mas a maioria das escolas ainda permanece apática a essas inovações tecnológicas, repetindo o velho esquema: professor fala e o aluno escuta. É senso comum que as tecnologias da informação e comunicação em si trouxeram para a vida das pessoas novidades, desafios, novas linguagens, mas infelizmente em muitas escolas elas não são usadas no ensino.

E apesar de todos os defeitos, a escola, de acordo com Zagury (1996),

[...] é ainda um lugar em que as novas gerações convivem com o respeito e a orientação, é ainda um lugar em que o saber é valorizado e no qual, apesar de seus erros e problemas, o ser humano se socializa, aprende a conviver, torna-se um cidadão (1996, p. 56).

Levando o pensamento de Zagury (1996) em consideração, vemos que as escolas além dos amigos e meios de comunicação ainda são as instituições que dão seguimento aos ensinamentos da família, auxiliando os jovens a se inserirem e atuarem na sociedade.

4. METODOLOGIA

4.1. Espaço de pesquisa e opção metodológica

Ao optar por estudar adolescentes e tecnologias, foi definido como caráter metodológico a pesquisa de abordagem qualitativa (LUDKE E ANDRÉ, 1986). A pesquisa com essa abordagem dá suporte para desvendar as relações que as pessoas estabelecem com o mundo em que vive e com as coisas que as rodeiam, uma vez que as interações que ocorrem no mundo “[...] constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial” (GASKELL, 2002, p.65). Para realizar esta investigação, foi feito um estudo de caso, pois se pretendia entender um caso particular – a linguagem da internet na escrita escolar de alunos adolescentes de uma instituição municipal da cidade de Pelotas – levando em consideração o contexto escolar e sua complexidade.

O estudo de caso consiste na utilização de um ou mais métodos para a coleta de dados e geralmente não segue uma linha rígida de investigação. Ele permite o estudo aprofundado de uma organização ou grupos dentro de uma organização. Nesse caso, um grupo de alunos de uma instituição pública (escola). A estratégia utilizada foi a observação dos ambientes (da escola e da internet), a análise documental e a conversa com os alunos com propósito exploratório. O estudo de caso é geralmente utilizado quando o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto da vida real. O fenômeno não está isolado de seu contexto, já que o interesse foi justamente perceber a relação entre os alunos e seus contextos – escolar e virtual. A abordagem de estudo de caso não é um método propriamente dito, mas uma estratégia de pesquisa (HARTLEY, 1994).

Há algumas características, de acordo com Jones (1998), que definem bem o estudo de caso. Vejamos algumas:

- o fenômeno é observado em seu ambiente natural;
- os dados são coletados por diversos meios;
- uma ou mais entidades (pessoa, grupo, organização) são examinadas;
- os resultados dependem fortemente do poder de integração do pesquisador;

- podem ser feitas mudanças na seleção do caso ou dos métodos de coleta de dados à medida que o pesquisador desenvolve novas hipóteses;
- o enfoque está em eventos contemporâneos.

Ludke e André (1986) assinalam que para o pesquisador compreender o comportamento humano ele precisa “exercer um papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, colocando-se numa posição ímpar para compreender e explicar o comportamento humano” (1986, p. 15) diante das situações de pesquisa. O pesquisador está sempre buscando novas respostas e novas indagações, partindo do pressuposto que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que faz e se refaz no desenrolar da pesquisa (LUDKE E ANDRÉ, 1986).

No estudo de caso, para uma melhor apreensão do objeto, foi considerado o contexto (escola) que o estudo estava situado para retratar a realidade de forma completa e profunda. Quando resolvi escolher este tipo de pesquisa, tinha consciência de que ele possibilita a coleta de uma grande variedade de dados e, para fins dessa pesquisa isso se fez necessário para compreender um campo que está sempre em movimento: a escola e a internet, seus sujeitos e as relações que aí são estabelecidas.

Além disso, os relatos do estudo de caso podem

ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slides, discussões, mesas redondas. Os relatos escritos apresentam, geralmente, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições. [...] pode-se dizer que o caso é construído durante o processo de estudo; ele só se materializa enquanto caso (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 20).

O estudo de caso permite que os sujeitos pesquisados se utilizem de diferentes meios para se expressarem, apresentando diferentes olhares sobre o foco em questão.

Mas para que essa coleta de dados desse certo, foi necessário estabelecer contatos que permitiram a entrada da pesquisadora no campo de pesquisa, pois desse modo, o encontro com os informantes e as fontes do estudo, tornaram-se responsáveis e/ou determinantes nos focos de investigação, delimitando os espaços e os sujeitos de pesquisa.

4.2. Contexto e sujeitos da pesquisa

Um misto de sentimentos, onde nenhum prevalecia sobre o outro, andavam junto a mim, lado a lado, criando sensações jamais sentidas antes, onde o medo de não conseguir realizar a pesquisa era parceiro da espera do sucesso da coleta dos dados. Foi um processo de crescimento e amadurecimento e como todo processo, houve altos e baixos: desânimo, alegrias, ansiedade, angústias, medos, companheirismo, reflexões e tantos outros que fizeram parte da minha vida naquele momento.

Sentimentos esses que transformaram cada instante em único, onde persistir frente aos medos e ansiedades – de não conseguir coletar os dados nos dias e horários programados – eram superados pelo empenho e dedicação dos alunos e professores da escola. Hoje percebo que esse processo que muitas vezes parece doloroso no início e no seu desenvolvimento, ao final transparece tão natural e simples que não nos damos conta de que é o mesmo processo inicial.

Foi em meio a esses processos que a pesquisa foi se constituindo, se alargando e delineando os resultados, de acordo com os objetivos propostos.

Conhecendo o local da pesquisa

A pesquisa contou para a sua realização com a participação de alunos adolescentes, que estudam na 8ª série do ensino fundamental e no 1º ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Pelotas: o Colégio Municipal Pelotense. Esses jovens possuem idades entre 13 e 16 anos (de acordo com o ano de realização da pesquisa: 2008).

Em um primeiro momento, a pesquisa seria realizada em duas escolas públicas: o Colégio Municipal Pelotense e outra escola, chamada aqui como escola Y¹², ambas localizadas no centro da cidade de Pelotas.

Para a escolha das duas escolas, foram levados em consideração alguns dados levantados pela pesquisa que vem sendo desenvolvida por Porto¹³ (2008) na

¹² Como a escola não se dispôs a participar da pesquisa, o nome dela será mantida em sigilo, sendo apresentada nesta dissertação como escola “Y”.

¹³ A pesquisa intitulada: Atuação docente mediada por tecnologias e meios de comunicação vem sendo coordenada pela professora Doutora Tania Maria Esperon Porto, coordenadora também do grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Formação Docente, da Faculdade de Educação. Esse

cidade de Pelotas/RS, em escolas públicas, da rede municipal e estadual. Nesta pesquisa foi realizado um mapeamento das tecnologias que as escolas públicas possuem. Foram considerados os dados levantados por tal pesquisa, uma vez que as duas escolas possuíam laboratórios de informática bem equipados e também estavam localizadas na área central da cidade de Pelotas, abrangendo, desta forma, alunos dos mais diversos bairros, classes sociais e estímulos.

Mas, como nem tudo que planejamos acontece, não foi possível realizar a pesquisa nas duas escolas conforme estava previsto. Infelizmente, nem todas as instituições estão dispostas a abrir o espaço educacional para pesquisa, apesar de que isso possa vir a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem desta e também de outras escolas.

Foram várias visitas insistentes à escola Y e por muitas vezes, cansativas. Horas de espera para conseguir apenas conversar com a responsável pela escola, a diretora, que seria a pessoa que poderia abrir espaço para a realização da pesquisa. Justificativas como: “ela não se encontra¹⁴”, “está em reunião”, “não pode atendê-la neste momento” foram as mais comuns apresentadas pelas secretárias e responsáveis pela entrada na escola.

Depois de muita insistência, em uma manhã chuvosa de agosto de 2008 fui recebida pela diretora, muito a contragosto. A conversa não foi como esperava. Encaminharam-me à diretora que se encontrava conversando com alunos no corredor e a nossa conversa aconteceu ali mesmo. Enquanto eu tentava explicar o que pretendia pesquisar, o porquê, os objetivos e por que havia escolhido em um primeiro momento aquela escola, a diretora seguia as suas atividades: atendia professores e alunos enquanto “me ouvia”. Após explanar meus objetivos de estudo, a diretora simplesmente disse que a escola não estava aberta à realização de tal pesquisa, justificando que a escola era muito visada por ser central e que era considerada quase como uma escola particular dentre as demais estaduais, devido à qualidade de seu ensino e de sua organização.

Confesso que fiquei muito chateada com essa situação. A negação me fez refletir sobre o pensamento dos professores e coordenadores, sobre como vêem a pesquisa dentro das escolas. Pareceu-me que “valorizam” apenas as

grupo é composto por bolsistas de Iniciação Científica – CNPq, FAPERGS, bem como por alunos do curso de mestrado e doutorado em Educação.

¹⁴ As falas dos alunos, professores e demais envolvidos na pesquisa que aqui são utilizadas foram retiradas do diário de campo da pesquisadora.

aprendizagens (quais aprendizagens?) em sala de aula e que o aperfeiçoamento de professores e alunos não faz muita diferença no ensino escolar.

Em contrapartida à escola que não abriu as portas para a pesquisa, o Colégio Municipal Pelotense mostrou-se muito receptivo à investigação. Visitei as duas escolas no mesmo período e a resposta positiva da segunda escola superou a minha decepção da negação da outra instituição. Logo na primeira conversa com a coordenadora pedagógica da escola, após explicar o processo que seria realizado, fui encaminhada para conversar com as professoras de português. Foram disponibilizadas para a pesquisa duas turmas: uma da 8ª série (8ª H) do ensino fundamental e outra do 1º ano (1ºF) do ensino médio. Após a conversa e explanação da pesquisa com as docentes e aceitação de ambas, combinamos como seriam os encontros com os alunos, as datas, os horários e sua disponibilidades para a realização da coleta de dados, conforme a proposta da pesquisa.



As visitas no Colégio Municipal Pelotense começaram no mês de agosto de 2008. Desde a primeira visita, a recepção por parte dos funcionários, coordenadores e professores foi muito acolhedora. Todos se mostraram dispostos a me auxiliar no processo de pesquisa.

Na primeira etapa da pesquisa busquei informações sobre a escola, os professores, os alunos e as condições de acesso à internet na instituição. Para isso, foram feitas visitas e observações na escola. Caminhar pelo corredor e conversar com os professores fizeram parte da rotina da primeira etapa. Conhecer as dependências da escola, assim como estar em contato com o mundo escolar desta instituição foi muito importante para minha investigação. O Colégio localiza-se no centro da cidade de Pelotas e, justamente por ser uma escola central, acolhe alunos de todos os bairros da cidade.

Sua estrutura física é bem grande. Ela conta com 50 salas de aula, com 02 laboratórios de informática, 01 biblioteca infantil (Bibliogato: com 3.000 volumes), 01 biblioteca (com 14.800 volumes), 02 salas de vídeo projeção, 02 auditórios, 01

ginásio de esportes (para 3.200 pessoas) e 07 quadras poliesportivas. Possui também salas especiais para cada área: arte, biologia, física, geografia, língua estrangeira, língua portuguesa e literatura, matemática, química e normal. Possui também consultório dentário e salas de audiovisual e refeitório.

Há 287 docentes e possui aproximadamente 3.000 alunos, que estão distribuídos em:

- séries iniciais;
- ensino fundamental;
- ensino médio;
- educação de jovens e adultos;
- curso normal – magistério.



Figura 8. Foto da fachada do Colégio Municipal Pelotense – novembro de 2008. A foto do colégio é meramente para ilustração na pesquisa.

Conhecendo e interagindo com as turmas

Os 51 alunos das duas turmas disseram que assinariam a autorização (ver anexo 1) e disseram querer participar da pesquisa. Desses, apenas 15 alunos (29% do total) fizeram isso realmente. Dez alunos me adicionaram no MSN e no Orkut,

três apenas no Orkut e dois apenas no MSN, ou seja, nem todos os alunos me adicionaram nos dois ambientes virtuais que utilizam para se comunicar e que foram utilizados para a coleta de dados na pesquisa.

Foram as duas professoras – da 8ª série e do 1º ano – que indicaram as turmas para a coleta de dados. As justificativas apresentadas por elas foram que “achavam que ambas as turmas eram mais participativas que as demais, mais calmas e os alunos mais interessados”. É importante ressaltar a disponibilidade das professoras desde nosso primeiro contato, elas sempre se mostraram abertas para auxiliar na pesquisa, demonstrando interesse no assunto e na coleta de dados.

Na 8ª série havia 27 alunos e destes, 07 (26% do total) estudantes me adicionaram nos ambientes virtuais (no Orkut e no MSN), sendo que destes, 04 alunos são meninas e 03 são meninos.

Já no 1º ano do ensino médio, dos 24 alunos da turma, 08 (33% do total) me adicionaram nos respectivos ambientes virtuais.

Como a grande maioria dos alunos das duas turmas possui computador em casa e acesso à internet, não delimito critérios de participação e nem um número “x” de discentes que poderiam participar da investigação. Então, com os 15 alunos das duas turmas comecei a coleta de dados nos ambientes virtuais, mantendo com eles conversas pelo MSN e trocando recados no Orkut.

Depois de ‘descobrir’ que todos os alunos possuíam acesso à internet, não criei nenhum outro critério de seleção, deixei que participasse quem se sentisse a vontade. Esses 15 alunos (entre meninos e meninas) participaram da pesquisa por escolha própria.

Dos 15 alunos então, salvei as conversas em meu computador, assim como as páginas de recados e perfis do Orkut, a fim de observar as formas de comunicação que eles utilizam.

Para a coleta de dados na escola, realizei também encontros com os alunos em sala de aula, nos quais consegui vários materiais escolares. Estive também, presente nos corredores da escola em várias manhãs, em horários de aula, onde eu aproveitava para conversar com os estudantes em momentos de troca de professores ou mesmo no recreio, solicitando, nesses instantes o material escolar deles para eu ver e ler os dados da pesquisa. Nesses momentos consegui cadernos,

redações, bilhetes e outras anotações que os alunos espontaneamente me disponibilizaram.

É importante ressaltar que nessa pesquisa, por questões éticas, os alunos não serão expostos de forma a serem identificados e todos terão suas identidades pessoais e virtuais mantidas em sigilo. O mesmo ocorrerá com o material disponibilizado espontaneamente por eles.

Do dia 02 de setembro ao dia 24 de novembro de 2008 coletei os dados no ambiente escolar e aproveitei esse período para explorar e conhecer o espaço da escola. Não saberia dizer precisamente em horas quanto tempo estive em contato com os alunos, mas as visitas foram feitas semanalmente. Procurava ir pelo menos uma vez na semana à escola e quando conseguia, ia mais vezes. Com a devida autorização da instituição, tirei algumas fotos dos trabalhos realizados pelos alunos de todas as turmas, sem selecionar alguma em específico. Era apenas para conhecer e me interar das atividades realizadas e dos espaços oferecidos a eles.



Figura 9. Foto do saguão da escola, com a exposição de trabalhos feitos pelos alunos.

– Turma: F – 1º ano do Ensino Médio

O encontro com os alunos ocorreu no dia 15 de setembro de 2008 (terça-feira), às 10 horas e 30 minutos.

Cheguei à escola mais cedo para conversar com a professora da turma, para combinar quanto tempo poderia ficar com os alunos, já que esses encontros deveriam ocorrer no período de aula. Foram oportunizados para esse encontro os primeiros 35 minutos. Chegamos (eu e a professora) à sala de aula e ela me apresentou aos alunos, falou que eu gostaria de conversar com eles, inclusive adiantou o assunto. Na verdade ela explicou o que eu ansiava estudar e acredito que isso acabou direcionando, de alguma forma, as respostas dos alunos na dinâmica que realizamos em seguida. Enquanto ela apresentava as notas para os alunos, eu permanecia em um canto da sala, aguardando o momento de começar o encontro preparado e pelo qual, estava ansiosa.

Os alunos possuíam idades entre 14 e 16 anos de idade. Percebi alguns mais falantes outros mais tímidos. O encontro foi transcorrendo normalmente e como pesquisadora, os fui observando para tentar compreender as relações que eles estabelecem com os colegas, professores e conseqüentemente com a internet e suas linguagens. Pareciam preocupados com as notas e com o tempo que estavam “perdendo” com a minha pesquisa. Todos participaram, deram contribuições pertinentes aos assuntos que conversávamos, buscando ajudar-me nos meus propósitos. No momento do nosso encontro ficaram todos em seus lugares, sentados, comportadamente, conforme exigido pela professora. Percebi que a cultura escolar de “todos sentados, ouvindo o que a professora fala” estava muito presente nessa turma. Todos em silêncio, respondendo aos assuntos que abordamos.

Fora da sala de aula, nos corredores, os alunos do ensino médio conversavam comigo, menos que a outra turma, mas conversavam. Eles sempre se mostraram muito simpáticos, bem mais do que em nosso primeiro encontro e estiveram dispostos a ajudar na pesquisa.

Quando pude iniciar a conversa com os alunos, solicitei-lhes que se sentassem em círculo, para que todos pudessem nos ver. Todos se levantaram, sem muito entusiasmo para mudar suas classes de lugar, mas em contrapartida também não reclamaram e nem se opuseram.

Foi aplicada a seguinte dinâmica de apresentação:

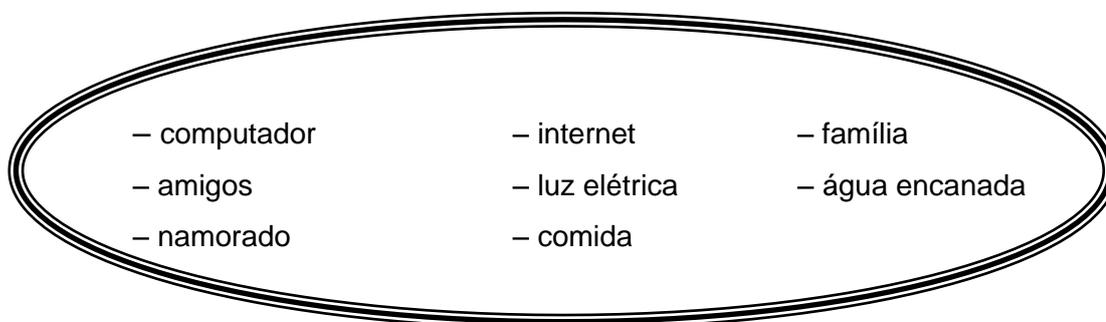
⇒ Com os alunos em círculo, fiz uma bolinha de papel. Expliquei que assim que a bolinha de papel fosse jogada para algum deles, esse deveria pegá-la, falar seu nome e completar a frase: “Eu não conseguiria viver sem _____”. Logo, eu iniciei a ‘brincadeira’.

Acreditei que dessa maneira conseguiria criar um clima mais tranquilo, criando um link para começar a discutir com eles a temática que pretendia abordar e deu certo.

Esse foi um momento de descontração, onde os alunos interagiram entre si, pois á se conheciam e sabiam os gostos uns dos outros. A professora B permaneceu na sala durante todo o encontro, interferindo em alguns momentos, com falas do tipo:

Pessoal, vamos fazer silêncio, é a vez dos colegas falarem (Professora B¹⁵)
 Psiuuu! (Professora B)
 Gente, silêncio! (Professora B)

Como resultado da dinâmica, apresento as palavras mais faladas pelos alunos:



Várias respostas dadas pelos alunos se repetiram. Muitos deles disseram que não saberiam viver sem família, namorado e internet.

Após esse momento de descontração e como surgiu entre as respostas dos alunos, falas de que não conseguiriam viver sem *internet* e *computador*, aproveitei para explicar meu estudo. Deixei claro que estava ali para conhecer e aprender com eles sobre a escrita nos ambientes virtuais e na escola.

¹⁵ As professoras aqui são identificadas como professora A (da 8ª série) e professora B (do 1º ano do ensino médio).

Conversamos e logo percebi que o assunto era de interesse dos alunos. Nesse momento, entreguei a eles a Oração do Internauta:

Satélite nosso da cada dia
Acelerado seja o vosso link
Venha a nós o vosso hipertexto
Seja feita a vossa conexão
Assim no real como no virtual.
O download nosso de cada dia nos dai hoje
Perdoai o café sobre o teclado
Assim como nós perdoamos os nossos provedores.
Não nos deixei cair à conexão
E livrai-nos do vírus.
AMÉM!

Fonte: <http://www.mensagensvirtuais.com.br/mensagem-Oracao-do-Internauta/>

Discutimos sobre a oração apresentada e muitos alunos se identificaram com os desejos da oração. Disseram que muito do que foi descrito na oração do internauta são seus desejos reais, como evidencia a fala a seguir:

Ah, verdade, conexão lerda ninguém merece (fala de aluno)

Ao final da oração, coloquei meu endereço de MSN e Orkut e deixei à escolha deles para me adicionarem em seus espaços virtuais e, portanto, participarem da pesquisa. Em nenhum momento obriguei a participação de algum aluno.

Entreguei-lhes a solicitação de autorização para a utilização do material coletado em minha escrita final. Ficou claro que os alunos tinham livre escolha para participar ou não deste estudo e naquele momento, todos se dispuseram a participar.

– Turma: H – 8º do Ensino Fundamental

O encontro com os alunos da 8ª série ocorreu na mesma semana do encontro com o 1º ano, mas no dia 19 de setembro de 2008 (quinta feira), às 09 horas e 30 minutos.

Novamente cheguei com antecedência à escola para poder conversar com a professora. Solicitei-lhe que quando me apresentasse para a turma falasse apenas meu nome e que eu gostaria de conversar com eles, sem explicar exatamente o que eu gostaria de fazer com eles, não direcionando desta forma o encontro com os alunos dessa turma. E assim fiz, pois aprendi com a outra turma que a explicação dada pela professora direcionou nosso encontro. Senti que os alunos no momento em que conversávamos direcionaram para o que eu queria pesquisar, o que eu queria ouvir.

A professora foi muito sucinta na minha apresentação para a turma, falou apenas meu nome e que eu gostaria de conversar com eles. Logo após, se retirou da sala e disse que somente quando acabasse o encontro era para chama - lá na sala dos professores. Percebi diferença entre as duas turmas assim que entrei na sala de aula da 8ª série. Os alunos eram mais jovens e mais agitados. Alguns ouviam música no seu MP3, vários estavam de costas para o quadro para poder conversar com o colega de trás.

Senti-me mais à vontade nesta turma, não sei se pelos alunos serem mais jovens (entre 13 e 15 anos) e gostarem desse momento de estar em sala de aula, e não ter aula. Os alunos, apesar de sentir muitos deles fechados em seus mundos (MP3, conversas com os amigos) mostraram-se mais receptivos e com mais entusiasmo que a outra turma para responder as minhas questões e ajudar os colegas a responder os questionamentos que lancei para a turma.

Eles participaram ativamente, sem incomodar-se com o tempo que levaria, ao contrário, quanto mais demorasse, melhor, pois não queriam ter aula. Também não estavam preocupados com o barulho.

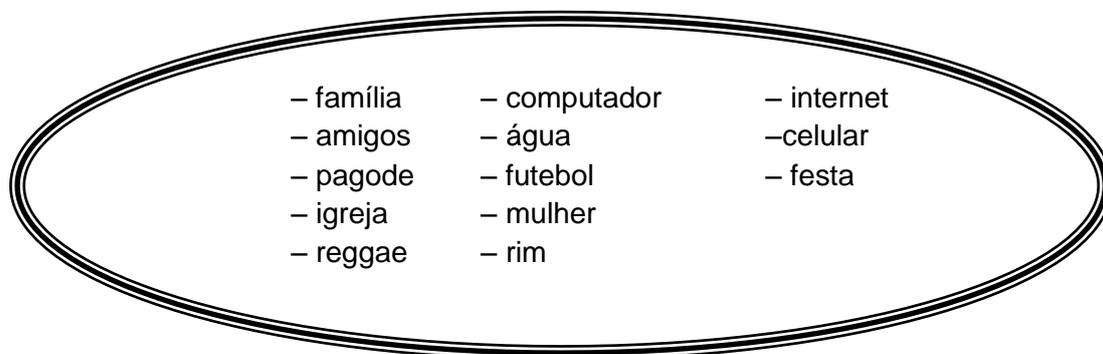
O contato com essa turma foi além da sala de aula, quando terminou o encontro com eles, vários ficaram conversando comigo sobre sua família, buscaram algum ponto em comum para conversar (faculdade e irmãos que também estudavam faculdade). E nas outras vezes que fui à escola e permaneci nos corredores, eles procuravam e davam mais atenção para falar comigo que os alunos do ensino médio.

Segui os mesmos passos do encontro realizado com a outra turma. Logo de início, percebi que seria diferente. Os alunos fizeram muito barulho para se organizarem em círculo e na verdade, não fizeram um círculo, eles se organizaram

em grupos de amigos. Formaram-se diversas “ilhas” de pessoas na sala de aula. Nenhum aluno se opôs a fazer o círculo, pelo contrário, gostaram, pois poderia desta forma sentar do lado dos colegas, facilitando suas conversas.

Conforme ocorreu no encontro com a primeira turma, iniciei a brincadeira de apresentação.

Nessa turma as respostas foram mais variadas, creio que por não haver direcionado meu foco de pesquisa. Durante a dinâmica, os alunos foram interagindo entre si, concordando ou discordando do que os colegas diziam. Muitos escreviam nas folhas dos cadernos e mostravam aos demais colegas, ao invés de falar, para evitar barulho. Desse modo, eles disseram que não saberiam viver sem:



Novamente as respostas se repetiram e alguns falavam mais de uma palavra, mesmo havendo explicado que naquele momento era para falar apenas a primeira palavra que pensassem. Todos os alunos participaram com muita vontade, empolgaram-se e por mais que conversassem entre si, percebi que eles prestavam atenção nas respostas dos colegas. Senti mais liberdade nessa turma para conversar e percebi que poderia conhecê-los mais do que a outra.

Com essa liberdade, que infelizmente não senti na outra turma, consegui manter um diálogo com os alunos, questionando-os e respondendo as suas perguntas. Perguntei-lhes o que faziam à tarde. As respostas mais faladas resumiram-se em três ações: *vadiar*, passear e ficar na internet.

Depois de conversarmos, comecei a explicar qual era o objetivo do meu estudo e porque havia escolhido alunos adolescentes para estudar. Deixei claro que não estava ali como professora, mas como pesquisadora e que queria conhecer e

aprender com eles e desta forma tentar compreender como eles lidam com as linguagens que fazem parte do seu cotidiano (virtual e escolar).

Todos se interessaram pelo assunto. Apresentei-lhes então a Oração do Internauta e enquanto líamos, os alunos faziam comentários. Todos também concordaram com os desejos apresentados nela. Novamente deixei-lhes os meus contatos no ambiente virtual ao final da oração, para que aqueles que estivessem dispostos a me auxiliar no processo de coleta de dados pudessem me procurar. Após essas conversas, entreguei-lhes a solicitação de autorização. Todos os alunos assinaram, mas como era de se esperar, nem todos participaram da pesquisa em si.

Após o término do nosso encontro, enquanto guardava o material utilizado, vários alunos vieram conversar comigo. Aproveitaram o espaço para falar de suas famílias, principalmente dos irmãos que também fazem faculdade. Acredito que eles buscaram um ponto de identificação comum para manter um diálogo. E como o assunto que tratei com eles era sobre internet, senti que os alunos queriam uma aproximação, demonstrando que sabiam dados técnicos dos computadores. Por exemplo, um deles disse:

Eu sei fazer vírus (fala de aluno).

Logo após a fala desse aluno, todos que ainda permaneciam comigo na sala começaram a sair, inclusive o aluno que relatou sobre fazer vírus. Infelizmente não consegui manter um diálogo mais aprofundado sobre o assunto.

4.3 Etapas e instrumentos de pesquisa

Antes de qualquer coisa, é importante dizer que para não identificar os alunos, vou caracterizá-los com as letras do alfabeto. Como são quatro meninos, identifiquei-os como **MENINOS/ALUNOS A, B, C, e D**, e as onze meninas identifiquei com letras também: **MENINAS/ALUNAS A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K**.

Quando observamos, privilegiamos certos aspectos da realidade e excluimos outros, por isso a observação precisa ser controlada e sistemática. Observamos e selecionamos um dado de acordo com nossa interpretação pessoal. Minha observação no ambiente escolar foi uma “observação participante” (LUDKE E ANDRÉ, p. 29), onde não ocultei minha identidade nem os objetivos do estudo. Assim, obtive acesso a uma variada gama de informações, até mesmo confidenciais,

que serviram para minha formação como pesquisadora, mas que não serão publicadas em respeito aos alunos e professoras, apesar de ter a autorização para uso ou publicação.

De acordo com Ludke e André (1986), uma das vantagens da observação é que ela possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o objeto pesquisado, chegando mais perto da perspectiva dos sujeitos. Assim, é importante ressaltar que a observação podia provocar (e provocam) alterações no ambiente e/ou no comportamento dos sujeitos observados. Não posso afirmar que houve alteração no comportamento dos jovens, até mesmo porque não sei como era o comportamento diário deles em sala de aula. O que posso dizer é que quando me encontravam fora da sala de aula, nos corredores da escola, eles eram mais extrovertidos, falantes e risonhos. Acredito sim, que os alunos ficaram intimidados com a presença da professora, mas é importante lembrar que o estar fora da sala de aula, mesmo que na escola, deixa os alunos mais a vontade. Em comparação com a outra turma que pesquisei, senti o 1º ano mais 'acanhado'.

Para este estudo, além das observações no ambiente escolar, foram realizadas também observações em ambientes virtuais, uma vez que o objeto em estudo englobava esse espaço. Para que as observações tivessem validade, foi necessário também realizar anotações em um diário de campo, o que possibilitou uma análise mais completa do problema em estudo. A descrição das observações e anotações contém, segundo Bogdan e Biklen (apud LUDKE e ANDRÉ, 2007):

- citações ou reconstrução dos diálogos escritos pelos alunos;
- descrição dos locais da escrita dos alunos – Orkut, MSN, e descrição das atitudes, ações, conversas com os sujeitos da pesquisa durante o estudo.

Assim o material coletado nos ambientes virtual (internet) e presencial (escola) são documentos importantes para essa pesquisa.

Com a análise desses documentos, busquei identificar informações, relações, e a escrita propriamente dita sobre as linguagens que os alunos utilizam no ambiente virtual e escolar. Esse procedimento se justifica porque permite estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou seja, a partir de linguagem dos sujeitos investigados. Nesta situação incluem-se todas as formas de produção deles, tanto a forma de escrita virtual, como a forma de escrita na materialidade do papel.

Ainda de acordo com os Ludke e André (1986), os documentos para análise incluem qualquer tipo de material escrito que pode ser usado como fonte de informação sobre o comportamento humano.

Para fins dessa investigação, foram utilizados para a coleta de dados, produções textuais dos alunos, seus cadernos (várias disciplinas), as redações de português, os bilhetes e cartas, bem como suas páginas virtuais (Orkut e MSN). A escolha dos documentos para análise não foi aleatória, já que envolveu propósitos, idéias e hipóteses que guiaram minha seleção. Portanto, decidi que seria importante analisar a escrita escolar e virtual do jovem.

Durante o processo de pesquisa não foi posto em prática com os alunos e/ou professores entrevistas semi-estruturadas, como havia sido planejado, mas para esclarecimento de alguns dados, foram mantidas com os alunos conversas informais através do ambiente virtual, em especial através do MSN e às vezes nos corredores da escola. É importante salientar que foi usado também material de alunos que não participaram efetivamente da pesquisa, que não me adicionaram nem no MSN nem no Orkut, mas que quando eu ia à escola, me entregavam seus materiais para a pesquisa. Como todo material que coletei foi de fundamental importância, não quis eliminar esses dados de minha pesquisa.

Após a coleta dos dados procedi com a análise do material. Para que eu pudesse extrair o máximo dos dados reunidos e responder aos questionamentos que impulsionaram a pesquisa, foram elencadas categorias que abrangeram características percebidas com a leitura do material levantado.

A compreensão e interpretação dos dados foram fundamentadas nos autores que foram utilizados nos capítulos teóricos, buscando fazer uma ligação entre a teoria utilizada e a prática de pesquisa, de forma que as análises pudessem esclarecer as angústias que estimularam a realização da presente investigação.

5. ANÁLISE DOS DADOS: AMBIENTE VIRTUAL

5.1.O AMBIENTE VIRTUAL E OS SUJEITOS PESQUISADOS NESSE AMBIENTE

Como todo processo de pesquisa, esse não foi diferente. O cansaço, a exaustão de coletar dados e a ansiedade de ver o resultado final de tantos momentos do processo fizeram parte da rotina dos últimos meses.

Os dados foram coletados diariamente, principalmente no ambiente virtual, onde tinha acesso todos os dias aos alunos pesquisados. Mesmo que eu não conversasse com eles, acessava suas frases, percebendo através delas os momentos que estavam vivendo.

Nossas conversas pelo ambiente virtual, na maioria das vezes, aconteciam pelas páginas do MSN. Apresento um modelo desta página do ambiente virtual a seguir:

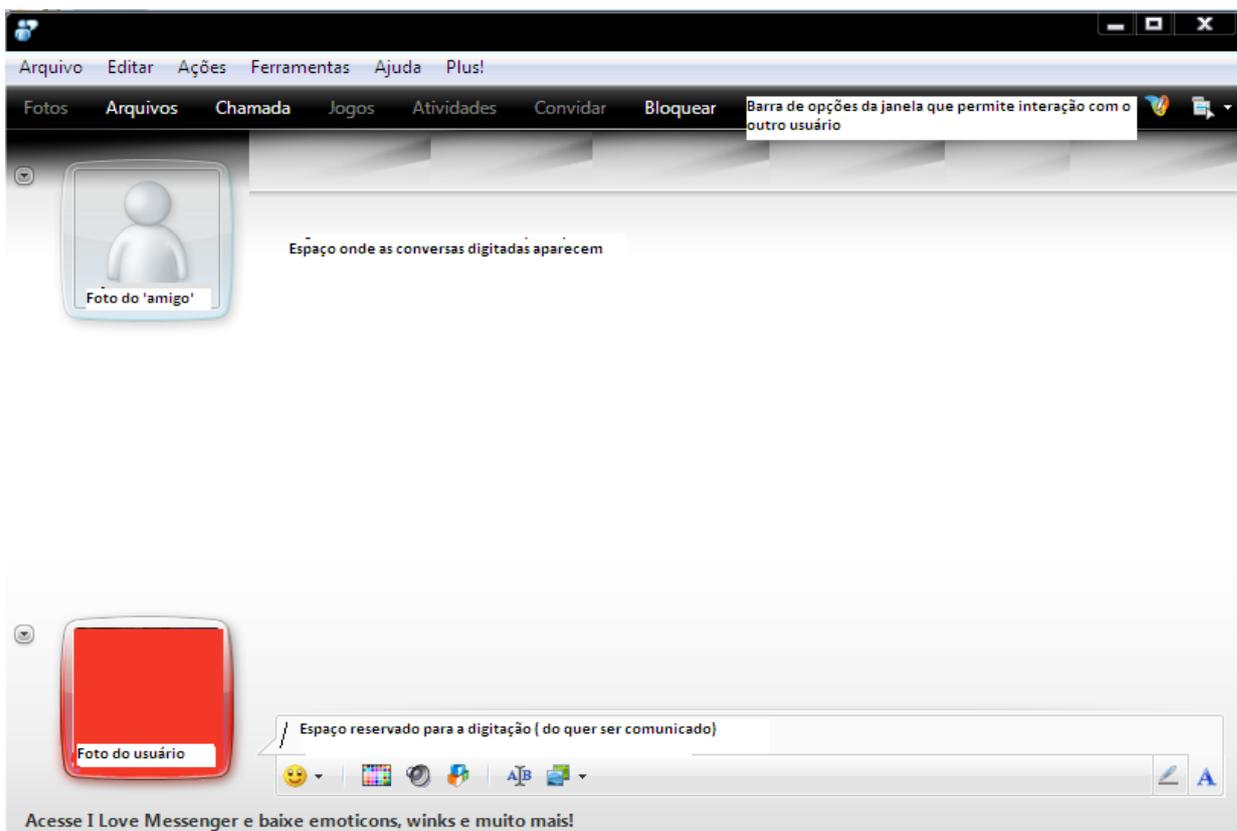


Figura 10. Janela do MSN.

Abaixo da barra de menus, há outra barra onde várias opções são apresentadas para esta janela, que permitem ao usuário interagir com quem conversa. Esta janela assemelha-se à página inicial do MSN (apresentada e explicada no capítulo II desta dissertação), com itens em comum.

No nosso primeiro encontro, quando começamos a conversar sobre a pesquisa e solicitei a participação dos alunos, eles logo começaram a trazer elementos que deixavam vir à tona as necessidades de falar de si e de pessoas próximas (família, em especial). Trago a seguir o trecho de uma conversa que mantive com um dos alunos da pesquisa:

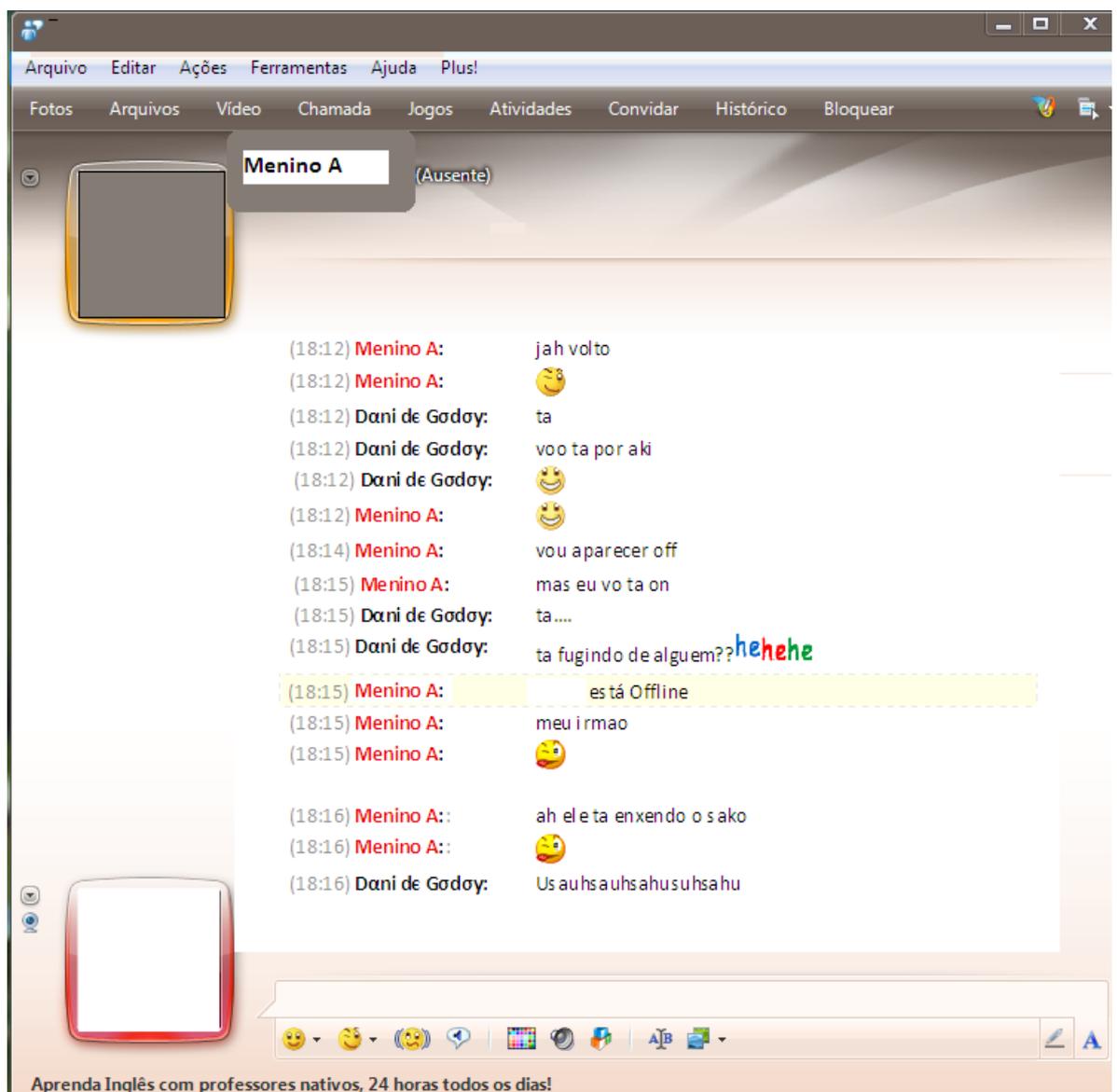


Figura 11. Janela de bate-papo do MSN. Uma conversa com aluno da pesquisa.

Essa conversa demonstra que ele gosta de ter seus momentos sem a família por perto e seleciona com quem quer falar. Nesse caso, ele abriu espaço para conversar comigo. Em sua fala, o Menino A deixa claro que não quer falar com o irmão, pois ele está “enxendo o saco”, em que sentido eu não saberia dizer, pois o aluno não quis mais falar sobre esse assunto.

Pode-se perceber que o aluno (e não somente esse aluno, pois outros também demonstraram o mesmo sentimento) sente a necessidade de ter seus momentos de ‘privacidade’, mas não de solidão. Eles encontram refúgios para se livrar de situações que não querem vivenciar no momento. Por exemplo, para não falar com o irmão ele ficou offline, mas continuou falando com quem queria falar.

Buscando então, conhecer mais os quinze alunos que participaram efetivamente da pesquisa, fiz algumas perguntas comuns a todos através do MSN, para ir ganhando sua confiança. Fui conversando com eles sobre assuntos de seus cotidianos e que também me interessavam. Algumas características que foram sendo desveladas por eles são importantes para evidenciar quem são os adolescentes pesquisados:

- ◆ Todos os alunos que participaram da pesquisa falaram possuir computador e acesso à banda larga em casa;
- ◆ Todos moram com a família (seja com os pais, ou só com a mãe, ou ainda pais e irmãos) e em algumas famílias isso inclui também o cachorro;
- ◆ Os computadores ficam em diferentes lugares na casa de cada estudante, dentre eles, cito: no próprio quarto do aluno, no quarto dos irmãos e na sala;
- ◆ Os jovens utilizam o computador para realizar trabalhos e pesquisa de escola, além de usarem para entretenimento;
- ◆ Os alunos acessam pelo menos uma vez ao dia à internet, utilizando o MSN e “olhando” seu Orkut;
- ◆ Alguns pais fiscalizam o acesso dos filhos na internet, alguns estudantes não se importam, outros gostariam de ter mais privacidade;
- ◆ Os alunos, antes de terem acesso à internet em casa frequentavam lan houses ou casa de amigos;
- ◆ Todos os alunos pesquisados explicitaram que ao menos, mais um integrante da família tem MSN ou Orkut;

◆ Os familiares usam o computador para pesquisa e/ou trabalho, para ver emails (seja pessoal ou de trabalho).

Percebe-se então, com esses elementos, o quanto o computador e, conseqüentemente, a internet faz parte do cotidiano desses jovens e de suas famílias.

De acordo com Castells (2003), o email em 2003, por exemplo, “representa mais de 85% do uso da internet, e a maior parte desse volume relaciona-se a objetivos de trabalho, a tarefas específicas e a manutenção de contato com a família e os amigos em tempo real” (2003, p. 99), ou seja, em algum momento as pessoas se conectam ao mundo virtual, seja para trabalho ou para lazer. A facilidade de acesso a internet permite a interação entre as pessoas, e os preços, mesmo em lan houses, são acessíveis à grande maioria da população.

Essa rotina de observar o Orkut e/ou MSN – e outros elementos do virtual – e de compartilhar esses momentos com a família e com os amigos aparecem claramente nos depoimentos e expressões que os jovens colocam no MSN. Dessa forma foi sendo possível conhecer e analisar como vêm sendo materializadas as formas de comunicação virtual – em especial as de escrita – entre os jovens usuários da internet. Nas suas páginas virtuais muitos deles expõem elementos que selecionam de suas vidas, abrindo sua privacidade para o público. Isso acontece com frequência no Orkut, onde fotos são postadas, depoimentos e recados são deixados e permanecem na rede até serem apagados pelo dono do perfil. No MSN também ocorre essa ‘exposição’, mas ele é mais restrito, pois só são adicionadas à sua rede de comunicação as pessoas aceitas por ele.

Eisenberg e Lyra compreendem que o Orkut

é um dos principais elementos de aglutinação, representado por lugares vividos, pessoas lembradas, escolas frequentadas e outras lembranças que compõem um imaginário vigoroso nesse inovador padrão de sociabilidade. Pode-se dizer que não são os membros do Orkut que são jovens (o que, segundo as estatísticas, é verdade); é a cidadania’ Orkutiana que incentiva determinado padrão de interação jovem. (EISENBERG; LYRA, 2006, p. 34 / 75).

É nesse espaço virtual que lembranças são postadas, fotos, recados e depoimentos são apresentados. Tudo fica ali como forma de voltar a um tempo passado, ou de ir a outros espaços e/ou criar outras identidades que o ambiente

virtual possibilita. Esse espaço de aglutinação é aonde os jovens vão construindo suas tribos por identificarem-se uns com os outros. Castells (2003) acredita que a

representação de papéis e a construção de identidade como base da interação online representam uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente concentrado entre os adolescentes. De fato são os adolescentes que estão no processo de descobrir sua identidade, de fazer experiências com ela, de descobrir quem realmente são ou gostariam de ser (p. 99).

As pessoas que se utilizam dos meios de comunicação, no caso o computador e a internet, copiam outros usuários. Essas tribos urbanas são importantes para o contexto dos jovens e seu desenvolvimento social. Eles buscam se identificar e se articular nas tribos juvenis nas quais participam. Nesse processo, são modificadas formas de pensar e vestir, tudo em busca de uma identificação (que é importante para o jovem). Creio que não só para o jovem, pois todas as pessoas se identificam mais com alguns grupos que com outros, estamos sempre num processo de construção e de agregação de novos elementos a nossa identidade.

Lévy (1996) acredita que não há identidade inalterável na informática, pois os computadores são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis que podem transformar radicalmente seu uso e seu significado. Na internet há a possibilidade de descobrir e de satisfazer curiosidades sobre assuntos que nos interessam e de entrar em contato com pessoas distantes. Nesse espaço, como na maioria dos espaços, os indivíduos criam certa afinidade com a cultura de outras pessoas que se utilizam desse mesmo ambiente. As redes de computadores modificam as nossas relações com o mundo, “e em particular nossas relações com o espaço e o tempo, de tal modo que se torna impossível decidir se eles transformam o mundo humano ou nossa maneira de percebê-lo (LÉVY, 1996 p. 98)”.

Conforme afirma Lévy (1996), cada indivíduo possui um cérebro que foi se desenvolvendo seguindo o modelo de outros membros da sua espécie. Explicar isso através da biologia seria dizer que

nossas inteligências são individuais e semelhantes (embora não idênticas). Pela cultura em troca, nossa inteligência é altamente variável e coletiva. Com efeito, a dimensão social da inteligência está intimamente ligada às linguagens, às técnicas e às instituições, notoriamente diferentes conforme os lugares e as épocas (LÉVY, 1996, p. 99).

Em cada época encontramos características culturais diferentes e cada povo vai se adaptando de acordo com o momento histórico que vive. As esferas sociais modelam o ambiente cognitivo de tal maneira que certas idéias, conceitos e mensagens prevalecem umas sobre outras, tendo mais chances de evoluir e de se reproduzir (LÉVY, 1996, p. 100), e as tecnologias digitais fazem parte da maioria desses momentos de evolução dos seres. Não como determinantes, mas como condicionantes (LÉVY, 1996, p. 101), pois dão oportunidades para a evolução, para a criação e desenvolvimento de idéias, culturas, enfim, para a sociedade. Fazer parte de uma sociedade implica em ser um ser social, coletivo. O autor aponta que o sujeito para ser coletivo necessita ser múltiplo, heterogêneo, cooperativo, competitivo, já que desta forma teria a propriedade de autocriação.

Ainda de acordo com Lévy (1996), mesmo o sujeito estando conectado ao seu corpo, o seu lado afetivo

se desdobra para fora do espaço físico. Desterritorializado, desterritorializante, ele existe, isto é, cresce de fato para além do “aí”. O psiquismo, por construção, transforma o exterior em interior (o lado de dentro é uma dobra do lado de fora) e vice-versa, uma vez que o mundo percebido está sempre mergulhado no elemento do afeto (LÉVY, 1996, p. 108).

E esse desdobramento do lado afetivo para além do espaço físico esteve presente nos jovens pesquisados: eles sempre deixaram claro o seu lado afetivo, principalmente no ambiente virtual. Isso fica evidente nas frases e expressões usadas, eles abrem o leque das afetividades através do espaço presente na tela do computador, onde compartilham suas angústias e alegrias, e tantos outros sentimentos.

Na fala que trago a seguir, de duas das alunas que participaram da pesquisa, é possível perceber que os sentimentos estão representados na página virtual do MSN. As palavras em letra maiúscula demonstram que a pessoa está gritando. O que sentem é apresentado através da escrita:

 Menina | NÃO ME EEEEEENXE!) -que raaaaaaaiva caralho --'

 Menina | Eu só to off.. pra mae nao encher o saco.. se quiser falar cmg..

Ambos os exemplos apresentam, de uma maneira ou de outra, a busca (pelo menos a meu ver) por um espaço que seja só dele – “NÃO ME EEEEEENXE” e “Eu só to off..pra mae não encher o saco...se quiser falar cmg”. Mesmo em casa, que é onde os alunos se conectam à internet com mais frequência, eles não querem que os pais percebam que estão no espaço virtual. Aí eles se conectam com os amigos e falam livremente pela internet, sem querer que os pais saibam o que eles conversam.

Os mais variados sentimentos caracterizam esses momentos que são vivenciados por todas as pessoas, mas torna-se visível em especial em quem tem coragem de expor sua privacidade para o público, seja para os amigos ou para os desconhecidos. Junto com essa exposição ao coletivo da sua privacidade, vem acoplado uma série de elementos que fazem com que os sujeitos interajam entre si, construindo relações e estabelecendo regras que delinham cada vez mais os espaços.

Esse coletivo, que vai sendo construído por todos que frequentam, usam e/ou modificam o ambiente virtual é denominado de *inteligência coletiva*, por Lévy (1996). A criação desse coletivo não é prioridade do homem já que os animais também se reúnem coletivamente – abelhas e formigas, por exemplo – para sobreviverem. Mas, há vários pontos em que o homem se diferencia dos animais, uma vez que a inteligência coletiva que caracteriza o ser humano pensa dentro de nós; o indivíduo usufrui da inteligência coletiva de forma a evoluir, modificando e aumentando suas aptidões mentais. Como já dizia Babin e Kouloumdjian (1989), nós não somos passivos diante dos meios, assim como não somos passivos diante das diferentes culturas a que temos acesso. Assim, conforme entende Lévy (1996), na cultura, as pessoas são capazes de aprender, imaginar, inventar e

finalmente de fazer evoluir, mesmo que muito modestamente, as linguagens, as técnicas, as relações sociais que vigoram em seu ambiente, o que uma formiga – estritamente submetida a uma programação genética – dificilmente é capaz de fazer (LÉVY, 1996, p. 111).

Em minha pesquisa encontrei muito da inteligência coletiva, como aponta Lévy (1996). Os alunos, pelo menos no ambiente virtual que observei, assemelham-se. Os jovens da pesquisa copiam outros usuários – amigos,

conhecidos, ou até mesmo estranhos – seja na forma de utilização da ferramenta, seja no compartilhamento de informações, notícias e tantas outras informações.

Podemos verificar essa indicação nas frases colocadas pelos alunos nas mensagens pessoais compartilhadas no MSN. Muitos deles colocaram em sua trajetória no mundo virtual, perfil do Orkut ou frases de apresentação do MSN fragmentos de letras de músicas, que vem ao encontro de seus gostos, sentimentos e momentos que vivem diariamente.

Frith (1997), que discute as funções sociais da música, apresenta que entre essas funções está à formação de identidade, o desenvolvimento de um senso de lugar e de contexto social e o gerenciamento de sentimentos.

A seguir trago alguns exemplos de subnicks como frases de construção coletiva dos jovens, já que selecionam músicas para fazer sua apresentação no MSN, seja como meio de identificação ou simplesmente como forma de apresentar alguma música que eles gostem:

 Menino A  Chora (Ao Vivo) Samprazer
Grupo: Samprazer/Música: Chora

 Menina F - e quando eu estiver tristee , simplismente me abracee .
Grupo: Skank;/Música: Sutilmente

 Menino B ! - Eu te vejo nos meus sonhos , isso aumenta mais a minha dor 🎧
Grupo:Exaltassamba/Música: Eu me apaixonei pela pessoa errada

 MENINA D ☺ meu sorriso não disfarça, quando se quer alguma coisa a gente abraça. *-.*
Cantora: Kelly Key/Música: Você é o cara

 MENINO A : "Ai essa garota apareceu me revirou,me enlouqueceu,me enfeitiçou..."
Grupo:Samba mais/Música:Vestido florido

 MENINO D Quando toca o telefone é vc espero pra dar um jeito na situação!
Cantor:Belo/Música: Pra ver o sol brilhar

 MENINO A "Me dê a chance d t proteger,t abraçar e t fazer feliz,eu descobri que a vida é mais e com vc eu vou além..."
Grupo: Babado Novo/Música:Pensando em você

 MENINA F - Então se ligue.. busque felicidade. !
Grupo: NXo/Música: tudo passa

 MENINA I  [Lábios Divididos - Aviões do Forró Cd Promocioanal](#)

Com esses trechos retirados dos MSNs dos alunos, pode-se observar que eles realmente compartilham da mesma tecnologia, criando a inteligência coletiva a que se refere (LÉVY, 1996) ao ambiente virtual, embora os jovens se difiram nos gostos musicais. Nos exemplos apresentados há os mais variados estilos – pagode, pop rock, dance, nacionais, forró –, mas todas as frases retiradas das letras das músicas apresentam de alguma forma seus sentimentos naqueles momentos.

São momentos que vivem e letras com que se identificam... Entendo que vários são os motivos que levam os alunos a colocar letras musicais em suas frases de identificação no MSN – os subnicks - mas essa situação de colocar uma letra que os identifique, acredito eu, que seja uma construção do ambiente que frequentam. Todos os quinze alunos que participaram da pesquisa em algum momento da coleta de dados, reproduzem partes de letras de músicas na escrita virtual.

Mas não é somente no MSN que os alunos apresentam letras de músicas para se identificar. No Orkut isso está também muito presente. No perfil que trago a seguir, o aluno apresenta a letra da música *Meu jeito moleque*, do grupo Jeito Moleque. Os jovens, em sua maioria, (mas não que isso seja regra) buscam colocar em seus perfis no Orkut músicas, frases, pensamentos, enfim, palavras com que se identificam e que os identifique, de acordo com o olhar deles e dos colegas.

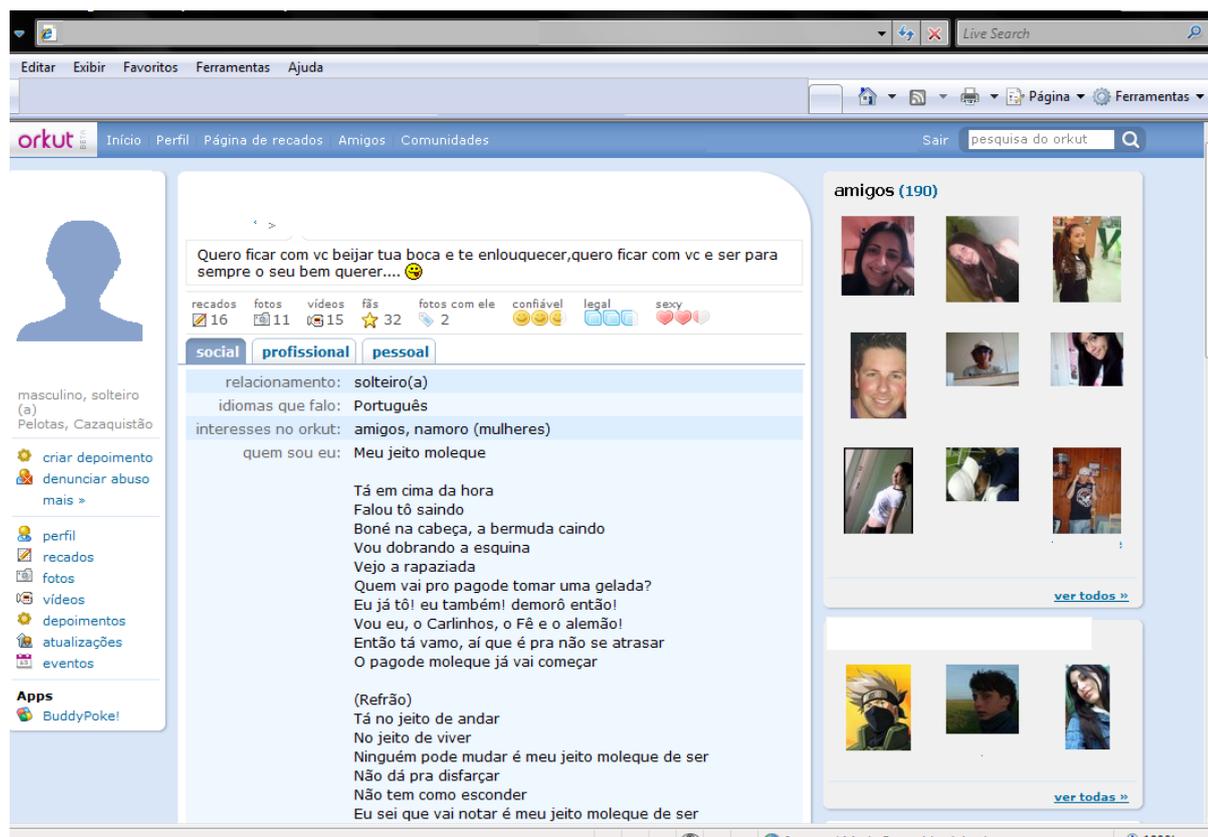


Figura 12. Página de visualização inicial do Orkut; aluno da pesquisa. (Menino A)

Por conviver desde setembro a novembro de 2008 com o Aluno A, acredito que realmente a música e o grupo musical escolhidos por ele aproximam-se da maneira de ser do jovem; seu estilo é: “boné na cabeça e bermuda caindo”. Nas vezes que o vi, ele dizia: “quem vai pro pagode tomar uma gelada?” O jovem se identifica com pagode, cervejinha com os amigos (segundo ele). Acredito que ele copiou a letra da música por identificar-se com ela ou por querer ser visto assim no ambiente virtual.

Concordo com a idéia de Silveira, que não vê o Orkut

nem como espelho, nem como desvio, como um caos a parte, reduto de “degenerados”, mas como atravessados pelos discursos, imagens, padrões, gostos, sonhos e vontades dos sujeitos das comunidades urbanas contemporâneas. Não o vejo como um mundo à parte, pleno de identidades fictícias, de ETs criados com outra matéria que não a nossa; não é uma comunidade de “desviantes”, de simples “desocupados”, mas é de certa maneira, um território para as subjetividades se enquadrarem, se conformarem com dadas regras, para as identidades se exibirem se colocarem numa vitrine, enfim, se reinventarem (SILVEIRA, 2006, p. 138).

Muitos adolescentes da pesquisa deixam suas vidas, intimidades expostas nas páginas dos ambientes virtuais, mas também ocultam muitos elementos de suas

vidas íntimas. Ocultam do mundo e da visualização virtual. A seguir, apresento duas páginas do Orkut que deixam explícito essa disparidade entre os gostos dos adolescentes, da relação que estabelecem entre o que tornar público ou não no ambiente virtual. No primeiro exemplo que trago, do Menino C, observa-se que ele oculta elementos que poderiam identificá-lo no ambiente virtual, tal como foto do perfil, fotos do álbum, e também os recados que ele apaga. Seu perfil é muito sucinto.

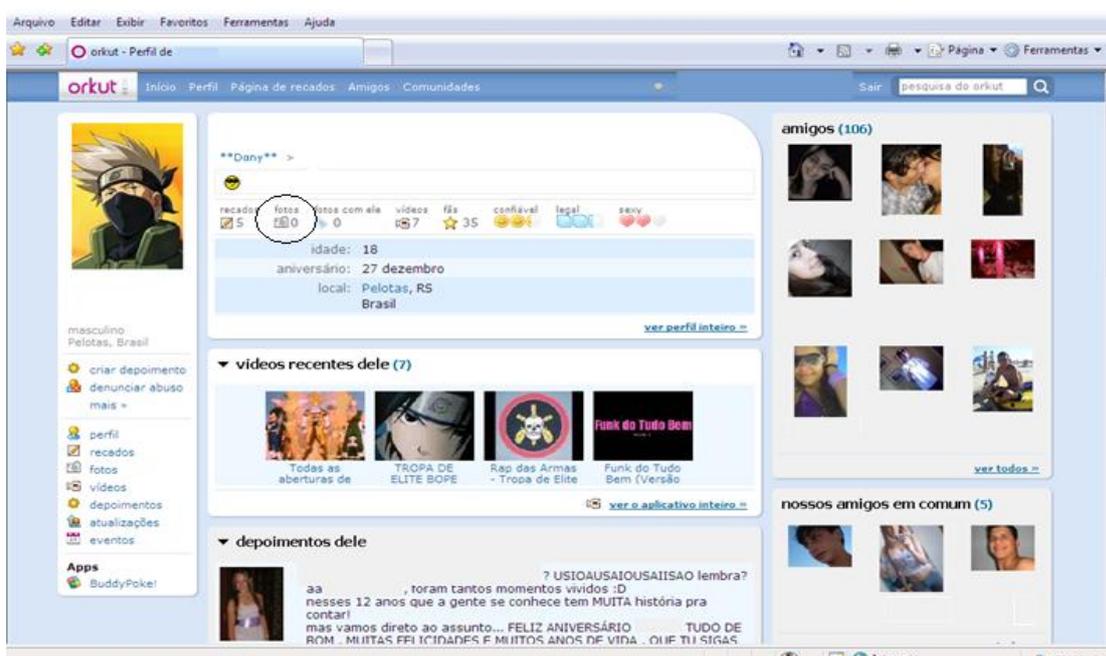


Figura 13. Página de visualização inicial do Orkut; aluno da pesquisa.

(Menino C)

Já num outro perfil, pode-se ver que a Menina C deixa exposta duzentas e doze fotos, de sua família, de amigos e de sua rotina diária escolar. Ela tem a liberdade de apagar os recados que as pessoas lhe deixam. Escolhe o que tornar público e o que compartilhar.

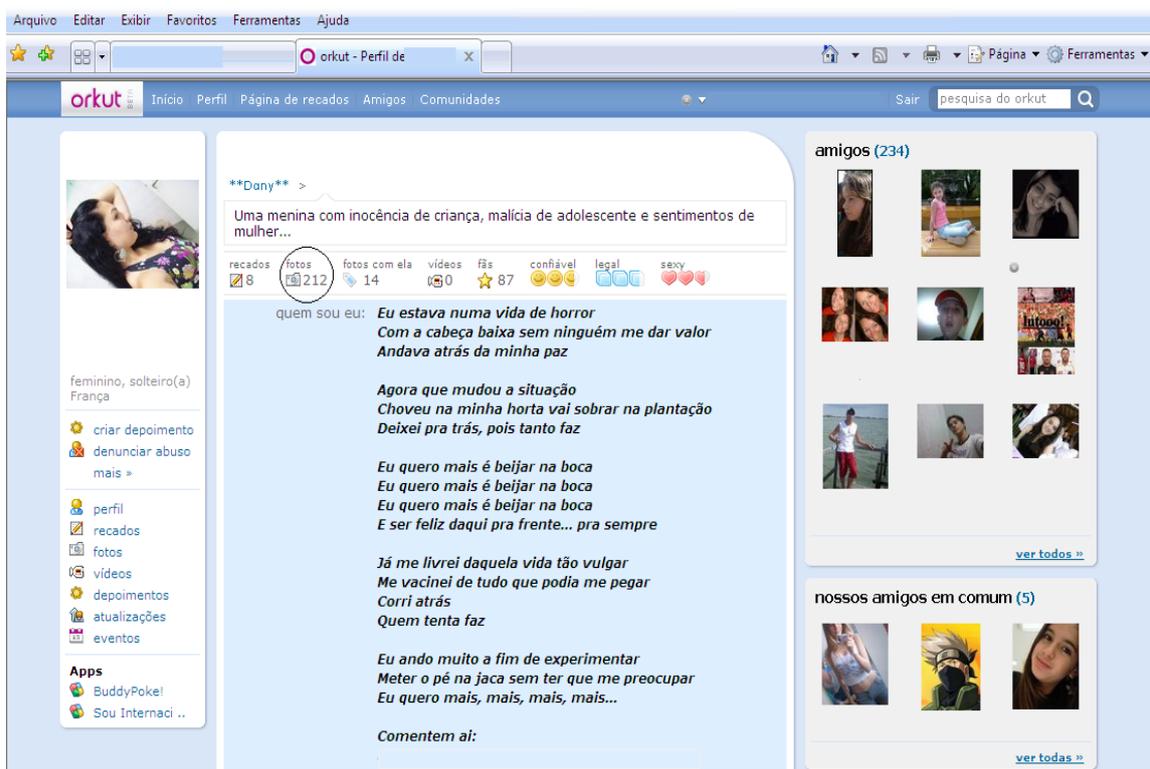


Figura 14. Página de visualização inicial do Orkut; aluna da pesquisa.

(Menina C)

Hoje em dia, com a facilidade de se obter fotos em câmeras digitais e em celulares, os usuários podem colocá-las instantaneamente em seus álbuns virtuais. Tudo que ali é exposto depende de cada usuário. De acordo com Silveira, o interesse pelo Orkut é certamente movido pelo inegável

afã de bisbilhotar, de “saber da vida alheia”, [...] tomado não no sentido tradicional, de observação de fundo sexual, mas numa acepção mais ampla; o Orkut parece contemplar o velho esporte do mexerico, da fofoca, da vontade de saciar a curiosidade pelo estranho, mas também pelo lado menos conhecido do habitual, de saber as preferências e um pouco mais da vida do conhecido, do vizinho, do colega... assim as identidades se exibem, frequentemente com mais desenvoltura no espaço virtual que no cotidiano (SILVEIRA, 2006, p. 141).

O Orkut, sem dúvidas, expõe a vida das pessoas, de acordo com o que elas querem mostrar. Há uma comunidade no Orkut que deixa clara essa exposição da vida alheia: “o que os olhos não veem, o Orkut esfrega na cara”. Em meu entender, essa comunidade apresenta uma das funções do Orkut – explicitar a vida pessoal dos usuários que veem e se deixam ver no virtual. Todos os alunos da pesquisa, principalmente quando estavam na escola e conversavam comigo nos corredores da escola, demonstraram que gostavam de “fuçar no Orkut” para descobrir elementos da vida particular dos amigos ou outros usuários. Por exemplo, muitos deles

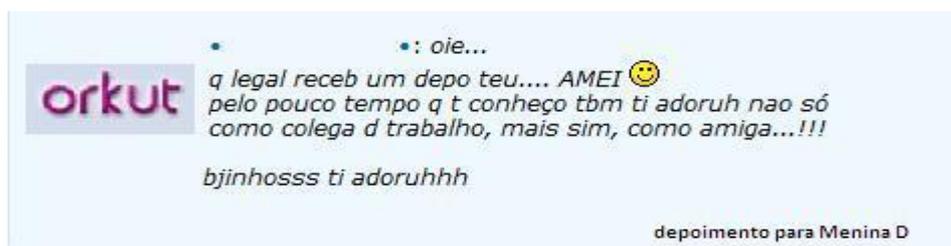
descobriram através do Orkut que tínhamos amigos em comum, isso eles descobriam pesquisando em minha página virtual. Então, quando eu ia para os corredores da escola, eles vinham ao meu encontro, perguntando-me como eu conhecia determinada pessoa (no caso, amigo em comum). Quando eu perguntava como eles haviam descoberto isso, eles diziam: “vi no teu Orkut”.

O Orkut já atraiu e atrai milhares de pessoas. Sua trama envolve uma grande parcela da população, mas, apesar disso, os professores e pais ainda vêem o Orkut como um “lobo mau”, onde sua demonização é apresentada como uma “floresta medieval cheia de lobos à espreita de ingênuos Chapeuzinhos Vermelhos” (SILVEIRA, 2006, p. 138). De acordo com a Wikipédia, no Brasil o Orkut é a rede social com maior participação de brasileiros, com mais de 23 milhões de usuários, e o site mais visitado. E é nesse mundo demonizado por muitos e adorado por outros, que os jovens vão construindo – modificando – delineando suas identidades.

Nessa construção virtual coletiva e na exposição de identidades são usados vários símbolos, linguagens e imagens. Os vídeos, os fãs, as fotos com outras pessoas, os eventos, os *buddypoke* são outras formas dos alunos se expressarem, e se colocarem em evidência para outros. Esses momentos de exposição, em geral, significam popularidade para os usuários do Orkut.

Segundo Silveira (2006), os depoimentos são o primeiro selo de popularidade nas páginas virtuais do Orkut. Ainda de acordo com a autora, não é incomum que os usuários peçam depoimentos para outros usuários. Isso aconteceu várias vezes comigo, como professora no SENAC e com os alunos desta pesquisa, quando começamos a ter mais intimidade. Pediam também para eu comentar suas fotos.

No depoimento a seguir, retirado do Orkut da página virtual da Menina D, é possível observar que a expressão de sentimentos se faz presente nesse aparato do ambiente virtual – página do Orkut – apesar das pessoas não se conhecerem muito, elas demonstram gostar do que as outras escrevem para si, levando-a dizer que: “adoruh” a colega.



Nessa escrita podemos perceber que esse depoimento é uma resposta, a outro recebido. Isso fica evidenciado pela primeira frase: “q legal receb um depo teu... AMEI”. Falar e deixar registrado nas páginas do ambiente virtual, falas, palavras, sentimentos a quem ela provavelmente não conhecia direito demonstra que os adolescentes buscam fazer amizades que vão além do contato presencial; e o ambiente virtual vem para aumentar os laços de amizade, o trecho: “pelo pouco tempo q t conheço tbm ti adoruh” demonstra um pouco isso.

Podemos observar que, apesar do pouco tempo em que as pessoas se conhecem, deixam evidente nas páginas pessoais do Orkut sua ‘admiração’ e ‘amizade’. Isso é uma forma de estar em evidencia no ambiente virtual, (indiferente do sexo), pois deixa exposto nas páginas a necessidade que sentem de fazer novos amigos. Silveira (2006) traz em seus escritos que, além da amizade, os depoimentos surgem como um título de popularidade. Cada meio social e cultural que conhecemos tem características próprias, e com o ambiente virtual não seria diferente

Nos depoimentos dos jovens há elogios, demonstração de admiração e de sentimentos. O objetivo da pesquisa que realizei não se propõe a analisar todas as outras formas de expressão, mas era impossível não situar o leitor que, todos esses aparatos que estão nas escritas dos jovens “são produções sócio–culturais, constituídas na e pela linguagem, que, ao nomear e supostamente descrever esses corpos, interpela–os, atuando no processo constitutivo das identidades” (QUADRADO–RIBEIRO, 2008, p. 02), conforme postula o autor referindo–se ao espaço ocupado pelos corpos no ambiente virtual.

5.1.1. A escrita em ambientes virtuais – Orkut e MSN

Não se deve perder a noção de que a internet é um meio de comunicação abrangente, ágil e dinâmico. Uma página na internet pode ser visualizada em qualquer parte do mundo.

As conversações pela internet no chamado "tempo real" são consideradas pelos usuários, como interessantes, pelo fato de não necessitarem de um planejamento prévio do que pretendem comunicar. Desta forma, a troca de mensagens é instantânea, sem perda de tempo, acontecendo através de abreviações, símbolos e sinais.

É importante assinalar que através das características da internet, a língua falada e escrita nesses meios, não se deteriora e não se degenera. Ela se transforma, adquire novos elementos e põem em desuso outros. Esse é um processo natural que faz com que as linguagens evoluam e acompanhem as transformações sociais, econômicas e culturais dos povos.

É através de um clique no mouse que os usuários do Orkut têm acesso a lista de amigos, comunidades, scraps, fotos, enfim, a uma infinidade de características da vida das pessoas, que decidem torná-la de acesso público.

Geralmente esse contato virtual acontece em casa, já que na maioria das escolas, o acesso a programas como MSN e Orkut são bloqueados. No colégio em que a pesquisa foi realizada, em uma das manhãs que passava momentos com os alunos nos corredores (entrada e/ou saída das aulas) fui com outra professora que conhecia (não era nenhuma das participantes da pesquisa), acompanhar outra turma de alunos da 8ª série no laboratório de informática. A docente trabalha com uma disciplina de língua estrangeira. Em conversa, ela me disse que, sempre que possível, leva seus alunos para pesquisarem na internet, assim como também salientou que para muitos alunos dessa turma, o único contato e acesso à internet ocorre nos momentos que ela propiciava.

A escola pesquisada abrange alunos de muitos bairros e por isso reúne no espaço escolar jovens e crianças das mais variadas classes sociais e com os mais diferentes estímulos. Talvez daí a afirmação da professora, quando diz que muito dos seus alunos têm acesso somente à internet na escola.

Quando eu estava no laboratório, conversei com a referida professora e observei que os alunos faziam as atividades designadas por ela, enquanto mexiam na internet (Orkut, MSN e youtube). Nessa oportunidade aproveite para conversar com o responsável do laboratório de informática. É ele que mantém os programas atualizados e que monitora o acesso a sites proibidos. Ele me relatou que, assim que os alunos saem da sala, ele passa uma vistoria nos computadores, apagando e bloqueando os acessos a sites visitados pelos alunos que são proibidos.

Como pude perceber, os alunos sempre dão um jeito de burlar o sistema e entrar nesses ambientes virtuais, apesar de haver nas paredes da sala de informática, acima de cada computador, cartazes dizendo que os acessos são

proibidos. Isso parece não ser suficiente para impedir que os alunos “fucem” ou conversem com amigos virtuais, que muitas vezes estão presentes na mesma sala.

É uma pena que nem todos os professores se deixem envolver pelas tecnologias, aproveitando os elementos que elas oferecem para a melhoria do ensino.

A linguagem utilizada pelos jovens é própria e única para essa forma de transmissão de informações e para comunicação.

De acordo com Costa (2006), a linguagem do ambiente virtual apresenta

uma escrita abreviada, sincopada, parecida com a escrita escolar inicial, constroem, tácita e convencionalmente, um código discursivo escrito complexo (alfabético, semiótico, logográfico), pois usam, simultaneamente, o alfabeto tradicional com as caretinhas, os scripts, etc, para “conversar” teclando, portanto, escrevendo (COSTA, 2006, p. 160).

A escrita nos ambientes virtuais é abreviada, contraída e sincopada. Os exemplos retirados das páginas do MSN dos jovens pesquisados evidenciam que a escrita é diferente da que encontramos na escola. Todos os trechos que trago a seguir são de conversas que mantive com os alunos:

 “Quando é que tu vai ii lá no coll de novo?” (MENINA F).

 “pq sabe akele papelsinhu” (MENINO B).

 “qem + da aula te add?” (MENINO B).

Uns mais e outros menos, mas todos em algum momento, apresentaram essa escrita própria do ambiente virtual em seus diálogos no MSN. Nessas escritas há uma grande variedade de palavras contraídas, o porque vira pq, adicionar/adicionou vira add, quem vira qem, aquele vira akele e ir vira ii. Os sons das letras suprem sílabas, como por exemplo, a letra K, representa a sílaba cá – então, fica vira fik. Essa troca e/ou substituição de letras que acontece nas escritas no MSN era comum nas escritas dos adolescentes pesquisados. Esses elementos aparecem no ambiente virtual com frequência e com naturalidade nas suas escritas; tanto em recados, ou e depoimentos que eles deixam na descrição do seu perfil (MSN, Orkut).

Além disso, os jovens usam outros recursos. Eles também se utilizam das características discursivas para a construção desse gênero textual escrito. As palavras abreviadas, sincopadas, não são utilizadas e nem ensinadas pelos professores na escola; elas não representam a língua formal desse espaço de socialização e de aprendizagem; elas agilizam a comunicação entre as pessoas. A linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida. Essa escrita é fonte de uma construção coletiva no ambiente virtual onde, ao mesmo tempo em que o jovem usa essa linguagem, ele também ajuda a construí-la e vai se apropriando das escritas já construídas por outros. De acordo com Freitas, na pesquisa “Práticas sócio-culturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes” realizada com jovens da cidade do Rio de Janeiro, o autor percebeu que

a cultura oral está mais próxima do cotidiano da vida humana, do presente, prendendo-se às situações vividas, se ligando mais aos fatos, às descrições enquanto a escrita se distancia refugiando-se muitas vezes em conceitos e lógicas abstratas (2000, p. 04).

A palavra falada é mais rápida do que a palavra escrita; falamos mais rápido do que escrevemos e essa busca de agilidade no ambiente virtual se encontra com a simplificação (em muitos casos, mas não em todos) de palavras. Por exemplo, no MSN, quando o jovem fala com várias pessoas ao mesmo tempo – em geral assuntos diferentes – ele precisa ter muita destreza para manter a conversa, e não deixar ninguém esperando do outro lado da tela. Escrever como se fala agiliza a escrita. Na fala oral não há preocupação com acentuação e/ou gramática de determinada palavra, no diálogo oral não é preciso saber onde se deve colocar vírgula ou travessão, ou ponto de exclamação. A linguagem oral, por meio da entonação, dos gestos e olhares se encarrega disso. Já na linguagem escrita é preciso pensar e utilizar as regras gramaticais, a concordância e vários outros elementos que compõem a escrita. Isso demanda tempo, reflexão e treino, e a escola se encarrega disso. Escrever como se fala está permitido apenas nos ambientes virtuais citados.

Mas não é somente essa variação que ocorre na escrita virtual. Aparece também outra característica: a entonação. A repetição de letras, de palavras e de sinais de pontuação, causa um destaque para aquela palavra. Geralmente os alunos usam essas marcas na escrita quando querem realçar alguma idéia. Nos fragmentos que trago a seguir, pode-se observar que esse aumento de letras e sinais é

frequente. Tudo o que aparece nas páginas virtuais pesquisadas têm alguma razão de ser: as abreviações e o aumento de letras e de palavras têm significados, ainda que simbólicos. Vejamos alguns exemplos retirados das frases do MSN dos alunos pesquisados:

 Almoçaaaar – Dar Comidaaa Pros Gatoos – Assistir Tv – Coiizinhaaaas ! (MENINA H)

 caaaaaalor :x (MENINA G)

 (NÃO ME EEEEEENXE!) – que raaaaaaaiva caralho – (MENINA I)

  – sem ela eu ã sou nada !!!!!deu namoro  (MENINO B)

De acordo com Lévy (1996), a escrita hipertextual rompe com a leitura e a escrita linear. Os jovens trazem para a escrita, as atividades que envolvem os momentos que vivem.

Esse aumento nas palavras e sinais que aparece nas escritas deles vem associado, muitas vezes, às suas rotinas. Na primeira frase/fragmento a rotina da Menina H está explicitada na sua frase do MSN: “Dar Comidaaa Pros Gatoos”. Essa rotina que os jovens adolescentes trouxeram é comum para eles. Colocar o que estão fazendo é demonstrar, no ambiente, o que fazem.

 **MENINA** J estudando "É a balada do fim de semana vai ser no El Dredon"

 **MENINO** C Estudando para o cefet-rs !!

 **MENINA H** Almoçaaaar - Dar Comidaaa Pros Gatoos - Assistir Tv - Coiizinhaaaas !

 **Menino D** vendo TV!

No primeiro exemplo, a jovem J loca como frase pessoal de seu MSN a sua rotina de estudar, avisando que ficará em casa, “no ElDredon”. No segundo exemplo, a Menina I deixa claro o que está fazendo, como que justificando sua

ausência no MSN (ausência não no sentido de não estar conectada, mas de não estar em frente ao computador).

A frase do terceiro aluno que apresento é do Menino C, essa frase que ele colocou “Estudando para o cefet–rs” permaneceu ali por muito tempo, foram vários os dias que a vi. Ele também colocou essa mesma frase no perfil do seu Orkut. Creio que ele deixou isso em evidência, talvez como forma de não ser incomodado nos seus momentos de estudo. Percebo que as mensagens passadas através de frases no MSN e no Orkut têm um peso grande sobre os usuários que as lêem. Eles as respeitam e, em geral, querem saber motivo de tal expressão.

Pensando sobre o que assinala o Menino D, lembrei que no primeiro encontro que mantive com os alunos, perguntei sobre o que eles não viveriam sem e nenhum dos alunos, de ambas as turmas, sequer falou em televisão. Apesar disso, acompanhando o processo diário dos alunos, percebo que a televisão está muito presente na vida deles, pois destinam seu tempo para sentar e ver os programas que gostam. Mas naquele momento da pesquisa a TV nem lembrada foi.

Eles exaltam suas rotinas através das tecnologias. Percebi que isso acontece com mais frequência no MSN do que no Orkut, talvez por aquele proporcionar uma conversação mais rápida entre amigos, e por quem está adicionado como amigo do usuário.

Por exemplo, quando alguém lê a palavra “calor”, tem a noção que está um clima quente, mas quando essa palavra está escrita com vários “as”, significa que a pessoa está sentindo muito, mas muito calor. Mas no MSN parece que há um acordo entre os usuários, ao invés do aumento de letras nas palavras, os jovens usam símbolos para se expressarem. Essa escrita diferencia, em parte, os ambientes internauticos usados pelos jovens para comunicação.

Vejo o ambiente virtual como um espaço onde muitas identidades (fictícias ou não) são construídas e alimentadas por elementos que vão delineando as personalidades. Cada jovem cria, apresenta e mantém a identidade virtual que deseja. As identidades dos sujeitos são, em geral, formadas culturalmente de acordo com os ambientes que participam. De acordo com Garbin, essas identidades fictícias podem variar conforme os momentos que vivemos, interesses mediatos e imediatos, estados de humor, ou mesmo destinatários das nossas mensagens. Através da tela

de um computador tem-se a possibilidade de construir uma “personalidade” alternando entre muitas outras.

Ainda de acordo com a autora,

“podemos encarar nossas identidades com muito mais multiplicidade, onde podemos nos inventar do jeito que quisermos e nos sentirmos naquele momento, naquele lugar, as identidades são, sim, fictícias, porém não menos que as da vida real. São apenas diferentes, mais breves, talvez mais flexíveis que as do cotidiano real” (GARBIN, 2003, p. 15).

Na descrição do perfil do Orkut, do Menino B, podemos observar que, a escrita utilizada por ele para se definir é semelhante àquela usada no MSN, ela surge como uma ferramenta para a comunicação. Ocorre nessa escrita um alongamento das palavras, ressaltando sentimentos e demais características de sua maneira de ser.

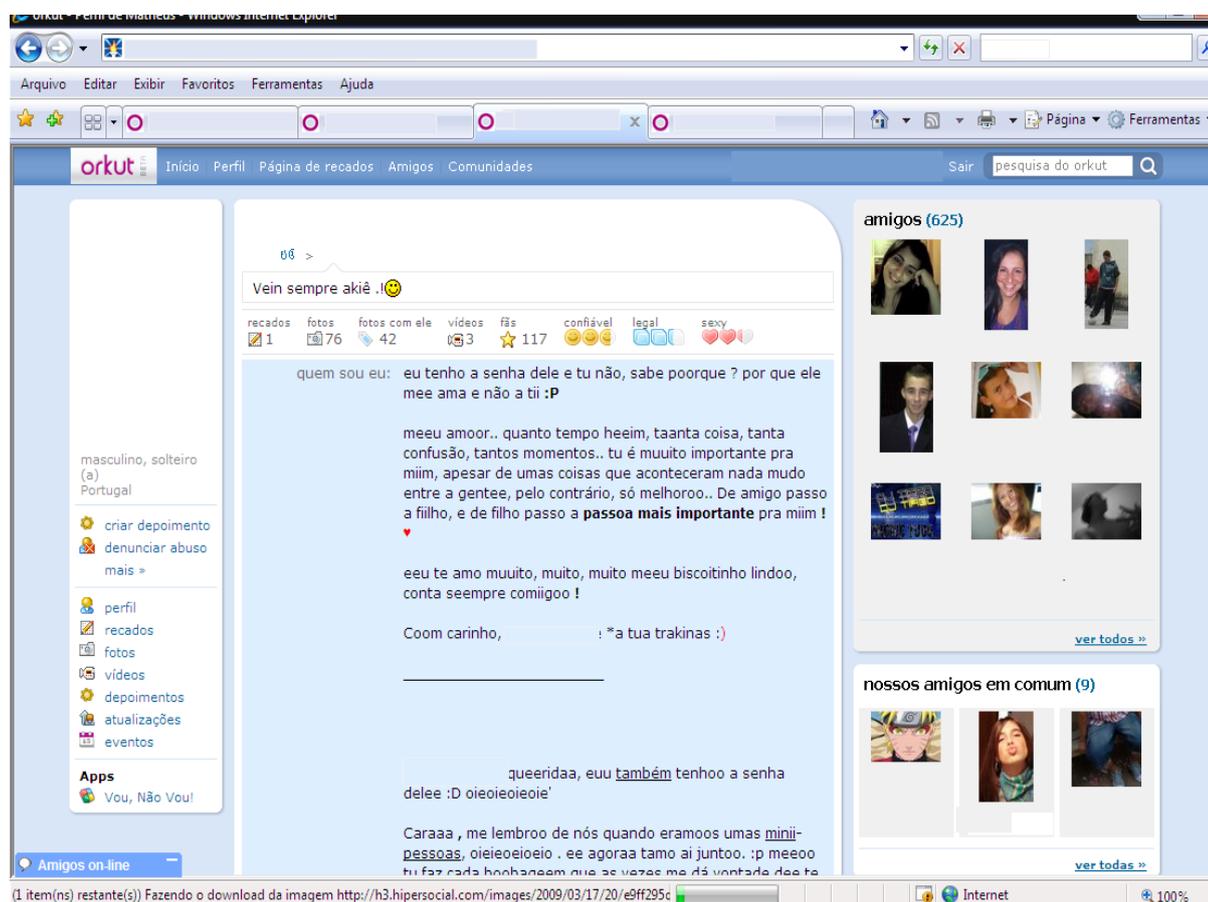


Figura 15. Página de visualização inicial do Orkut; aluno da pesquisa.

(Menina B)

Outro aspecto observado nessa página do Orkut é que não é o Menino B (o dono da página virtual) quem faz a sua descrição. Essa é feita por uma jovem (conclusão minha pela visualização da escrita: “meu amor...” “Coom carinho... da tua trakinias:)”).

Nessa página virtual está presente o que os adolescentes pensam sobre si e sobre os amigos. Deixar outras pessoas, mesmo que amigos escreverem sobre como o vêem é abrir sua vida particular, é deixar que os outros falem o que pensam, como pensam e o que querem tornar público do amigo em questão.

Perguntei a seis¹⁶ jovens se eles deixariam os pais escreverem no seu perfil do Orkut, como deixam os amigos fazerem e todos responderam que não. As justificativas foram que, em sua grande maioria, os pais conhecem menos os seus gostos que os amigos. Um jovem da pesquisa disse que não poderia deixar os pais mexerem no seu Orkut, pois isso seria uma forma de suicídio. Outro jovem disse que com os amigos tem mais intimidade do que com os pais em determinados assuntos. Enfim, todos encontraram justificativas para excluírem os pais de seu ambiente virtual. Eles sentem a necessidade de se diferenciar dos pais, de ter seu próprio ambiente, diferente do mundo do adulto (pais e professores em geral). Eles querem criar seu espaço, seu ambiente emocional, social em busca de autonomia, mesmo que limitada pelos próprios pais. Daí se vê a relação que é estabelecida com os amigos e com os pais. Não quero dizer com isso que os pais não são importantes para os filhos, os jovens apenas encontram outras fontes de identificação e de personalidade na adolescência com seus pares.

Pereira e Costa (2002) em pesquisa sobre concepções de escrita apresentam uma concepção de linguagem como atividade dialógica, uma forma de ação e interindividualidade. Para os autores, o falante sai de uma visão de língua como código para uma visão enunciativa, com manifestações produzidas por indivíduos concretos em situações reais de interlocução, sob determinadas condições de produção discursiva (2002, p. 21–22).

Ao contrário da página do Orkut apresentada, há outra característica muito marcante no ambiente virtual, que Costa identifica como abreviação fonética, onde predominam as consoantes (COSTA, 2006, p. 172). As palavras, ainda assim, ficam compreensíveis para os usuários desse ambiente, que convivem e estão acostumados com essa forma de escrita. Geralmente quem não faz uso assíduo dessa forma de comunicação tem dificuldades para compreender alguns dos elementos pelos internautas empregados. Trago para a visualização algumas frases

¹⁶ Perguntei somente a seis jovens porque com eles surgiu o assunto internet e família, com os demais não quis induzir o assunto, já que naquele momento não tinha tanta abertura.

em que os alunos deixam transparecer essas abreviações, que acontecem tanto no Orkut quanto no MSN:

 "Ah, me dei mal. shaushauahaushau to brincando" (MENINO A, no MSN).

 Pq, pq???PQ QUE NADA DA CERTO  (MENINA J, no MSN).

 Não sei, o q vc acha? (MENINO A, no ORKUT).

O Menino A usa a palavra “shaushauahaushau” para demonstrar que está rindo. Nos demais exemplos apresentados, tanto a Menina J, quanto o Menino A usam consoantes para abreviar o porquê “pq”, que “q”, você “vc”.

A seguir apresento outros exemplos¹⁷ dessa escrita; são recados deixados pelos amigos aos sujeitos da pesquisa e outros são escritos pelos próprios alunos para seus amigos. Um fato importante de ser destacado é que os alunos quando escrevem se utilizam tanto de uma escrita sincopada, abreviada, cheia da prevalência de consoantes, quanto de uma escrita com o alongamento das palavras. Isso acontece com a grande maioria deles. Essa forma de escrita aparece tanto no Orkut quanto no MSN.

O trecho que apresento a seguir é um recado que a Menina C deixou para uma amiga.

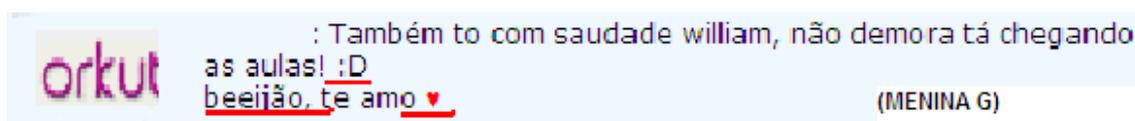
 ' Eu tee aamo Giih ! ♥ 25/05/08

(MENINA C)

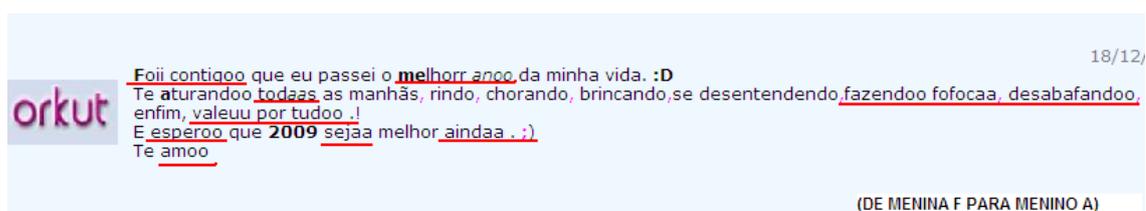
A

A sensação que dá, quando se vê as palavras “tee aamo” com a repetição de letras, é que a Menina C quer expressar um sentimento que é reforçado por ela pela repetição de letras. Num depoimento que a Menina G escreveu para um amigo, também faz uso de entonação através do repetição de letras nas palavras, nesse caso, na palavra “beeijão”:

¹⁷ As palavras sublinhadas em vermelho foram grifadas por mim.



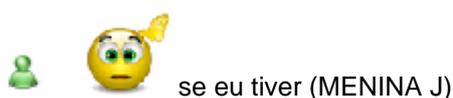
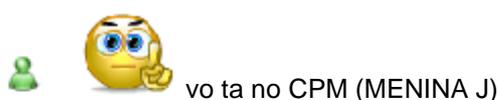
Essa construção da coletividade é compartilhada também pelos alunos da turma. A relação entre eles é boa, pelo que observei em ambas as turmas. É normal que existam ilhas de amigos, pois as pessoas se reúnem por afinidades. Nos encontros que tivemos em sala de aula e nos corredores da escola, eles me pareceram unidos. No depoimento a seguir, essa relação de amizade está presente. A Menina F deixa um depoimento no Orkut da Menina A, retratando a rotina que compartilhavam na escola. Os sentimentos, como sempre estão presentes novamente.



Em geral, o Orkut apresenta a exaltação de algo bom que as pessoas vivem e compartilham. Afetos, relações de amizade, rotinas, desejos, agradecimentos, são elementos que ajudam a compor a popularidade do jovem no ambiente virtual.

É sabido que a escrita utilizada no ambiente virtual é comumente usada nos diálogos orais dos jovens, influenciado pelo falar–escrever. Segundo Costa (2006), os usuários reformam os sistemas linguísticos, já que são motivados por essa nova esfera social que é o ambiente virtual. Os internautas nesse momento mesclam três elementos básicos de escrita: o ideográfico, o silábico e o alfabético.

Assim encontramos os emoticons, ou como Costa (2006) denomina recursos icônicos “paralinguísticos”. Os exemplos que trago são de conversas que mantive com os alunos no MSN:





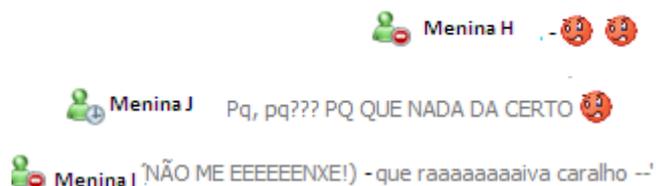
No primeiro exemplo, o ícone significa não. No ambiente virtual, esse ícone ganha movimento, exemplificando bem essa intenção. Já no segundo exemplo, o ícone representa a expressão “bah”, podendo demonstrar espanto, ou esquecimento. Depende do contexto que o usuário fala e o que ele quer expressar em determinado momento da conversa. O último exemplo de desenho apresentado demonstra uma saudação. A expressão “oi” aparece de forma escrita, mas com detalhes que a distinguem da escrita normal, sem a utilização de ícones. Essa escrita utilizada nas conversas que os usuários mantêm com outras pessoas são formas reinventadas, cheias de ícones e símbolos, unindo todas as características apresentadas até agora, criando uma comunicação “universal” no ambiente virtual.

Nesses ambientes sempre há palavras novas, inventadas, palavras da língua inglesa que são abasileiradas. Os acentos e cedilhas não existem mais e a grafia das palavras é alterada. As palavras acentuadas perdem os acentos ganhando novos caracteres: não passa a ser “naum” (escrita como se fala a palavra), café transforma-se em “cafeh” (o acento no ambiente virtual é representado pelo acréscimo da letra “h”, por exemplo: é vira “eh”, né vira “neh”). Assim, os internautas vão criando uma forma de comunicação repleta de signos que expressam emoções, desejos e sentimentos. Segundo Costa, os jovens se apropriam de ferramentas culturais e intelectuais que lhes permite produzir novos sistemas representativos e simbólicos da cultura onde se inserem (COSTA, 2006, p. 16).

Evidências...

Essa construção que acontece nas frases colocadas pelos adolescentes no MSN é uma construção da inteligência coletiva. Muitos alunos repetem as frases dos amigos, ouvem as mesmas coisas, compartilham e modificam essa construção. Não observei, em nenhum momento, frases que fossem de violência. Os jovens demonstravam raiva em alguns momentos, desgosto com alguma coisa, mas relaciono essas demonstrações com seus sentimentos e afetos do momento.

Os exemplos da página do MSN que trago demonstra momentos de indignação, raiva, mas não de violência:



Além da repetição de letras, o uso de letras maiúsculas significa grito. Por exemplo: *NÃO ME EEEEEEXE!*

Essa escrita pode não representar os sentimentos verdadeiros dos jovens, pois o ambiente virtual permite esconder ele que não quer (ou não pode) compartilhar. Além disso, os internautas (menina H e Menino J), nessas ambientes usam carinhas de bonecos (emoticons) demonstrando estarem bravos nas duas frases dos exemplos apresentados.

As trocas que acontecem no ambiente virtual ocorrem de forma mútua, ou seja, todos se tornam emissores e receptores, as pessoas se encontram através do coletivo. Não basta estar com os colegas na escola, é preciso compartilhar com eles o que fazem quando não estão na escola, pois fora dela, sua vida segue outros caminhos.

As tecnologias da informação e comunicação causam grandes transformações na sociedade em que vivemos. Castells (2000) analisa a nova organização social de nossos dias, a da sociedade em rede e complementa que há

(...) uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço dos fluxos. O espaço dos fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos (CASTELLS, 2003, p. 436–437).

O pensamento de Castells (2003) vem para fundamentar o que os jovens compartilham no ambiente virtual. Novas formas de trazer à tona seus cotidianos, através de práticas sociais que são compartilhadas por todos que tem acesso a rede. Tudo (fatos, sentimentos, objetos e situações de vida) pode ser compartilhado em tempo real.

Cada vez mais, estamos conectados à rede de computadores. Cada vez mais o acesso se torna fácil, seja pelo preço ou pela vontade de estar em contato com o mundo. A partir disso, torna-se claro a atividade dos coletivos estabelecidos no ambiente virtual, a forma como se estabelecem os comportamentos e como as idéias se propagam.

O participar/partilhar com alguém as suas atividades é uma forma de estar em evidência, de deixar aberto seu livro íntimo, sua vida pessoal a todos que puderem ver. Os usuários da internet em geral se utilizam de várias formas para se fazerem notar no ambiente virtual. Além de apenas compartilhar suas ações diárias, solicitam que outros usuários – geralmente amigos da rede – estejam presentes nesse compartilhamento.

Nos adolescentes pesquisados, isso fica evidente quando solicitam a interação dos amigos nas coisas que fazem no ambiente virtual. Vemos isso nas frases do MSN a seguir:

 **Menino A** - Comentem as fotos lah no meu orkut 🙄🙄🙄🙄 JOGO DO BRASIL CERTO 🙄🙄🙄🙄
 **Menino B** - deixei o meeu!!!aieuiaueiaueaiu valew gurizada.(aro aii é da radio tres teta de 21 litro???)ashuahsuhsaushua

Os alunos, assim como pedem depoimentos no Orkut, para os amigos ou conhecidos comentarem suas fotos no Orkut. Eles usam uma página da internet (MSN) para solicitar que os alunos comentem elementos de outra página virtual em uso (Orkut). A solicitação do Menino A é respondida pelo Menino B, que confirma que já deixou seu comentário por meio do próprio MSN. É interessante observar que os jovens participam da vida virtual uns dos outros, o que não quer dizer que estejam participando da vida presencial dos amigos, pois o ambiente virtual permite criar identidades fantasiosas e uma grande comunidade de 'semelhantes'; ou seja, a inteligência coletiva cresce no ambiente virtual. A rede da internet é

um tapete de sentido tecido por milhões de pessoas e devolvido sempre ao tear. Da permanente costura pelas pontas de milhões de universos subjetivos emerge uma memória dinâmica, comum, objetivada, navegável (LÉVY, 1996, p. 114).

As múltiplas identidades juvenis constroem-se em conjunto na rede com os amigos, com as interações que estabelecem e com o que eles se identificam, constituindo suas identidades virtuais. Segundo Lévy (1996) a informação que está disponível no ciberespaço é composta, de território, textos e imagens, onde são gerados conhecimentos e capacidades de inferência autônoma. Essas informações são memórias, experiências e sentimentos dos internautas que utilizam esse ambiente. Esse é um processo que faz parte da cultura do ambiente virtual.

É impressionante como os aparatos das tecnologias digitais conseguem prender a atenção dos sujeitos (em especial dos jovens e crianças) fazendo com que dediquem tempo (minutos, horas...) de seu cotidiano e de sua rotina para atualizar sua vida virtual. Os adolescentes pesquisados utilizam-se do MSN e o Orkut para interagirem com os amigos. Eles estabelecem uma rotina para esse avatar, como se vivessem essa vida virtual também.

Esse processo de contato com as culturas do ambiente virtual é constituinte de identidades. Os jovens da pesquisa buscam se assemelham aos amigos e colegas, frequentadores do mesmo ambiente virtual. Como eles se inserem no mundo virtual, ficam absorvidos com a possibilidade de através do teclado ou do mouse, chegarem rapidamente às páginas onde podem encontrar seu ídolo do esporte ou da música e informações sobre cinema ou qualquer outro assunto de seu interesse, sem verem o tempo passar.

Essa busca de viver virtualmente, de construir suas várias identidades e de se identificar com amigos pode ser verificada no exemplo que trago a seguir, onde vários alunos na pesquisa apresentam-se através da escolha de uma página do seu time de futebol:

The screenshot shows a user profile on Orkut. At the top right, there is a link "ver todos os depoimentos >>". Below that, the profile name is "Sou Xavante!". Navigation links include "Carteirinha", "Notícias", "Ranking", and "Tabela do brasileiro 2009". The main content area features a banner for "Grêmio Esportivo Brasil" with a "Torcedor Fanático" section containing a photo placeholder for "Menino A" and the text "O meu time de coração!". Below the banner, it says "Carteirinha número 711" and "Ranking: A 46 - maior torcida do Orkut | 11.778 torcedores". On the right, there is a "últimas notícias" section with three news items, each dated "1 semana atrás". At the bottom, there are links for "denunciar aplicativo", "ver o aplicativo inteiro >>", and "adicionar aplicativo".

Figura 16. Página do perfil do Orkut; aluno da pesquisa.

(Menino A)

Esse perfil foi uma das evidências que percebi no ambiente virtual na busca por identificação com os amigos, com o ambiente virtual e com o que gostam, nesse caso, times de futebol. E isso não é só uma característica dos meninos, mas também das meninas.

Os adolescentes não buscam apenas informações mediante uma leitura hipertextual do que aparece na tela, mas mais do que isto, eles buscam a troca de idéias, o bate-papo virtual que os faz discutir com diferentes amigos os temas de sua preferência (FREITAS, 2000, p.14). Eles têm interlocutores reais num tempo também real. Envolvem-se nestas novas formas de leitura e escrita com entusiasmo ocupando nelas grande parte de seu tempo (livre ou não), produzindo um sentido pessoal para suas atividades.

6. ANÁLISE DOS DADOS: AMBIENTE ESCOLAR

6.1. Os dados no ambiente escolar

A coleta de dados no ambiente escolar foi realizada no período de agosto a novembro de 2008. Nesse sentido, os alunos estavam sempre envolvidos com trabalhos e provas, demonstrando preocupação com as notas, mas não aparentando preocupação com o conhecimento escolar.

Senti maior dificuldade em coletar dados no ambiente escolar do que no ambiente virtual. Mesmo tendo um contato “corpo a corpo”, “olho no olho” com os jovens, eles se mostraram mais fechados, mais receosos de abrir seus cadernos da escola para a pesquisa. Deixaram transparecer que mostrar suas vidas através do ambiente virtual foi mais fácil do que mostrar seus cadernos escolares. Eles falavam com naturalidade de situações que não pertenciam à escola e selecionavam o material que eu poderia ler para conhecer suas escritas escolares.

Em especial, quando eu solicitava os cadernos dos alunos mesmo vendo-os sobre a mesa, suas afirmações eram:

Não tenho a matéria toda (aluno da pesquisa).

Minha letra é feia (aluna da pesquisa).

Apesar de eu deixar claro no primeiro encontro que o objetivo da pesquisa não era ver a letra deles – se era bonita ou feia – e nem o conteúdo da aula; eu explicava que queria conhecer a escrita da escola para poder entender a escrita da internet. Percebi que os jovens faziam um processo de seleção dos dados para me entregar. Eles realizaram uma seleção antes de me dispor qualquer material que fosse. Esse processo de exclusão de determinados materiais escolares (trabalhos, escritas, bilhetes feitos por vontade própria, sem o professor mandar ou ver) mostra que nem tudo pode ser lido pelo professor, pois os jovens da pesquisa deixaram que eu lesse suas escritas que são proibidas para os professores (e sabe-se lá para quem mais).

Obviamente que alguns jovens me emprestavam seus materiais. Alguns deram até bilhetes que haviam escrito no meio da aula. Compreendi que os bilhetes, recados e tantas outras escritas que permeiam o ambiente escolar estão presente

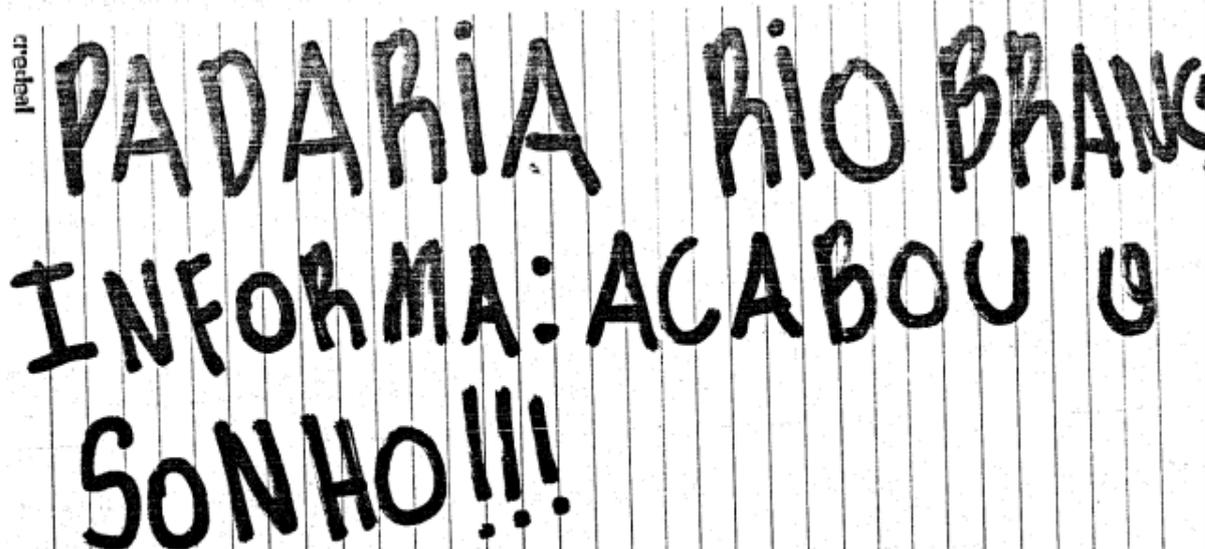
em todos os momentos da sala de aula. Essa primeira seleção que os adolescentes fizeram para me entregar precisa ser compreendida. Quando ouvia deles as mais variadas justificativas para não me entregarem seus materiais, comecei a pensar o porquê dessa atitude. Parece-me que os muros da escola bloqueiam a liberdade dos alunos; eles ficam inibidos, como se não pudessem abrir suas vidas, seus cadernos para além da sala de aula. Os cadernos, para alguns deles, representavam ser um campo proibido para mim. Os jovens pareciam sentir ‘medo’ do que eu podia ser feito com os cadernos, como se eu fosse avaliar algo do que eles escreviam. Senti como se eles pensassem que eu os puniria.

É preciso considerar a seleção que alguns alunos fizeram antes de entregarem-me o material. Isso indica a ocultação de elementos e fatos que poderiam ser observados pela pesquisadora, mas que foram barrados pelos olhares e percepção dos alunos. Em contrapartida, outros me deram total liberdade para manusear seus cadernos. Esses me entregaram seus cadernos fechados, para que eu selecionasse o que queria.

Percebi que com a seleção que os alunos faziam – de escolher as páginas que eu podia ver e fotocopiar – acabavam ocultando o que mais me interessava: ver as páginas dos cadernos e os escritos onde pudessem estar presentes a escrita do ambiente virtual. Essas escritas, geralmente, ficavam onde o professor não costuma olhar: nas capas, nas páginas do meio do caderno, em folhas soltas.

Por outro lado, eles usavam o caderno para fazer anotações que não eram de estudos. No exemplo¹⁸ que segue, podemos observar a fuga do Menino A do assunto da aula. Ele escreve um chamamento sobre um produto de uma padaria evidenciando que apesar de estar dentro da sala de aula, ele encontra uma forma de transgredir as paredes escolares.

¹⁸ Todos os nomes dos alunos foram retirados do material escaneado, permanecendo apenas a identificação que a pesquisadora lhes entregou, com o intuito de preservar suas identidades.



PADARIA RIO BRANCO
INFORMA: ACABOU O
SONHO!!!

Figura 17. Bilhete escrito por um aluno da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Creio que esse bilhete, com uma escrita gramatical correta, pode ser interpretado das mais diferentes formas, dependendo do olhar que se lança para ele. Quando o observei pela primeira vez, logo pensei em sonho, mas não sonho de comer, e sim o sonho de sonhar. A realidade de estar na escola me pareceu acabar com o sonho da vida fora da escola. Além disso, esse bilhete pode ser também apenas uma forma de descontração, sem ter nenhum cunho fantasioso por trás de sua escrita.

Os cadernos...

Quando em uma das idas à escola (não sei especificar quando), uma adolescente me entregou um trabalho da disciplina de português, um elemento chamou muito a minha atenção: a capa desse trabalho estava feita a mão, como eu fazia nos meus tempos de estudante de ensino fundamental, quando ainda não tinha

acesso e nem sabia 'mexer' em um computador. A seguir, trago essa capa para ser visualizada:

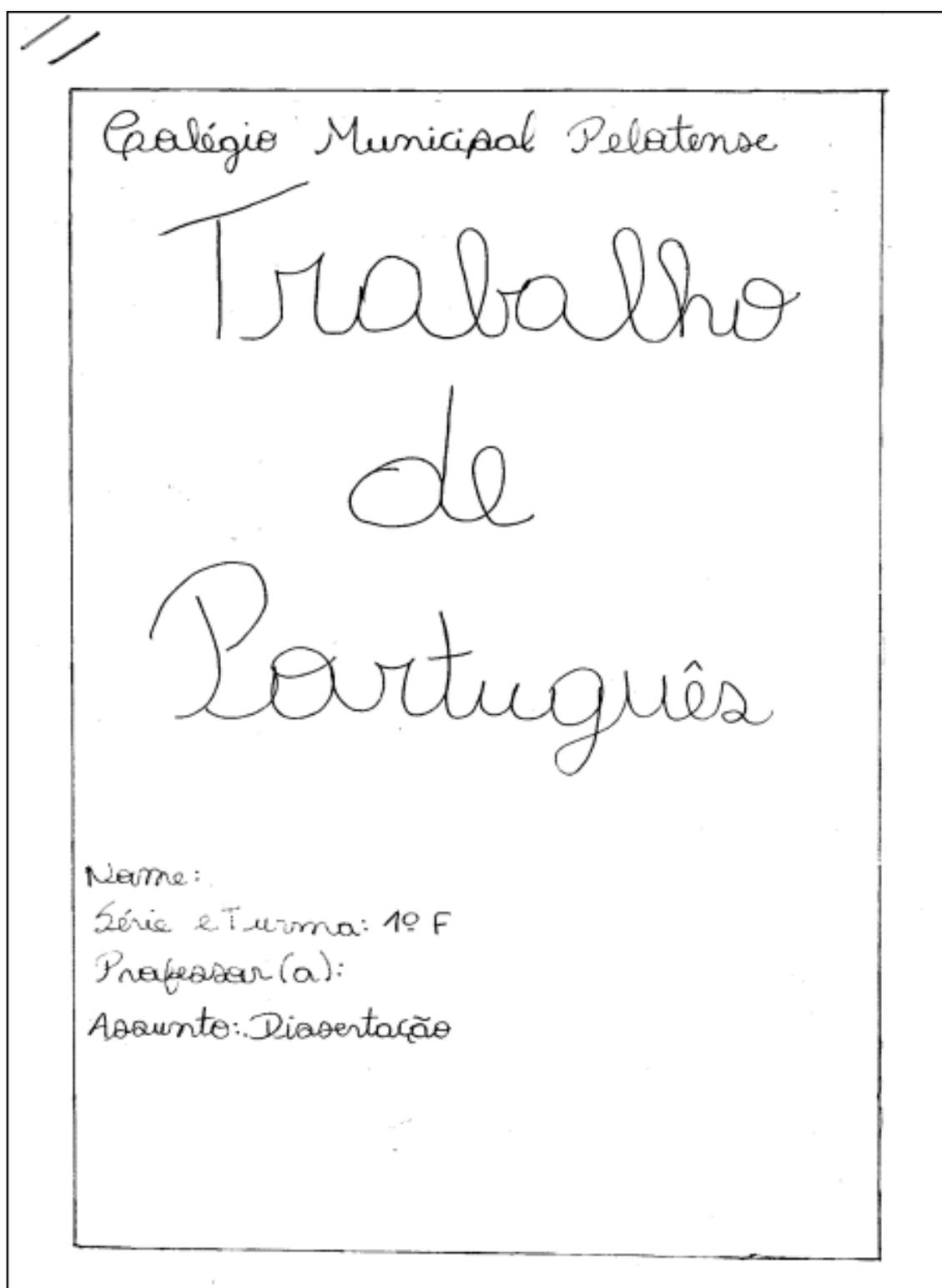


Figura 18. Capa de um trabalho entregue a professora por um aluno da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Observando a capa, fiquei pensando em como as tecnologias digitais estão presentes na vida deles. Apesar de todos os aparatos tecnológicos a que os alunos têm acesso – computador em casa, segundo dados levantados na presente pesquisa – a tradicional capa de trabalho ainda é feita à mão.

Isso me faz refletir sobre o momento que cada indivíduo vive. Alunos e professores destoam: mesmo com as tecnologias que vieram para facilitar a vida das pessoas, as tecnologias ainda permanecem para muitos, distante do cotidiano escolar. Embora os alunos pesquisem na internet para realizar os trabalhos, na hora de apresentá-los aos professores, ele vem escrito a mão.

Assmann (1998) postula que “... é preciso pensar [em] um novo ambiente escolar, em novas formas de ensinar e aprender em que as tecnologias não sejam subutilizadas” (p. 35). No exemplo que trouxe anteriormente, fica claro que as tecnologias digitais não são utilizadas em todo o potencial que elas têm, Em geral, ainda há docentes que não utilizam seu potencial. Ainda de acordo com o autor,

o novo papel do professor emergirá das relações também inovadoras que já começam a ser estabelecidas. No entanto, isto não pode ser confundido com meras adaptações; há um novo paradigma sendo construído que exige uma nova forma de ensinar (ASSMAN, 1998, p. 40)

Ao longo da pesquisa fui percebendo que os professores não estão preparados para utilizar as tecnologias. Grande parte dos docentes não utiliza as tecnologias digitais na escola. É notória que essa mudança na escola e nos seus processos ainda não ocorreu de maneira geral, a instituição escola e, conseqüentemente, os professores (ou vice - versa) não estão vitalmente inseridos nessa sociedade da informação que vivemos. Para completar a idéia apresentada, Marques (2006) apresenta que “as novas articulações das linguagens, da oralidade, escrita e ciberespaço, exigem outra educação, outra escola e, basicamente, uma sala de aula reconstituída” (p. 172), e mais, o autor acredita, e compartilho com a mesma opinião, que

“não é questão de conveniência, ou de arbitrária escolha, a inserção da escola com as respectivas salas de aula nessa sociedade de cibercultura, pois nela estamos já, na escola e fora dela, de fato inseridos” (MARQUES, 2006, p. 172).

Observando o exemplo da capa de trabalho feita a mão, em uma época em que todos os alunos têm acesso ao computador.

Ver, buscar e entender as interações de alunos e professores com as tecnologias na escola é um processo que necessitaria outro tipo de pesquisa. Observar de perto como eles se relacionam com a tecnologia em sala de aula e em quais momentos essas interações acontecem, implicaria em outras observações e outros estudos. Talvez seja por esse motivo que eu tenha encontrado tanta dificuldade em fazer inferências nos escritos dos alunos que pesquisei. Mesmo assim, busco trazer alguns elementos que observei nos documentos cedidos por eles, de forma a, pelo menos, tentar entender o tipo de relação da escrita virtual com a escrita da escola.

Coletar, fotocopiar e analisar os cadernos dos alunos envolvidos na pesquisa é um processo lento, que exige muita dedicação, pois nesses documentos há muito mais do que a mera cópia de conteúdo, muito mais que apenas palavras de algum conhecimento considerado válido pela sociedade e que os alunos precisam saber. Há relações e sentimentos expostos nas folhas, que ficam registradas em várias partes desse objeto escolar; capas, bilhetes soltos entre as páginas e escritos pessoais no meio do conteúdo é uma constante em seus cadernos. Enfim, os sentimentos também nesses materiais escolares afloram em meio à rigorosidade da escola. Cobranças de conteúdo são deixadas de lado em meio às demonstrações de afeto. As demonstrações de carinho entre os colegas são apresentadas, também em meio ao conteúdo. São lembranças que permanecem para além do dia. Os alunos se esquecem do professor e do conteúdo em estudo e registram em seus cadernos. Esses recados falam de sentimentos alheios aos conteúdos escolares, ultrapassando o ensino do professor. Vejamos a seguir um desses recados que relato.

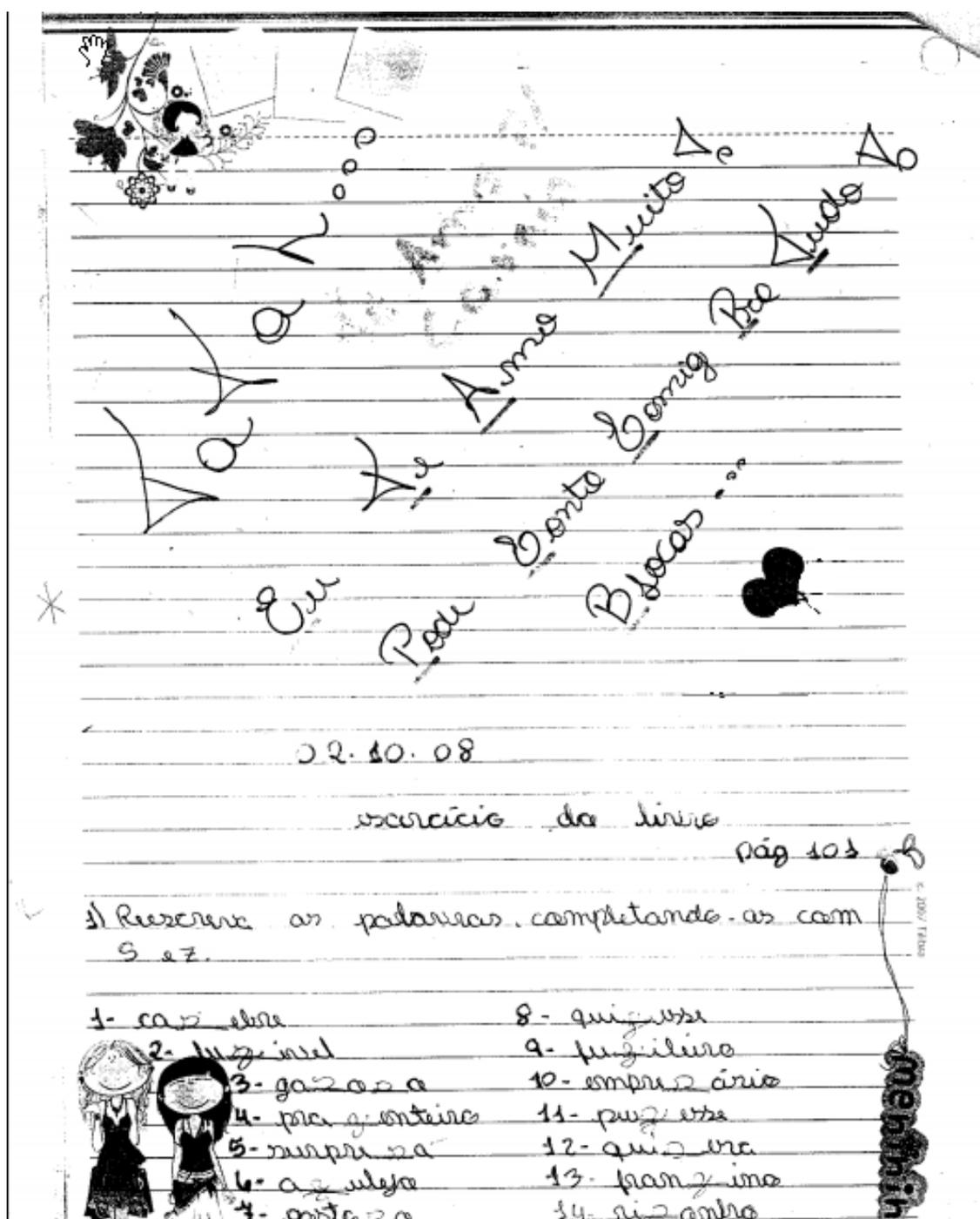


Figura 19. Folha do caderno de uma aluna da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Logo abaixo da demonstração de carinho de uma aluna pela outra, há a explicitação da atividade escolar proposta: “exercício do livro... p. 101”. Momentos de descontração andam lado a lado com os conteúdos, dividem o mesmo espaço, seja nos cadernos ou nas relações estabelecidas em sala de aula.

Juntamente com esse momento de distração, de ‘liberdade’ talvez, ou desligamento da sala de aula, surgem palavras quais observo que se aproximam

daquelas escritas no ambiente virtual. Abreviações do tipo: “comig” (comigo), “pra” (para), “bjocas” (beijos, beijocas) são utilizadas também no caderno da Aluna J.

Mas é preciso deixar claro que essas abreviações que também estão presentes no ambiente virtual não aparecem o tempo todo nos cadernos. Observei que a escrita sincopada do ambiente virtual aparece nos cadernos dos alunos em momentos informais, como em recados deixados no meio do caderno, nas capas, nas margens e não propriamente quando eles copiam conteúdos escolares e/ou resolverem exercícios. Podemos ver na página do caderno da Aluna G, abreviações usadas rotineiramente que são também usadas no ambiente virtual, mas que não provém especificamente desse último.

Abreviações como a palavra *não* → *ñ* é a abreviação que mais está presente nos cadernos dos alunos. É provável que ela seja usada apenas como forma de agilizar a escrita ou como hábitos rotineiros.

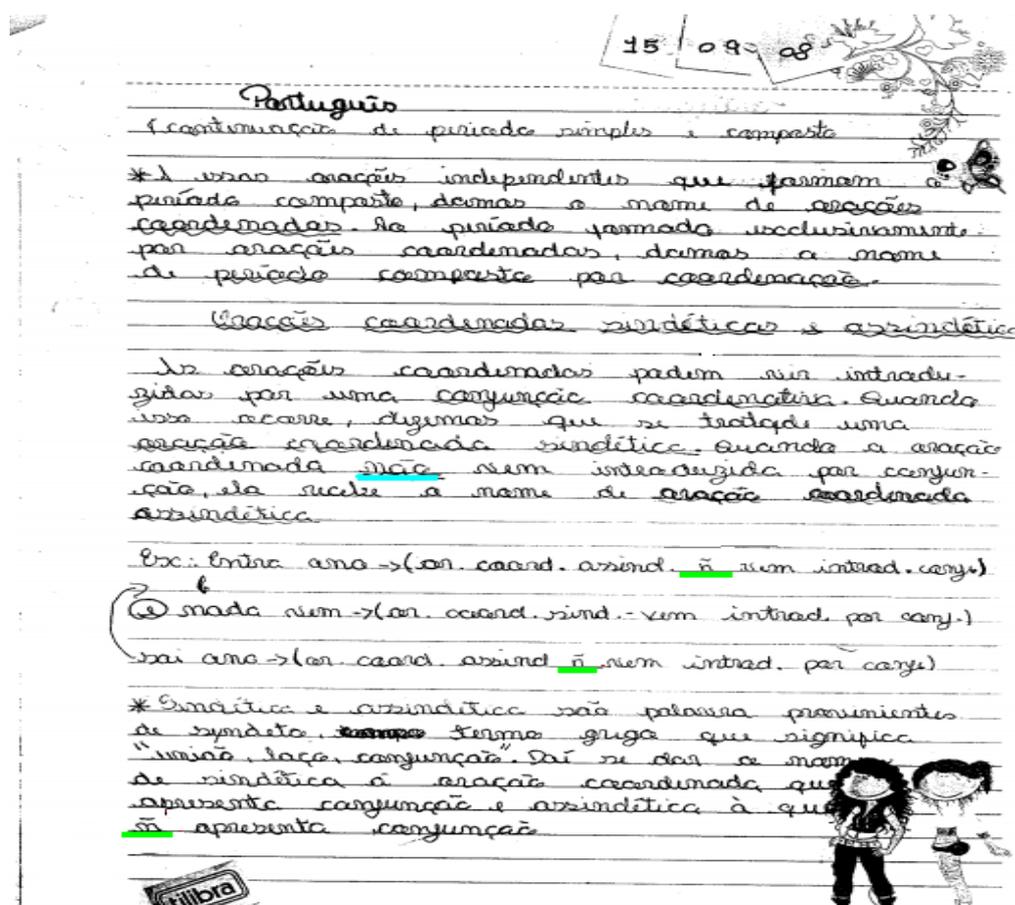


Figura 20. Folha do caderno de uma aluna da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Em seguida, transcrevo na materialidade do computador, o conteúdo da matéria do caderno da Aluna G, ficando desta forma mais nítido e compreensível aos leitores.

Português
Continuação de período simples e composto

* A essas orações independentes que formam Período composto, damos o nome de orações Coordenadas. Ao período formado exclusivamente por orações coordenadas, damos o nome de período composto por coordenação.

Orações Coordenadas Sindéticas e assindéticas

As orações coordenadas podem vir introduzidas por uma conjunção coordenativa. Quando a oração coordenada não vem introduzida por conjunção, ela recebe o nome de oração coordenada assindética.

Ex.: Entra ano -> (or. coord. assind. ñ vem introd. conj.)
e nada vem -> (or. coord. sind. vem introd. por conj.)
sai ano -> (or. Coord. assind. ñ vem introd. por conj.)

* Sindética e assindética são palavra proveniente de syndeto. termo grego que significa “união, laço, conjunção”. Daí se dar o nome de sindética á oração coordenada que apresenta conjunção e assindética à que ñ apresenta conjunção.

A abreviação “ñ” e a palavra não, aparecem várias vezes nessa folha do caderno, conforme grifos que fiz (sublinhados em verde e azul). Essa variação que ocorre na escrita da palavra **não** pode ser compreendida com o que Bagno (2007) explica como a variação diafásica, ou seja, o uso que cada indivíduo faz da língua, de acordo com o monitoramento que o próprio

indivíduo faz do seu comportamento verbal.

Os cadernos com imagens de todos os tipos (meninas usam corações e flores) são comuns nos cadernos das alunas. Em alguns casos, pode-se perceber a diferença entre o caderno dos meninos e das meninas. Geralmente a letra das meninas é mais “bonita esteticamente” que a dos meninos. No mais, pelo que observei, não vi nada que diferenciasses os cadernos. Tanto os meninos quanto as meninas escrevem nas capas e nas folhas em branco no final do caderno.

Outro aspecto percebido é que quando eles selecionam o material para as professoras “passarem o visto”, eles não lhes entregam algumas páginas dos

A seguir trago a transcrição¹⁹ da folha do caderno do Aluno D, mantendo exatamente a escrita e as separações do conteúdo na folha do referido caderno.

S. Conformativa: indica uma conformidade entre o fato que expressa e a ação dos verbo da oração principal.

(xxxxxx) Principais conjunções conformativas: como, segundo, conforme, consorte (conj. arcaica)

Ex: Conforme você já estudou do poeta com o seu próprio "eu"

(xxxxxx) O lirismo percorre da
Preocupação.

6) Consecutiva: indica consequencia resultante da ação do verbo da or. Principal.

Principais conjunções consecutivas:
(tão)...que, (tanto)...que, (tal)...que,
(tamanho)...que

Ex: falei tanto que fiquei louca

7) Final: ndica o fim o objetivo a que se destina o verbo da or. Principal.

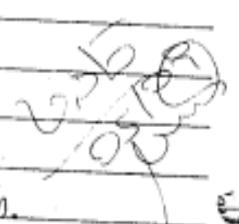
Princ.conj. finais: Tudo farei para que tu (xxxxx).
(xxxx) or. subord. (xx) final

Podemos ver que na página do caderno onde a professora passa o visto, não há rabiscos. O cuidado e a seleção do que mostrar aos professores é constituinte dos alunos. Letra, conteúdo, organização, tudo acaba fazendo parte da seleção do que provavelmente os professores querem ver e os alunos querem mostrar. Vemos abaixo uma página do caderno do mesmo Menino D, mas agora com o visto da professora; o aluno modifica a forma como escreve e aumenta o cuidado com a apresentação da escrita do que a professora irá ver.

¹⁹ As palavras que são incompreensíveis ou rabiscos são representadas por (xxxx) nas transcrições.

① Entra ano - oração 1 → sujeito: ano predicado: entra
 ② Sai ano " 2 " ano " sai
 ③ e o dia vem " 3 " dia " vem

Medição II - Valor 50
 ⇒ Tema é Olimpíadas



Olimpíadas é uma confraternização.

A Olimpíada é um evento mundial, em que todos os países convivem durante duas semanas em confraternização. É tão lindo ver países rivais no âmbito do esporte, todos alegres e sorridentes, até mesmo países pobres ficam alegres, esquecem problemas e tudo o que acontece na cotidiana realidade.

O Brasil nesta Olimpíada não conseguiu, mas valeu a pena, por estar num evento deste e maravilhoso. Falta motivação para nossos atletas, eles tem de bater na cabeça que se ele está em uma Olimpíada, por que não levar uma medalha para casa, vive em um programa de TV em que o atleta diz "Eu sei que não vou ganhar".

Não podemos esquecer do atleta Jureia cujo nome não me lembra, ele vem de uma família pobre não tinha dinheiro para poder tornar-se atleta, ele batalhou arranjou um patrocinador e ficou dependente o Brasil na Olimpíada.

Então o espírito olímpico é isso você tem de

Figura 22. Folha do caderno de um aluno da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

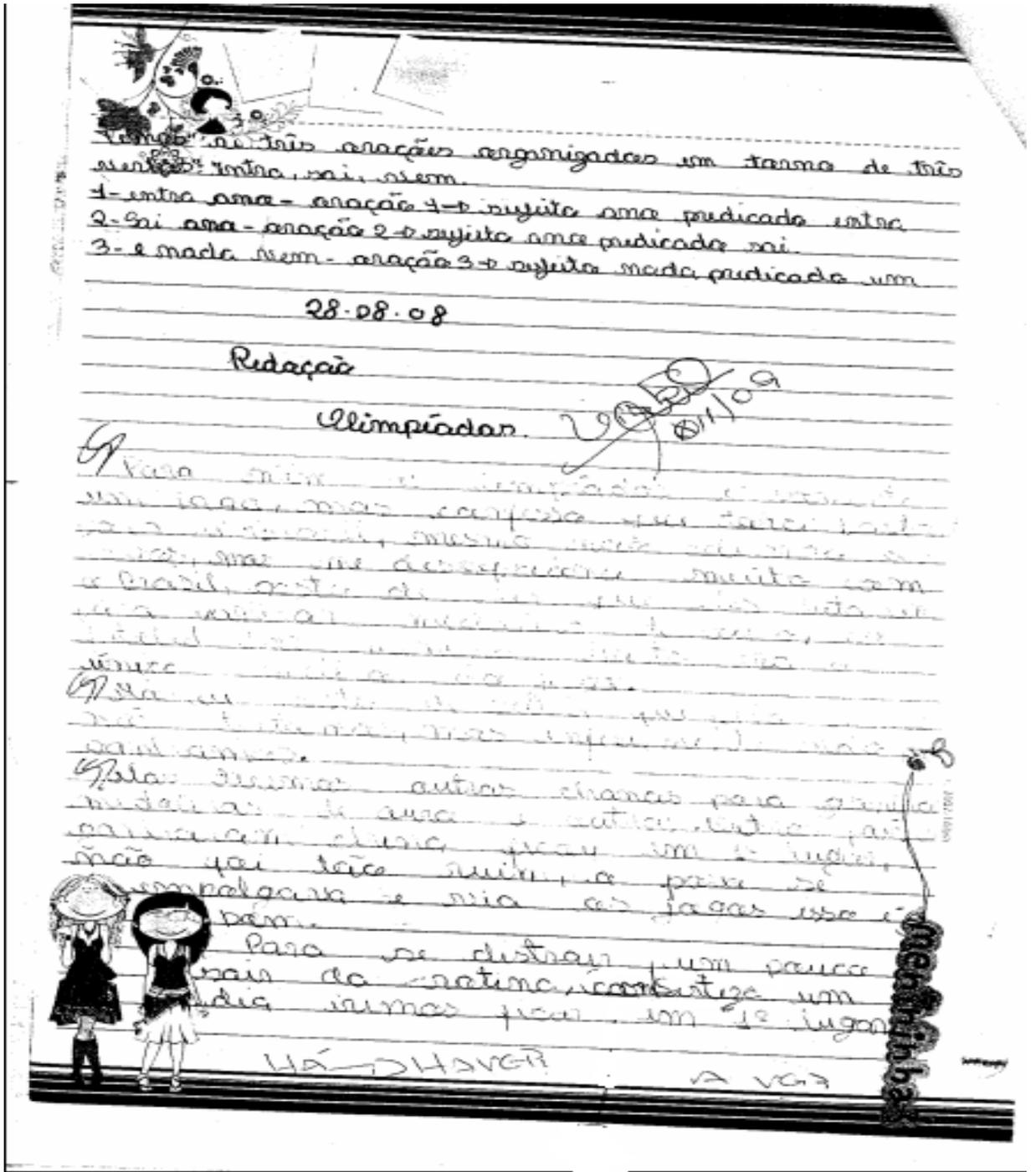


Figura 23. Folha do caderno da Aluna A da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Transcrição da folha anterior, do caderno menina A da pesquisa.

(xxxx) as três orações organizadas em torno de três

Verbos: entra, sai, nem.

1 – entre ano – oração 1 – sujeito ano predicado entra

2 – sai ano – oração 2 -> sujeito ano predicado sai

3 – e nada vem – oração 3 -> sujeito nada predicado um.

28.08.08

Redação
Olimpíadas

Para mim as olimpíadas é somente um jogo, mas confesso que torci bastante para o Brasil, mesmo não (xxxx) os jogos, mas me decepcionei muito com o Brasil, gostei de ver que eles lutaram para ganhar medalhas de ouro, no futebol das meninas a Martha era a única e melhor dos jogos.

Mas eu gostei de saber que pelo menos nós tentamos, mas infelizmente não ganhamos.

Mas teremos outras chances para ganhar medalhas de ouro e outras. Outros países ganharam china ficou em 1º lugar, não foi tão ruim, o povo se empolgava e via os jogos isso é bom.

Para se distrair um pouco, sair da rotina, conserteza um dia iremos ficar em 1º lugar.

Esse caderno tem imagens e desenhos. A Menina A tem cuidado com o que mostra para a professora. Percebo que, para os alunos, esse é um processo que faz parte da rotina; eles selecionam automaticamente o que querem que o outro leia. ‘Ocultar’ os elementos presentes nas escritas dos cadernos é um processo feito pela maioria dos alunos, assim como abrir o caderno para nele escrever. Eles buscam esconder as capas rabiscadas, cheias de recados, de cor e desenhos. Talvez a atitude seja por medo do olhar crítico do professor? Difícil saber. Quando eu perguntei a eles porque selecionam tanto o que mostrar, eles apenas disseram: “sei lá”.

Todos os alunos, em algum momento e em alguma folha dos seus escritos, deixam passar palavras sem acentos, grafias incorretas, apesar de uma das docentes “passar o visto” no caderno. Conforme palavras dela (professora) em conversa informal, o visto serve para ver se o aluno está copiando o conteúdo e realizando as atividades propostas; ela disse não analisar a ortografia e a gramática das palavras. Quando ela me disse isso, pensei: “E por que então não aceitar que os alunos entreguem seus trabalhos digitados?”. São aspectos que não foram investigados nesse momento, até por não ser objeto dessa pesquisa, nas que me instigam ainda

Os deslizes que ocorrem na grafia são justificados pelos alunos:

Ah, tava copiando rápido, daí esqueci o acento (transcrição de material gravado).

bah, e minha letra ficou feia aí, também né.. (transcrição de material gravado).

Senti que os alunos têm a necessidade de se justificarem pelo caderno, o que não significa que seja como eles pensam ser o correto. Eles procuram demonstrar que, se não está de acordo com o esperado, sempre há uma justificativa.

A escrita escolar dos alunos não apresenta detalhes do ambiente virtual. Palavras que os alunos escrevem sem acento, com a grafia errada não podem ser julgadas como influência direta das páginas virtuais, pelo menos na minha visão. A escrita sem erros de ortografia vai muito além; ela envolve regras gramaticais e normas que nem sempre chamam a atenção dos alunos. Isso sim pode ser uma das causas dos ‘erros’ apresentados pelos alunos na escrita escolar. Nos cadernos encontrei abreviações consideradas como erros pelos professores, palavras com letras trocadas e a falta de algumas letras.

Essa diferenciação nos cadernos em relação à letra, à presença ou não de imagens não acontece no ambiente virtual. Na internet todos são “iguais”, pois não há quem escreva mais bonito, quem tem a tela “sem rabiscos” ou quem não respeita as margens. O próprio computador faz essa função, a máquina estabelece limites na escrita (margens e separação de sílabas). Na digitação, o computador corrige a escrita. O professor não olha a escrita da internet para ver se ela está segundo as normas escolares, os amigos não ficam cobrando se as palavras escritas têm erros

ou não de português. Não há cobrança sobre o uso de imagens, embora tanto meninos como meninas usem imagens já presentes nos programas acessados.

6.2. As descobertas

Sempre que nos propomos a pesquisar, a querer descobrir elementos de uma realidade que temos dúvida, de algo que nos instiga, tem-se expectativas e algumas suposições. Durante a minha pesquisa, muito do que acreditava que iria encontrar não foi o que realmente encontrei. Durante o período que convivi com os alunos da pesquisa, pude perceber muito de suas angústias, medos e sonhos em relação à escola e a sua vida profissional. Os adolescentes, de acordo com os seus referenciais de vida, têm preocupações acerca de seu futuro. E apesar de muitos não gostarem da escola, vêem ali uma forma de ascensão e de crescimento profissional (conforme dados em diário de campo). Não percebi em nenhum aluno a visão da escola como formadora de sujeitos para além do mercado de trabalho. Os jovens pesquisados vêem esse espaço como uma escada para o sucesso profissional, sempre relacionada à possibilidade de aquisição de um bom emprego, e não de formação ética, moral e pessoal. Mas em contraponto a essa expressão dos alunos, em seus escritos nos cadernos (capas, folhas e bilhetes soltos), eles deixam evidentes os processos de formação pessoal, os relacionamentos que estabelecem e as interações que determinam muitas de suas atitudes. Escrevem sobre o que gostam, como conversam com os colegas, como trocam informações e notícias com os amigos, colegas em sala de aula. Tudo isso fica também registrado nas suas escritas escolares. Longe dos olhares e leituras dos professores, nas capas e contracapas dos cadernos dos alunos há vida, há 'movimento'. No exemplo a seguir estão presentes desenhos, conversas, imagens. Recados, sentimentos e momentos. É impossível dizer o quanto a expressão dos sentimentos é verdadeira ou o quanto é ou não influenciada pelos colegas, mas é possível ver um processo de exaltação de afeições e de sentimentos na materialidade do papel do caderno. Observemos o exemplo a seguir, que é a contracapa do caderno do Menino A:

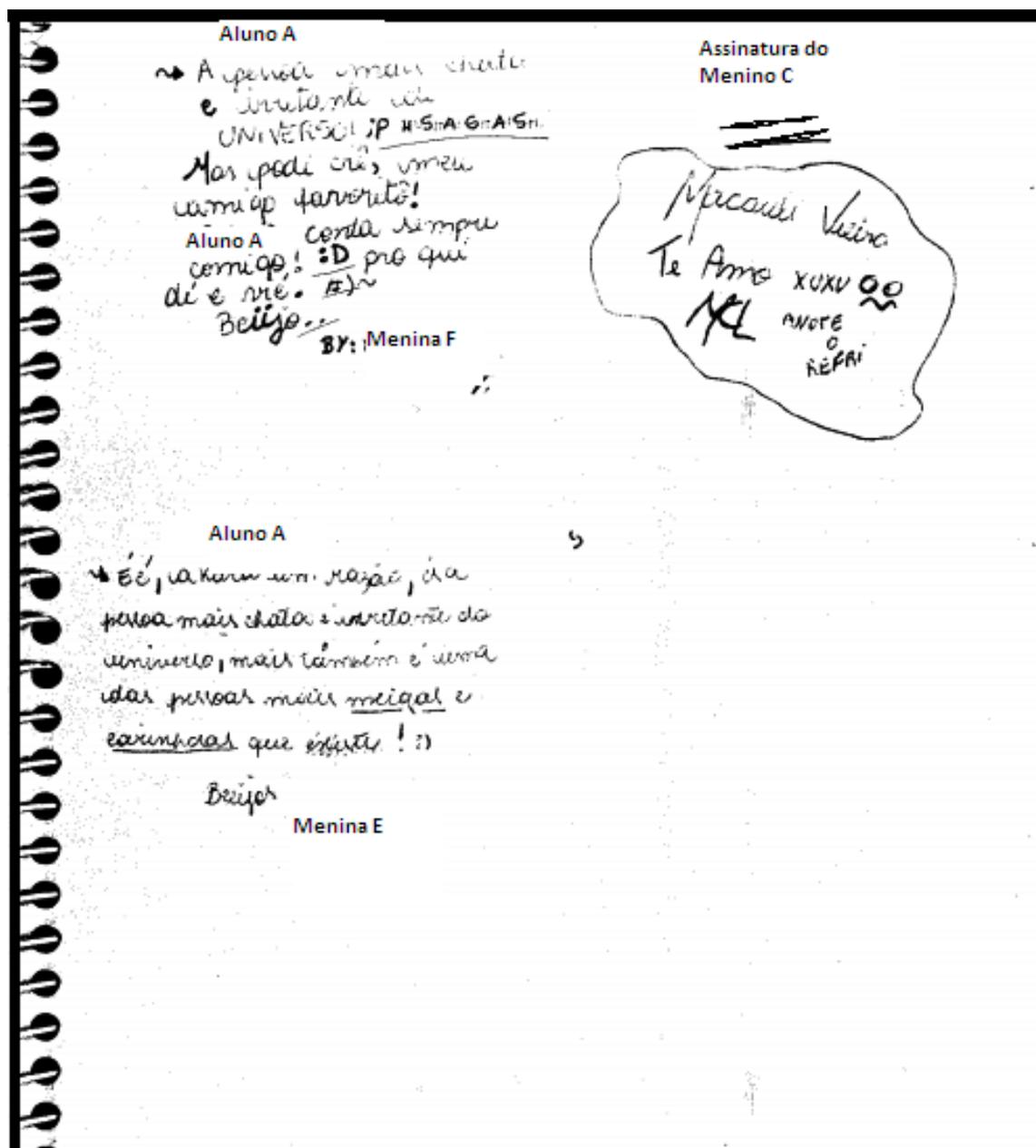
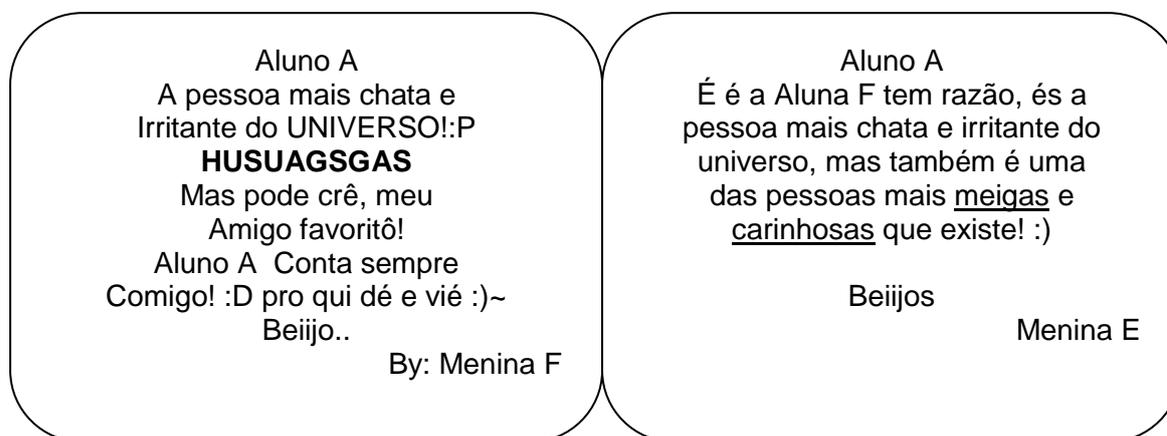


Figura 24. Contra capa do caderno do Aluno A da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

A seguir, apresento os recados deixados pelos alunos na capa do caderno, Eles foram transcritos por mim, na materialidade do computador, com a finalidade de ficarem mais nítidos e compreensíveis aos leitores.



Observando essa capa, podemos ver que a linguagem utilizada no ambiente virtual está presente também aqui nesse diálogo. Os risos utilizados no MSN – *hsuashsuash*– (em negrito – grifo meu) aparecem na capa do caderno.

Essa representação de “riso” escrita pela Menina F no caderno do Aluno A provém do ambiente de conversação virtual, como por exemplo, do MSN e do Orkut. Trago, a seguir, a frase de apresentação do MSN do aluno A, onde é possível observar que os “risos” estão também aí presentes escritos com uma mistura de letras, em geral só conhecida pelo internauta usuário desses ambientes.

 Aluno A Ah me dei mal....shaushaushaushaushaushaushs to brincando!!

O primeiro recado que podemos ver é deixado pela Menina F ao Menino A. Ela apresenta no recado escrito, um sentimento de afeto, apesar de dizer que ele é a “pessoa mais chata e irritante do UNIVERSO”, mas ao mesmo tempo, “meu amigo favorito, conta sempre comigo pro que dé e vié”. Aspecto semelhante a esse foi comprovado por Porto e Silva (2005) na sua pesquisa com adolescentes que falavam ao revés sem querer mostrar os sentimentos verdadeiramente sentidos aos professores e/ou pais.

Outro aspecto que podemos observar em relação à escrita é que ela tem muitos elementos da fala, por exemplo, der e vier viram “dé” e “vié”. Essa motivação de escrever como se fala é característico do ambiente virtual. A escrita, de acordo a Eisenkraemer (2007), sempre abordou duas modalidades de linguagem: o escrito e

o oral. Desta forma, surge no ambiente virtual uma nova linguagem, que engloba características das duas formas de comunicação.

O outro recado deixado pela Menina E vem para concordar com o recado da Menina F.

Assinaturas, recados, desenhos, tudo vai compondo a capa dos cadernos. Não vejo as escritas nas capas dos cadernos como riscos, mas as vejo como vida, como movimento, como momento de expressar o que nem sempre conseguem olhando no olho dos colegas.

Vejo que assim como as identidades do ambiente virtual são criadas e recriadas, através de descrição de personalidade, de imagens, fotos e desenhos, desejos de ser e parecer, os recados dos cadernos também é uma forma do jovem ultrapassar seus limites e expressar algo que talvez não tivesse coragem de falar para o outro.

Recados demonstrando relações de amizade, de expressão do que os jovens sentem pelos colegas estão reproduzidos nas folhas dos cadernos com a mesma emoção que no ambiente virtual. Os símbolos do virtual, mesmo sem movimento no caderno, estão aí representados (:D → 😊). A pessoa (jovem, criança e adulto) que está em contato com o ambiente virtual conhece o significado.

Quando os alunos têm a oportunidade de escrever sabendo que o professor não irá ler, a escrita na escola apresenta sim, semelhanças com a escrita do ambiente virtual. Ela está presente onde os alunos se sentem livres, onde não se sentem vigiados pelos professores. Ela está nos espaços de capas e páginas perdidas no meio dos cadernos. A escrita transcende o ambiente escolar; ela vai para o ambiente virtual buscar os recursos que esse apresenta para a exposição dos jovens também nos espaços escolares. No exemplo que trago do caderno de uma aluna da 8ª série²⁰, aparece vários recados dos colegas:

²⁰ Essa aluna não me adicionou no MSN nem no Orkut, mas nos momentos que fui coletar dados na escola, ela me entregou seus cadernos para a coleta no ambiente escolar.

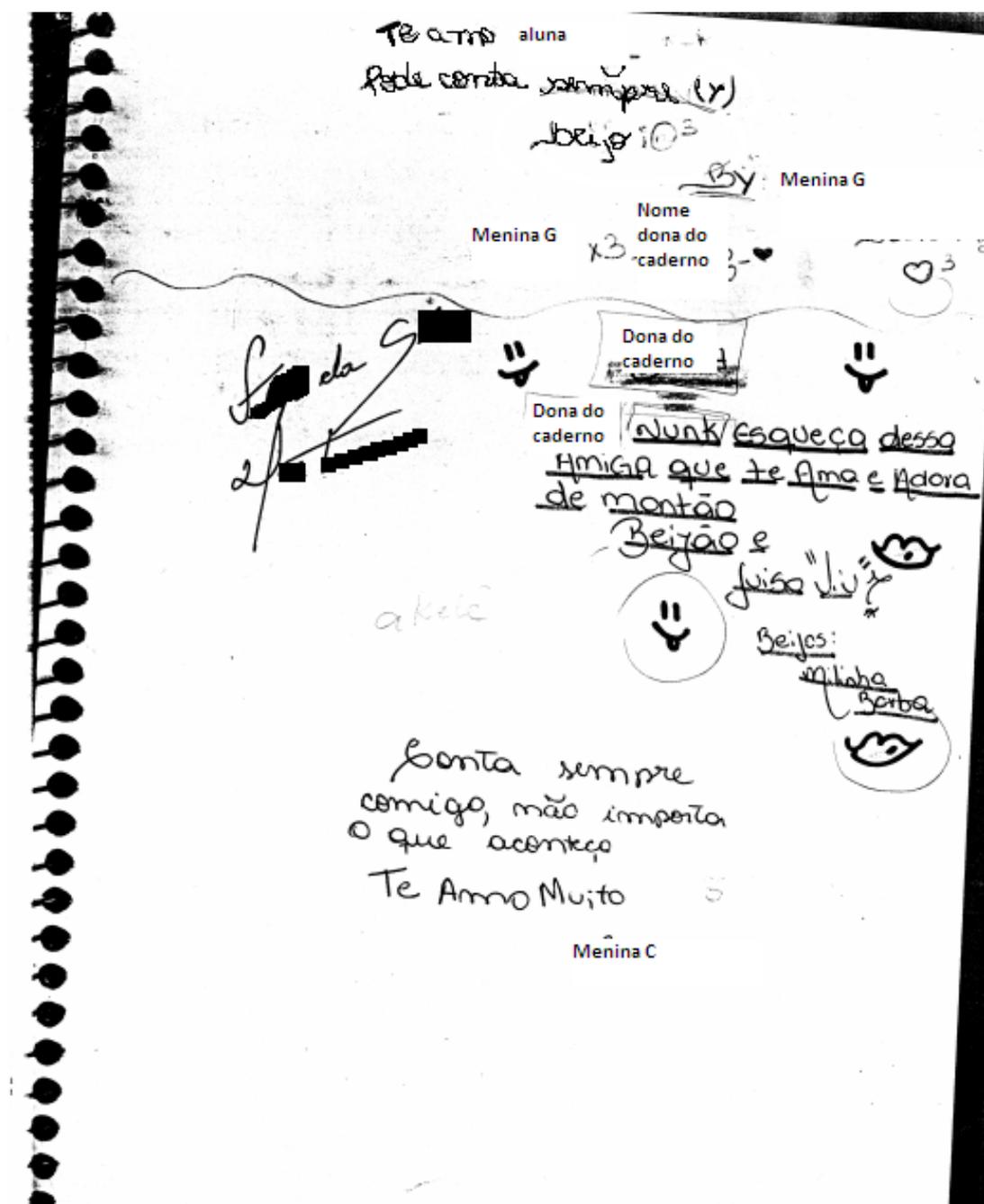


Figura 25. Folha do caderno de uma aluna da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Os recados de sentimentalismo, assim como nos outros exemplos, também estão evidentes nesse caderno. Elas apresentam afetividade, relação de companheirismo “Conta sempre comigo, não importa o que aconteça”, “Pode conta sempre”. Por outro lado, eles usam palavras tais como: “nunk” para significar nunca. Um elemento que chamou a minha atenção foi uma forma apresentada pela Menina G em seu recado, ela apresenta a seguinte combinação de letra e símbolo (parêntese): (Y), que no MSN “vira” este símbolo: 👍. Nesse momento fica evidente

que os alunos conhecem e usam, na escola os caracteres do ambiente virtual, além da escrita para se comunicar. Quem não usa os aparatos tecnológicos (MSN) para se comunicar não teria como saber o significado de tal combinação.

Naquele momento eu também não sabia o significado do símbolo, precisei procurar no MSN para identificá-lo. Como convivo nesse meio percebi que se tratava de um elemento do ambiente virtual. Os jovens trazem o prazer de conversar no MSN para dentro da escola e da sala de aula através dos símbolos e das abreviações nele presentes.

Segundo Sampson (1996), esse tipo de escrita pode ser considerado como pictórica²¹, uma vez que os adolescentes em suas escritas usam imagens/desenhos (carinhas, corações e estrelas) para tentar fazer-se compreender melhor.

No próximo exemplo, vemos momentos em que o Menino C se expressa através de imagens na Capa de caderno:

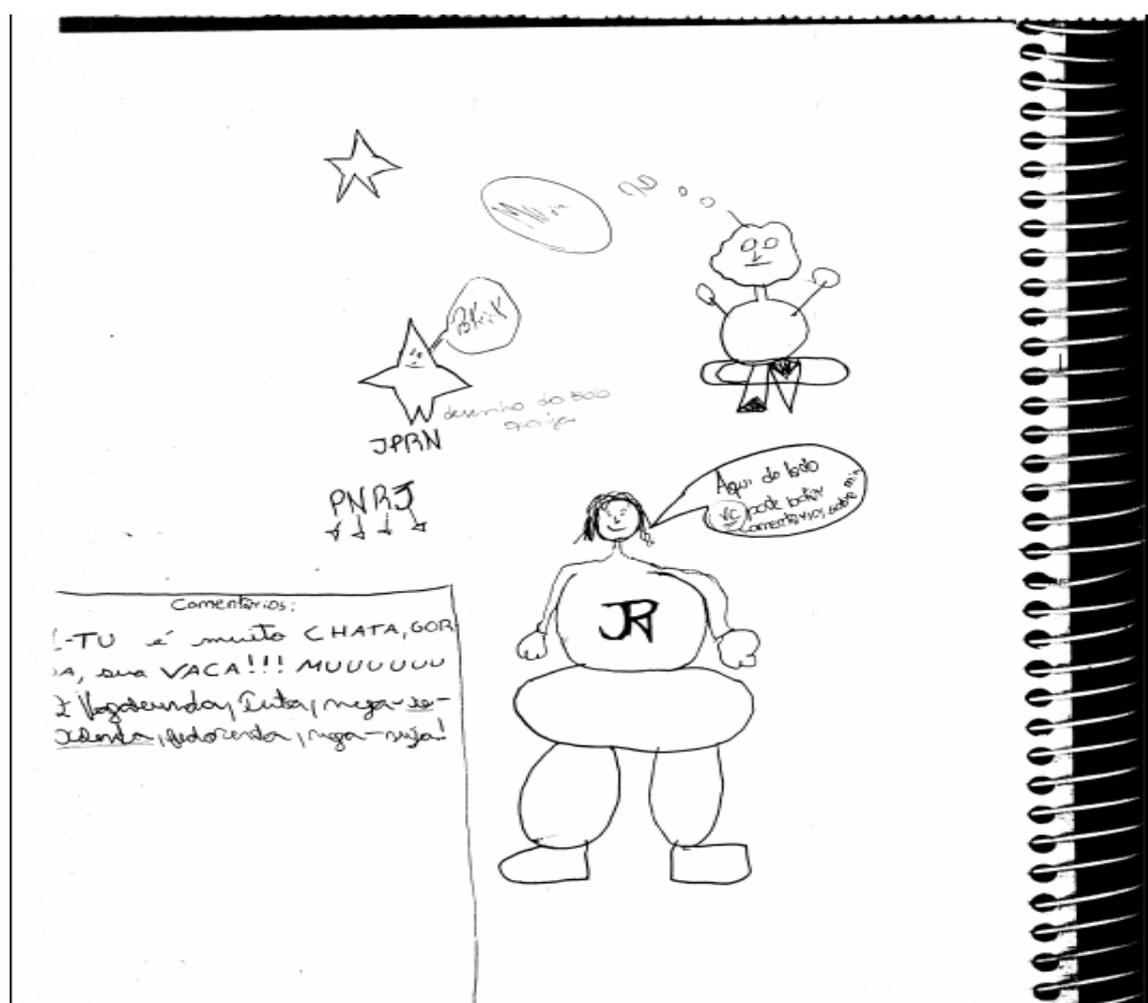
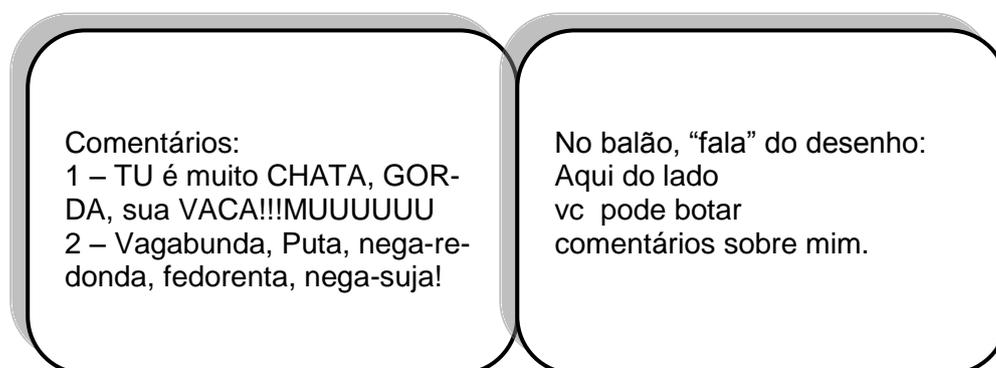


Figura 26. Folha do caderno do Menino C da pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

²¹ Usa-se pictórica no sentido da escrita explicitada através do desenho.

A seguir transcrevo na materialidade do computador as escritas da capa do caderno no Menino C:



As letras **PNRJ** e **PJRN** estão escritas no meio da capa do caderno. É interessante observar que estão desenhadas também no ‘peito’ do desenho de um boneco que representa uma pessoa. Desenhos e palavras, nem tão amigáveis assim, aparecem nesta capa de caderno. No ‘balão’ onde a “pessoa” fala está escrito: “aqui do lado vc pode botar comentários sobre mim”. Os comentários que aparecem descrevem características maldosas de uma pessoa, tais como: “vaca, chata, gorda”... Acima, no mesmo desenho, há uma estrela e ao seu lado, o nome Patrick, que é de uma Estrela do Mar, personagem do desenho animado do Bob Esponja. Essa capa é, sem dúvidas, uma forma que o aluno usou para “fugir” através da imaginação do ambiente sala de aula. Ficção e realidade fazem parte dos momentos escolares dos jovens. Quando observei o boneco desenhado na capa do caderno, com letras escritas no seu peito, logo me remeteu a idéia de um super-herói, onde sempre as iniciais ficam a mostra, no peito, como forma de identificação. Nesse caso, é provável a identificação do aluno com super-heróis da TV; ele desenhou diferentes elementos televisivos nessa capa de caderno e deixou espaço para escreverem recados para si.

O exemplo que apresento a seguir é da capa do caderno no Menino B que reproduz uma conversa do ambiente virtual. Os Meninos C e A e a Menina F conversam – escrevendo – como se estivessem na página do MSN. Essa capa reproduz todos os recursos que a janela de conversação online permite. A conversa termina no início de um exercício de matemática.

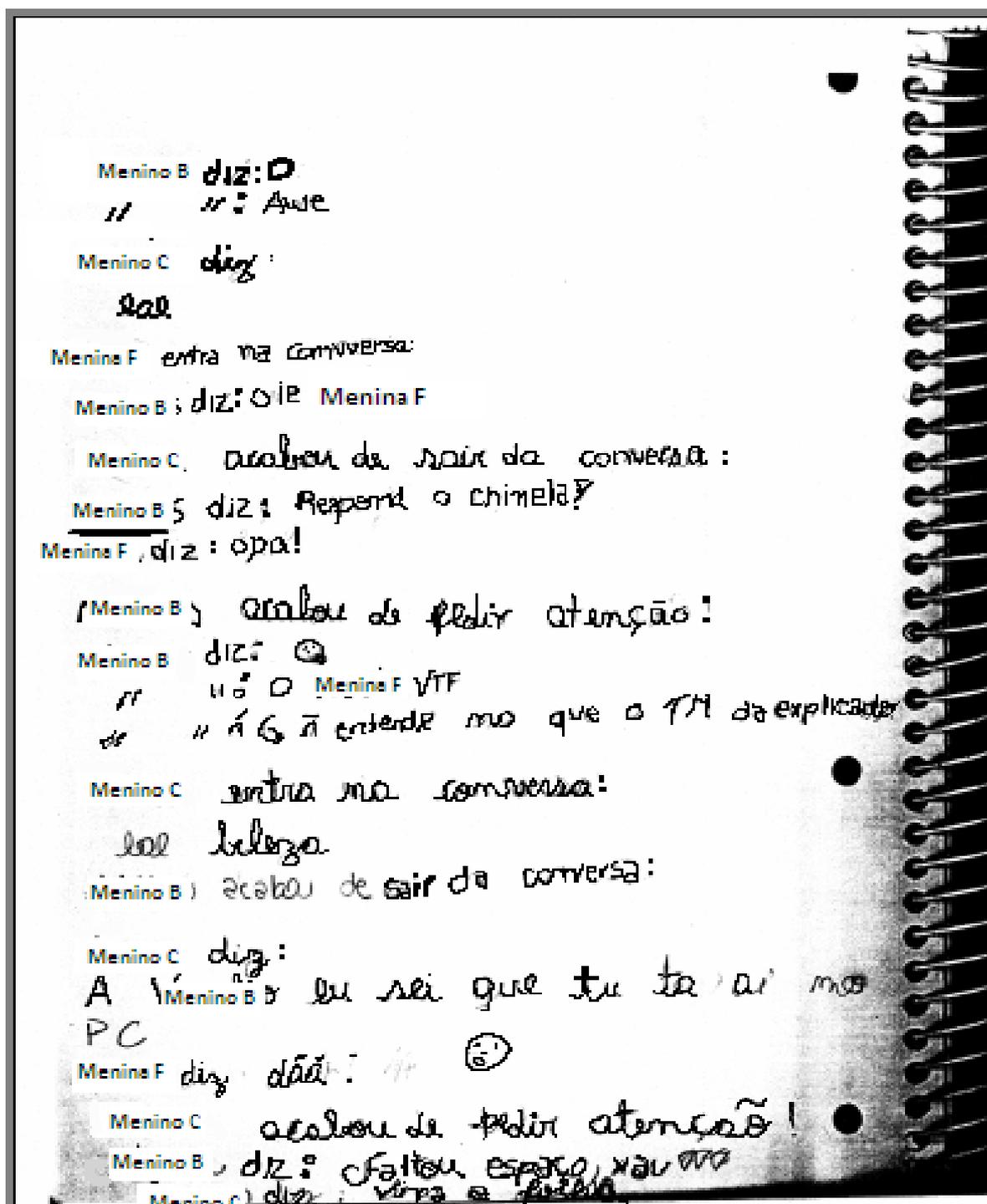


Figura 27. Capa do caderno do Menino C pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

04-03-08

8^o I - História

Revisão: Produtos Notáveis

Desenvolva:

$(a+b)^2 = a^2 + 2ab + b^2$ e

$(2+x)^2 = 4 + 4x + x^2$ e

$(3-x)^2 = 9 - 6x + x^2$ e

$(11-y)^2 = 121 - 22y + y^2$ e

$(x^2+5)^2 = x^4 + 10x^2 + 25$ e

$(15-m^2)^2 = 225 - 30m^2 + m^4$ e

$(m-2) \cdot (m+2) = m^2 - 4$ e

$(y-17) \cdot (y+17) = y^2 - 289$ e

$(y+20)^2 = y^2 + 40y + 400$ e

$(4-x)^2 = 16 - 4x + x^2$ e

$(9-y)^2 = 81 - 18y + y^2$ e

$(7+x)^2 = 49 + 14x + x^2$ e

Menino F Sai da conversa
última mensagem 01:36

Figura 28. Folha do caderno do Menino C pesquisa. Dado coletado no ambiente escolar.

Para melhor entendimento do leitor, transcrevo esse diálogo no meu computador.

Menino B diz: 😬

|| || : Awe

Menino C diz:

eae

Menina F entra na Conversa.

Menino B diz: oie Menina F

Menino C acabou de sair da conversa.

Menino B diz: Respond o chinela!

Menina F diz: opa!

Menino B acabou de pedir atenção:

Menino B diz: 😞

|| || : O Menina F VTF

|| || : n' G ã entende no que o TU da explicado

Menino C acabou entra na conversa:

Eae beleza

Menino B acabou de sair da conversa.

Menino C diz:

A Menino B, o eu sei que tu ta ai no PC

Menina F diz: dãã 🤔

Menino C acabou de pedir a atenção!

Menino B diz: faltou espaço, xau ❤️ ❤️

Menino C diz: vira a folha

Na outra folha, no início do conteúdo de matemática a conversa termina:

Menina F acabou de sair da conversa.

Última mensagem 01:36.

Esse diálogo, segundo os alunos, foi feito antes que eu lhes explicasse sobre a pesquisa. Eu lhes perguntei quando haviam realizado essa escrita (que eu considero virtual–escolar) e me responderam que logo após o início das aulas. Pelo que observei, a reprodução de um diálogo virtual foi feita durante o período de aula e os alunos não estavam no intervalo entre as disciplinas. Quando a conversa escolar–virtual termina, aparece o horário da última mensagem (01:36), ou seja, da última ação da Menina F, que estava em horário de aula. Perguntei–lhes por que usaram essa forma de comunicação, e a resposta que me deram foi:

“por que a aula tava chata, ai a gente começou a conversar e a professora mandou ficar em silêncio, ai começamos a escrever que nem no MSN, e fomos lembrando das coisas que tem.. foi divertido. O tempo passo que nem vi” (transcrição de material gravado).

Essa capa do caderno representa um exemplo de página virtual do MSN. De acordo com o aluno, eles criaram o dialogo virtual em classe, pois a aula “estava chata”, e, para fugir da chatice, simularam um ambiente virtual. Nem mesmo com a presença da professora, eles deixaram de se comunicar com algo mais que o conteúdo trabalhado em aula.

Essa representação demonstra que os alunos conhecem muito bem o ambiente que frequentam – nesse caso o MSN. Eles o descrevem nos mínimos detalhes. Pedidos de atenção, quem entra e quem sai da conversa, as abreviações, os emoticons e a hora que o usuário sai da conversa, são detalhes que estão reproduzidos na capa e na primeira página do caderno de matemática.

A reprodução da escrita do ambiente virtual representada pelo caderno do exemplo anterior deixa claro o quanto o aluno sente a necessidade de estar conectado com o ambiente de fora da sala de aula. Os alunos não têm acesso dentro da sala de aula a ambientes como o MSN ou Orkut, mas representam através da escrita e de desenhos esse desejo. É interessante observar que as representações do ambiente do MSN reproduzidas nos cadernos estão iguais às páginas virtuais. As abreviações que eles fazem uso, como apresentam Bagno, mostra a relação diafásica, pois quando os jovens escrevem VTF (vai te fuder) significa uma abreviação para a sentença falada. Os jovens fazem uso de palavras da oralidade para se comunicarem com os amigos e colegas da sala de aula.

De acordo com Xavier (2005), a tendência é que os usuários dos espaços virtuais ampliem suas necessidades de interação para fora do ambiente virtual, criando outras relações com outros jovens e outros gêneros.

Com a minha estada (por três meses) na escola, os alunos foram se “soltando” mais; uns passaram a me entregar os cadernos para que eu fotocopiasse; outros permitiram que eu folheasse os cadernos. Assim, me senti mais a vontade e com mais liberdade para descobrir os “elementos ocultos” nas suas escritas.

Num desses momentos, ‘encontrei’ no meio do caderno do Aluno B uma proposta de redação. Pude observar que a proposta de redação, ao mesmo tempo em que direciona o assunto do texto, abre para que o aluno use sua imaginação

Como esse texto também está ilegível (pelo processo de escâner) faço a seguir a transcrição do rascunho da redação do Aluno B, tal qual ele escreveu, para ser mais bem compreendida a escrita dessa redação:

Ela simplismente joga akelas carta e me diz que o meu futuro será negro, (riscos) muito olho gordo. Desta vez não da pra acreditar, ela errou nas cartas, não tenho inimigos, tenho uma otima familia(riscos). Sou akela pessoa que voce pode confiar sempre, Porque alguem me botaria olho gordo? Ah, mas sim existe alguem que poderia (riscos) rogar praga e deixar meu futuro (riscos) "negro", akela minha irma Betina, odeio ela, no início deste anu ela fez com que eu cuidasse do filho dela, akela peste do Pedro! Mas se isso tiver alguma coisa a ver com Betina, ela vai me pagar, pois sei que Betina ã é santa, quando papai morreu o seu dinheiro sumiu todo do cofre e somente eu sei de quem se adonou do dinheiro. foi a Betina! mas ela ã sabe que eu descobri td. Outra hipotese pode ser que akela cartomante esta me dizendo essas coisas pra que eu volte la e ela continue ganhando mto dinheiro as minhas custas! Eu não sei mais o que fazer!

Essa escrita, longe dos olhos dos professores, assim como foi observado na capa do caderno deixa claro elementos do ambiente virtual, como, por exemplo, as palavras grifadas – akelas (para referenciar aquelas); tenho (tenho), ã (não); mto (muito):

Ela simplismente joga **akelas** carta e me diz que o...
 não **tenhu** inimigos, **tenhu** uma otima familia(riscos).
 vai me pagar, pois sei que Betina **ã** é santa, quando papai
 ganhando **mto** dinheiro as minhas custas! Eu não sei mais

(grifos meus)

Na escrita das palavras, os adolescentes trocam letras, substituem o **u** pelo **o**, abreviam palavras como muito → **mto**. Essa forma de escrever é própria do ambiente virtual, conforme pode ser observado nos trechos retirados de conversas e

frases de apresentação do MSN, geralmente colocadas como forma de representar elementos do cotidiano e sentimentos dos alunos:

 Aluno B -é tudo tao bom quando estou com vc!!!eu te amu mt...S2

 Aluno B 🙄 -sem ela eu ñ sou nada!!!!deu namoroo ❤️

(23:55) Aluno B pq sabe akele papelsinhu

Entretanto, no momento que o aluno B entrega a redação para a avaliação docente, ele refaz a escrita. O passar a limpo permite uma revisão do que foi escrito; é uma maneira do estudante reciclar as palavras escritas e apresentá-las numa linguagem segundo a norma culta escolar. Se ele não agisse assim, sua redação não seria aceita pela professora (de acordo com as próprias docentes). A redação entregue para o professor enquadra-se nos moldes da escrita aceita pela escola.

As abreviações, a letra “esteticamente feia” e os rabiscos dão lugar aos cuidados que a escrita escolar exige e que fazem parte da avaliação do aluno. A escrita modifica o texto. O que o professor não vê (rascunho), apresenta abreviações.

A seguir trago a redação do Menino B passada a limpo, entregue e corrigida pela professora.

COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE
DISCIPLINA DE LITERATURA Português

NOME: _____ TURMA: 01

Dê uma continuação para a história...

9/6
9/10

Querida Martha,

Estou em pânico, surtada, à beira de um ataque daqueles, maldita hora que você me indicou aquela bruxa, maldita idéia de ver aquela cartomante outra vez, que estúpida que eu sou, desta vez minha vida estava legal, bacana, tudo acomodadinho no lugar, fui lá pra procurar transtorno, mexer em vespeiro, e agora, o que eu faço com as coisas que ela me disse, se eu acreditei das outras vezes, porque não acreditaria agora?

67 Ela simplesmente joga aquelas cartas e me diz que o meu futuro será "negro", muito "alho gordo". Desta vez não dá pra acreditar, ela errou nas cartas, não temu, inimigos temu uma ótima família, ou aquela pessoa que você pode confiar sempre, Por que alguém me botaria "alho gordo"? Ah, mas sim, existe alguém que poderia me "rogar praço" e deixar meu futuro "negro", aquela minha irmã Betina, odio ela, no início deste ano ela fez eu cuidar do filho dela, aquela peste do Pedro!

68 Mas se isso tiver alguma coisa a ver com Betina, ela irá me pagar, pois sei que Betina não é "Santa", quando papai morreu, o seu dinheiro sumiu todo do seu cofre e somente eu e agora você sabe quem pegou todo o dinheiro, foi a Betina. Mas ela não sabe que eu descobri tudo.

69 Outra hipótese pode ser que aquela cartomante está me dizendo essas coisas para que eu volte lá e ela continue ganhando muito dinheiro às minhas custas! Eu não sei mais o que fazer.

70 Bom não irei mais pra aquela cartomante, devo deixar que o destino me leve, pois eu posso me arrepender muito daqui pra frente.

Beijos de Sua amiga
Claudia

Figura 31. Folha do caderno do Menino B pesquisa. Redação escrita pelo aluno, Rascunho passado a limpo. Dado coletado no ambiente escolar. Palavras circuladas: grifos meus.

A seguir apresento a transcrição no computador da redação realizada pelo Aluno B, tal qual ele escreveu:

Ela simplesmente joga aquelas cartas e me diz o que o meu futuro será “negro”, muito olho gordo. Desta vez dá pra acreditar, ela errou nas cartas, não tenho inimigos, tenho uma ótima família, sou aquela pessoa que você pode confiar sempre, Por que alguém me botaria “olho gordo”? Ah, mas sim, existe alguém que poderia me “rogar praga” e deixar meu futuro “negro”, aquela minha irmã Betina; odeio ela, no início deste ano ela fez eu cuidar do filho dela, aquela peste do Pedro!

Mas se isso tiver alguma coisa a ver com Betina, ela irá me pagar, pois sei que Betina não é “Santa”, quando papai morreu o seu dinheiro sumiu todo do seu cofre e somente eu e agora você sabemos (xx) quem pegou todo o dinheiro, foi a Betina! Mas ela não sabe que eu descobri tudo.

Outra hipótese pode ser que aquela cartomante está me dizendo essas coisas para que eu volte lá e ela continue ganhando muito dinheiro as minhas custas! Eu não sei mais o que fazer.

Bom não irei mais (x) àquela cartomante, devo deixar Que o destino me leve, eu posso me arrepender muito daqui pra frente.

Beijos da sua amiga
Cláudia!

Comparando essa escrita com a do rascunho, é possível assinalar que há uma grande diferença entre elas. Compreendo que o rascunho tem esse nome justamente porque é algo que será reescrito. Mas os alunos geralmente não usam tanta variação na escrita. As palavras com abreviações não perdem o sentido; sua grafia é modificada significativamente. O passar a limpo elimina os ‘erros’ indesejáveis pelos professores e que servem para descontar notas dos alunos.

Entretanto, na redação entregue à professora, grifei com um círculo algumas palavras que continuaram iguais às apresentadas no rascunho da redação. São elas: “tenhu” e “pra”, ao invés de tenho e para. Nota-se que, apesar do aluno passar “a limpo” sua história, ainda assim, algumas palavras foram transcritas com erros de ortografia.

Analiso que, essas expressões são familiares aos alunos, quando eles escrevem e não as vêem como ortograficamente erradas. O olhar do aluno lançado sobre ela não vê erro. O do professor sim veria o erro e, provavelmente, o circularia em vermelho.

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.

7.1. Reflexões

Para pensar e escrever sobre esse capítulo, procurei refletir sobre todos os elementos observados e sobre os momentos que foram vividos no processo de pesquisa. Cada momento foi único. Os dados coletados nos encontros com os alunos, tanto em ambiente virtual como nos encontros na escola – na sala de aula e nos corredores – foram diferentes. Nesses momentos fui conhecendo os adolescentes e percebendo seus gostos, o que pensam de si e o que faz parte do seu cotidiano de internauta.

Nesse processo de pesquisa não foi apenas a linguagem que observei, mas todos os elementos que os jovens com quem estive em contato durante a pesquisa deixaram que eu percebesse. Seus espaços, suas vidas mostradas através do virtual, me incitaram a escrever essa dissertação. Não fugi do meu objetivo principal, daquilo que me instigou a pesquisar a escrita do jovem na internet. Agora que estou terminando de relatar o processo e as reflexões vividas, não posso deixar de observar e pensar sobre outros elementos que os alunos abriram para que alguém, que não era de seu meio, mas estava interessada em conhecê-los, entrasse na sua realidade para desvendar um pouco de suas escritas.

Depois de todo o caminho percorrido, chegou a hora de sintetizar (o que é uma ação quase impossível) os dados, os caminhos e os encontros com os dados levantados. Acredito que esta seja a fase mais difícil do trabalho, pois é o final de um caminho marcado por dificuldades, angústias, alegrias... Na verdade é um misto de sentimentos que não se explicam e que podem apenas serem sentidos.

Compreendendo um pouco dos processos que os alunos – em especial os adolescentes – percorrem na sua trajetória, na busca pela construção de sua identidade, pela identificação com os amigos e percebo quão complexo é essa relação que eles estabelecem com as coisas que os rodeiam. As atitudes que tomam diante das situações, os gostos e as preferências são uma construção do seu eu. Um “eu” que depende das interações e opiniões dos amigos, muito antes que a opinião da família.

Quando resolvi estudar adolescentes e tecnologias, movida pela curiosidade e pela necessidade de tentar compreender algumas de minhas angústias e incertezas, busquei conhecer o ambiente de tecnologias virtuais através do olhar adolescente.

Com as portas abertas de uma escola municipal da cidade de Pelotas, iniciei meu trabalho como pesquisadora. Encontrei muita dificuldade desde o início do processo, mas muitas conquistas também fizeram parte do caminho percorrido. E hoje percebo que tudo isso faz parte da pesquisa. Cada obstáculo, cada ponto ultrapassado se constituiu no que hoje analiso e apresento.

Conhecer e participar da vida escolar e virtual dos alunos proporcionou-me fazer parte da vida desses jovens, sem ao menos fazer parte do círculo de suas amizades. A abertura que o ambiente virtual proporciona é algo que às vezes me inquieta. Todas as pessoas têm acesso a tudo da vida particular de cada indivíduo. A liberdade em falar de sua vida, os relatos, as confidências, fazem parte da pesquisa. Os alunos se entregaram à pesquisa, alguns mais outros menos; e compreendo que isso é o que constitui cada identidade e os tornam diferentes uns dos outros.

7.2. Buscando responder as questões de pesquisa.

Como forma de tentar dar uma conclusão ao trabalho, busco responder as questões iniciais de minha pesquisa.

– Como vêm sendo materializadas as formas de comunicação virtual – especialmente as de escrita – entre jovens usuários da internet?

Os estudantes adolescentes que participaram da pesquisa, como já relatado, trouxeram dados interessantes para a análise que me ajudaram a compreender e tentar responder às minhas inquietações. Percebo que a comunicação virtual provém muito da coletividade que a faz; percebo que, as diferentes formas de escrita, as expressões, e os aparatos que os jovens utilizam no ambiente virtual para estabelecer comunicação provém das próprias relações que estabelecem entre si. Essa comunicação apresenta características muito próprias, específicas e conhecidas por quem utiliza esse espaço de comunicação: emoticons, sons e palavras com grafia diferente fazem parte dessa comunicação e da construção da coletividade.

Os jovens, ao se organizarem em tribos, buscam em outros adolescentes uma identificação com as suas necessidades sociais. Acreditam que os amigos os compreendem melhor do que seus pais e professores. Os amigos viram confidentes para todas as horas. Eles trazem essa escrita como forma de representar sentimentos. Eles vivem num universo marcado pela saturação de imagens e alfabetizam-se usando símbolos imagéticos, enquanto que a geração adulta alfabetizou-se com símbolos cognoscitivos (PORTO, 2002). A adolescência é uma produção social e os meios de comunicação hoje têm um papel muito importante na produção contemporânea dos adolescentes.

– Será que os estudantes encontram dificuldades para separar a escrita virtual da escrita da escola?

Observando os cadernos, redações e demais anotações dos alunos, notei que os eles não sentem dificuldade para separar a escrita nos dois ambientes, virtual e escolar. Os jovens trazem a escrita do virtual para a escola, mas em lugares onde o olhar do professor não alcança ou pelo menos não deveria alcançar. Eles sabem onde e quando podem utilizar essas linguagens.

O ambiente virtual acaba tornando-se refúgio para os jovens transcenderem o ensino escolar e a figura docente.

Penso que a escrita internáutica, por ser uma construção coletiva, não está muito visível, no ambiente escolar. Os jovens frequentam os ambientes com objetivos e motivações diferentes. A escrita é também uma construção e na escola torna-se uma obrigação, o que não acontece quando é no Orkut e MSN. Concordo com Marques (2006) que acredita que é importante pensar sobre as exigências da escola sem perder de vista as diferentes linguagens das tecnologias digitais, despertando no aluno o prazer pela leitura e pela escrita, mediante a descoberta e a inserção no universo do imaginário, trabalhando com as linguagens dos diferentes ambientes que o sujeito vive e convive.

– Em que medida a escrita internáutica influencia a escrita na escola? Quais as relações que tais linguagens mantêm entre si? Quais as negociações que esses jovens fazem? Por quê?

A escrita do ambiente virtual está presente na escola, não na cópia dos conteúdos do quadro onde eu pensei que encontraria, mas em outros espaços, como por exemplo, nas capas dos cadernos. Os jovens pesquisados, apesar de alguns deslizes, sabem separar muito bem os ambientes: internet e escola.

A escrita do ambiente virtual é uma escrita com características muito própria, com símbolos e sinais muito particulares. Os alunos encontram formas de levar o prazer do ambiente virtual para a escola. Através da escrita proibida de abreviações, de desenhos e elementos afins, eles usam as capas e o meio dos cadernos para se expressarem. Apresentam desenvoltura e conhecimento do ambiente, pois muitos reproduzem estes no caderno (página virtual do MSN, exemplo apresentado na página 143).

Percebo, com isso, o quanto os professores ainda estão desconsiderando essa tecnologia que a respeito dos currículos escolares, não está presente nas salas de aula, e faz parte da vida cotidiana dos alunos. A cobrança sobre os alunos, para que escrevam bem, para que tenham o conteúdo escrito no caderno faz com que deixem de lado muito de sua criatividade. O rascunho, as folhas soltas e os bilhetes são formas de ultrapassar a “repressão” dos professores em sua escrita escolar.

A cobrança para escrever certo, sem usar o computador para digitar, demonstra a cultura ainda presente na escola. Percebo que a aglomeração de consoantes, por exemplo, deixa de ser apenas isso e torna-se expressão de sentimentos.

A linguagem do ambiente virtual está presente sim na escola, mas não nos conteúdos e sim em momentos de descontração. Nos cadernos e nas cópias dos conteúdos observei “erros” de ortografia, tais como falta de acentos, troca de letras, mas nada que posso concluir que seja influência direta do ambiente virtual.

Os alunos na escola escrevem quando podem, igual ao ambiente virtual para demonstrar afetos, assim como fazem nas páginas virtuais. Essa escrita fica ‘longe’ do olhar docente. Os jovens encontram maneiras de evidenciar na escola, os sentimentos, os afetos e a alegria que demonstram na internet.

É por meio dos sentimentos representados nas escritas que as páginas virtuais ganham vida; a página virtual é demonstração da realidade de cada um, do olhar de cada um exposto a vários outros olhares. Com o uso da internet, as experiências de aprendizagem ultrapassam o espaço físico da sala de aula, os

limites das disciplinas e expressam o conhecimento vivo que não fragmenta o mundo e os seus fenômenos.

Miglio (1998, p. 32) aponta que a linguagem utilizada na internet faz com que a primeira atitude do internauta seja querer fugir das rígidas normas da língua escrita. Esse movimento que ocorre com os textos virtuais propicia uma liberdade para o jovem. Há uma despreocupação com as regras gramaticais fazendo com que as mensagens sejam informais e nesse contexto eles misturam caracteres da língua falada aos da escrita

Infelizmente, percebi que grande parte da escola e dos professores ainda não se permite deixar o envolvimento do aluno com a internet relacionar-se com as aprendizagens escolares. Vêem o MSN e o Orkut como vilões que dispersam e alienam o estudante.

Mas será que os alunos estão preparados para apresentar à escola a escrita variada do ambiente virtual?

Todo esse processo me fez compreender o quanto, apesar de tudo que buscamos como profissionais - professores e/ou estudantes, isso ainda não é suficiente para inserir essa tecnologia no cotidiano da escola. A interação entre a educação e as novas tecnologias de comunicação e informação favorece a ação pedagógica colaborativa. Professores e alunos construindo juntos novos mundos de significações. Cabe ao professor ajudar na aprendizagem de conteúdos e de ser um elo para uma compreensão maior da vida, o que pode ser feito através das tecnologias que os alunos usam.

Vejo que a minha pesquisa ajudou-me a compreender muito mais do que imaginei. Conheci um pouco mais da constituição da identidade adolescente (que cada vez acontece mais cedo), as relações que estabelecem e os seus gostos (daquele grupo em específico). Compreendi também um pouco do virtual misturado com o escolar; das relações que os jovens firmam com os ambientes que convivem, separando e/ou juntando as escritas.

Creio que nada se encerra aqui. Percebi subterfúgios que eles usam para se expressarem e criarem seus próprios espaços de comunicação na escola. Isso é apenas o começo, pois acredito que todo processo de pesquisa é uma descoberta.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, R. de A. dos S. e NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Mudanças geradas pela internet no cotidiano escolar: as reações dos professores**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2006, vol. 16, no. 34, pp. 193–203. ISSN 0103–863X.

ALVES, R. S. **Jovens, chats e escola**: as relações que emergem desse contexto. Pelotas, RS, 2002. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo, Papyrus, 1999.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

AUGÉ, M. **Não lugares– introdução a uma antropologia da supermodernidade/ tradução Maria Lucia Pereira**. – Campinas SP: Papyrus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BABIN, P. – **Linguagem e Cultura dos Média**. Trad. António Sá Amaral. Venda Nova: Bertrand Editora, 1993.

BABIN, P. & KOULOUMDJIAN, M. **Os novos modos de compreender**: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAGNO, M. **A norma culta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007. 238

BARRETO, A. de A. **Mudança estrutural no fluxo do conhecimento**: a comunicação eletrônica. *Ci. Inf.* [online]. 1998, vol.27, n.2, pp. nd–nd. ISSN 0100–1965. doi: 10.1590/S0100–19651998000200003.

BAUMANN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BECKER, D. **O que é adolescência**. Nova Cultura Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1986.

BELLONI, M. L. **Os jovens e a Internet**: representações, uso e apropriações. Disponível em: http://www.comunic.ufsc.br/artigos/Malu_Os_jovens_e_a_internet.pdf. 2008.

CARNEIRO, R. **Informática na educação**: representações sociais do cotidiano. São Paulo: Cortez, 2002.

CASTELLS, M. (2000). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

COSTA, S. R. **A construção/apropriação da escrita nas salas de aula da escola fundamental e nas salas de bate-papo na internet**. DELTA [online]. 2006, vol. 22, no. 1, pp. 159–175. ISSN 0102–4450.

DAYRELL, J. Escola e culturas juvenis. In: FREITAS, M. V. e PAPA, F. C. (Org.). **Políticas públicas**: juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003, p. 165–179.

EINSENBURG, J; LIRA, D. **A invasão brasileira do Orkut**. Ciencia hoje. Rio de Janeiro, v. 38, n. 226. P 30–35, maio, 2006.

EISENKRAEMER, R. E. A linguagem cifrada dos internautas: um novo código? In: **II Encontro Nacional sobre Hipertexto, UFC**. 2007 (<http://www.ufpe.br/nehte//hipertexto2007/anais/ANAIS/Art29_Eisenkraemer.swf>).

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editores, 1996.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997, p. 59–77

FISCHMANN, R. **Da Linguagem Oral À Linguagem Da Hipermídia reflexões sobre cultura e formação do educador**. São Paulo em perspectiva, 14(2) 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, I. M.; NATHANSON, B. M.; TAVARES, C. e ESPIRITO SANTO, Carmelita do. **Estudos de usuários: o padrão que une três abordagens**. Ci. Inf. [online]. 2002, vol. 31, no. 3, pp. 103–107. ISSN 0100–1965.

FREITAS, M. T. de A. Escrita **teclada: uma nova forma de escrever?** Anais da 23^o Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG. 24 a 28 de setembro, 2000.

FEIXA, C. O quarto dos adolescentes na era digital. In: COSTA, Marcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: EDUC, 2006.

FRIEDENBERG, E.Z. The image of the Adolescence Minority. In: ROGERS, D. (Org.) **Issues in Adolescent Psychology**. 2. Ed. New York: Appleton–Century–Crofts, 1972.

FROEBEL, F. **A educação do homem**. Trad. Maria Helena Camara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001

FRITH, S. 1997. Music and identity. In: HALL, S. e DU GAY, P. (ed.). **Questions of Cultural Identity**. Sage Publications, 198 p.

GARBIN, E. M. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br – um estudo de chats sobre música da internet**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UFRGS. 2001.

_____. **Cultur@s juvenis, identid@des e internet: questões atuais**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro/ ANPEd, v. 23, p. 119–135, 2003.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª edição. p. 64–89, 2002.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIORDAN, M. **A internet vai à escola: domínio e apropriação de ferramentas culturais**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2005, vol. 31, no. 1, pp. 57–78. ISSN 1517–9702.

GOELLNER, S. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana(Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28–40.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997

HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, Catherine & SYMON, Gillian (Ed.). **Qualitative methods in organizational research: a practical guide**. London: Sage, 1994. 253p. p. 208–229.

JONES, A. **Corporate intranets: the last tool of survival for the corporate library?** June 1998. [online], abril 2000.
<<http://jimmy.qmced.ac.uk/usr/im94jone/home.htm>>. Dissertação (Information Management) – Queen Margaret University College, Edinburgh, 1998.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Educação e Tecnologias:** o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LEMKE, A. K. **Vivências e saberes de estudantes de pedagogia:** um estudo de suas relações com as mídias. Pelotas, RS, 2008, 123 f. (Dissertação Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 212 p.

LOCKE, J. Ensaio acerca do entendimento humano. In: **Os Pensadores.** Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Abril, 1973.v. XVIII.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos:** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, p. 70.

MALOFF, J. **A Internet e o valor da "internetização".** *Ci. Inf.* [online]. 1997, vol. 26, no. 3 ISSN 0100–1965.

MARQUES, M. O. **A escola no computador:** linguagens rearticuladas, educação outra. 2 ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

Mensagens Virtuais. Disponível em:

<<http://www.mensagensvirtuais.com.br/mensagem-Oracao-do-Internauta>>.

Acesso em: julho/2008.

MÍGLIO, M. **Conversando em internetês.** Internet. Rio de Janeiro, p. 32–35, novembro 1998.

MILROY, J. (1998) apud BAGNO, M. **A norma culta:** língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MIRANDA, A. **Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos.** *Ci. Inf.* [online]. 2000, vol. 29, no. 2, pp. 78–88. ISSN 0100–1965.

MORAN, J. M. Como utilizar a internet na educação. In: **Revista Ciência da Informação**, Vol 26, n.2, maio–agosto 1997, pág. 146–153.

_____. **Mudanças na comunicação pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. **A escola que desejamos e seus desafios**. Disponível em: (<http://www.eca.usp.br/prof/moran/escola.htm>) – Texto que será publicado no próximo Guia da Boa Escola (no prelo).

PEREIRA, A. P. M S.; COSTA, S. R. Conceitos e (pre)conceitos sobre escrever na Internet e na escola. In: **Presença Pedagógica**. Dimensão. V. 8. Nº 48 – Nov. Dez. 2002. ISSN 1413–1862.

PORTO, T. M. E. Educação para mídias/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In: PENTEADO, Heloisa D. de Oliveira **Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas**. São Paulo : Cortez, 1998.

_____. **A televisão na escola... Afinal, que Pedagogia é esta?** Araraquara: JM, 2000.

_____. As mídias e os processos comunicacionais na formação docente na escola. In: **Anais da XXV Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, MG. 29 de setembro a 02 de outubro, 2002.

_____. (org). **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. Araraquara SP: JM, 2003

_____. Cartas de quem ensina: uma mirada na trajetória docente. In: PERES, L. M. V. e PORTO, T. M. E. **Tecnologias da educação**: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções. Junqueira & Marin, 2006 b. p.145–164.

_____. **Atuação docente mediada por tecnologias e meios de comunicação**. Projeto de Pesquisa. 2007.

QUADRADO, R.P. RIBEIRO, P.R.C. **Adolescentes no orkut**: as tecnologias de informação e comunicação na produção de corpos femininos, 2008.

RICCIO, E.; SAKATA, M.; MOREIRA, O. e QUONIAM, Luc. **Introdução ao XBRL: nova linguagem para a divulgação de informações empresariais pela internet**. *Ci. Inf.* [online]. 2006, vol. 35, no. 3, pp. 166–182. ISSN 0100–1965.

ROCHA, M. **Relações anafóricas no português falado: uma abordagem baseada em corpus**. *DELTA* [online]. 2000, vol. 16, no. 2, pp. 229–261. ISSN 0102–4450.

SAMPSON, G. **Sistemas de escrita**: tipologia, história e psicologia. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Luciola Paixão. **Educação básica, currículo e formação de professores.** Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v.3, n.17, p. 26–31, set./out. 1997.

SARAIVA, K. **Outros espaços, outros tempos: Internet e educação.** Tese de doutorado. 2006, 275 folhas.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 137–179.

SILVA, D. de G. da. PORTO, T. M. E. Conhecendo os adolescentes e os professores em serviço. In: **Relatório de Pesquisa.** FAPERGS, 2005.

SILVA, E. T. da (coord). **A leitura nos oceanos da internet.** São Paulo: Cortez, 2003.

SILVEIRA, R. M. H. Identidades para serem exibidas – breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel E. **Educação e cultura contemporânea.** Articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: ULBRA, 2006.

SNYDERS, G. **A alegria na escola.** São Paulo: Manole, 1988.

Sobre o Orkut. Disponível em:

<<http://www.orkut.com/About.aspx>>. Acesso em: 20 dez. 2007

SPEROTTO, R. I. Escritas on–line: diferentes aprendizagens potencializando a produção da subjetividade contemporânea. In: PERES, L. M. V. e PORTO, T. M. E. **Tecnologias da educação:** tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções. Junqueira & Marin, 2006 b. p.93 – 110.

TAPSCOTT, D. **Geração Digital.** São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999.

TRIVINHO, E. **O mal–estar da teoria.** A condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

VEIGA–NETO, A. De geometrias, currículos e diferenças. In: **Educação e sociedade.** Campinas, nº 79, p. 163–186.ago. 2002.

XAVIER, A. C. S. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet.** UFPE, 2005. União Internacional de Telecomunicações das Nações Unidas (2006)

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: editora Record, 1996.

GLOSSÁRIO

Os significados presentes nesse glossário, em sua grande maioria, foram retirados da Wikipédia <<http://pt.wikipedia.org/wiki/>>, por ser uma construção coletiva e por apresentar conceitos usuais dos termos utilizados na internet. Entretanto, apresento conceitos retirados de autores que pesquisam sobre os assuntos abordados, cujo nome aparece ao lado da palavra apresentada no glossário a seguir.

Arphanet– Considerada a mãe da Internet. Desenvolvida pela empresa ARPA (Advanced Research and Projects Agency) em 1969, tinha o objetivo de conectar as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo americano. Esta rede teve o seu berço dentro do Pentágono e foi batizada com o nome de ARPANet.(ALVES, 2002).

Avatar – Em informática, **avatar** é a representação gráfica de um utilizador em realidade virtual. De acordo com a tecnologia, pode variar desde um sofisticado modelo 3D até uma simples imagem. São normalmente pequenos, aproximadamente 100 px de altura por 100 px de largura, para que não ocupem demasiado espaço na interface, deixando espaço livre para a função principal do site, programa ou jogo que se está a usar.

Blogueiro – É a pessoa que administra o blog.

Blogs – É uma abreviação de weblog. Qualquer registro freqüente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal online, por exemplo).

Buddypoke – É um aplicativo que pode ser usado nos sites de relacionamentos como: Orkut, MySpace, Hi5 e Netlog, no qual usuários deste site criam um(a) "boneco(a)", em formato 3D com características físicas que desejam, tais como roupa, cor da pele, cabelo, cor do cabelo, olhos e bigode ou a barba.

Ciberespaço – É o espaço das comunicações por rede de computador. Sua comunicação acontece de forma virtual. Faz uso dos meios de comunicação modernos, destacando-se entre eles a Internet.

Ciberidentidades – Identidades virtuais, criadas através das páginas da internet.

Comunidades do Orkut – São fóruns modificados, com o diferencial de que sua estrutura foi planejada para facilitar o uso. Assim, qualquer pessoa pode aprender a lidar com os recursos de uma comunidade com relativa facilidade.

Dono de perfil – São os usuários cadastrados no Orkut. Eles registram um perfil que contém desde informações básicas de acesso (obrigatórias) como informações secundárias (opcionais). O dono do perfil é a pessoa que possui um cadastro na rede social orkut.

Emoticons/ Smiley/ Emotions – É uma forma de comunicação paralingüística emoticon é uma palavra derivada de emotion (emoção) + icon (ícone), em alguns casos é chamado smiley é uma seqüência de caracteres tipográficos.

Hipermídia – É a reunião de várias mídias num suporte computacional, suportado por sistemas eletrônicos de comunicação.

Hipertexto – É o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual se agrega outros conjuntos de informações na forma de blocos de textos, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links.

Internautas – É aquele que usa a internet e que comumente também é chamado de usuário.

Internet – É um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo protocolo de internet que permite o acesso a informações e a todo tipo de transferência de dados.

Internetês – É a linguagem utilizada no meio virtual, em que as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão,

Link – É uma referência num documento em hipertexto a outras partes deste documento ou a outro documento.

Mouse – É um periférico de entrada que historicamente se juntou ao teclado como auxiliar no processo de entrada de dados, especialmente em programas com interface gráfica. O rato ou mouse tem como função movimentar o cursor (apontador) pela tela do computador.

Mosaic – É conhecido por muitos como o primeiro navegador www a rodar no Windows (ao invés do UNIX), que abriu a web para o público em geral.

MP3 – MP3 é uma abreviação de MPEG 1 Layer-3. Os layers (camadas) referem-se ao esquema de compressão de áudio do MPEG-1. Eles foram projetados em número de 3, cada um com finalidades e capacidades diferentes.

Multimídia – É a combinação, controlada por computador, de pelo menos um tipo de mídia estática (texto, fotografia e gráfico), com pelo menos um tipo de mídia dinâmica (vídeo, áudio e animação).

Napster – Foi o primeiro programa de compartilhamento massivo de arquivos através de tecnologia ponto a ponto. Criado por Shawn Fanning, o programa compartilhava somente arquivos de música no formato MP3.

Offline – Significa que o sujeito está "fora do ar", "desconectado" ou "desligado".

Online – Online ou on–line é um anglicismo da gíria dos internautas que se popularizou com a internet. A tradução literal para o português é "na linha", tendo como significado que o sujeito está "ao vivo", "conectado" ou "ligado". Estar "online" significa "estar disponível ao vivo". De modo oposto, estar offline (ou off–line) traduz–se na indisponibilidade da entidade perante o sistema.

Orkutianos – Segundo Silveira (2006), são os usuários do Orkut.

Scraps – São as mensagens ou recados deixados seja em um perfil individual seja nos tópicos de discussão das comunidades.

Subnicks – São as mensagens pessoais compartilhadas com usuários da rede de amigos.

TICs – São as tecnologias da informação e comunicação.

Webcam – Webcam (Brasil) ou Câmara web (Portugal) é uma câmera de vídeo de baixo custo que capta imagens, transferindo–as de modo quase instantâneo para o computador, podendo ser empregada em uma grande gama de aplicativos tais como videoconferência, editores de vídeo, editores de imagem e monitoramento de ambientes, entre outros.

Wikipédia – É uma enciclopédia multilíngue online livre colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias.

WWW – É a abreviatura de World Wide Web, uma rede mundial interligando computadores do mundo inteiro. São baseados no hipertexto da Internet que teve o crescimento mais rápido em toda a rede. A www é também conhecida como web.

AUTORIZAÇÃO

Senhores pais e/ou responsáveis

Meu nome é Danieli de Godoy da Silva, sou aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Estou realizando um estudo sobre a linguagem da internet na escrita escolar de alunos adolescentes e gostaria de solicitar a sua autorização para que seu filho (a) participe desta pesquisa. As informações levantadas acerca deste assunto servirão como fonte de análise para a presente pesquisa e serão apresentadas em relatório final do curso de mestrado. Saliento que os nomes dos alunos, ou qualquer outra característica serão mantidos em sigilo, de forma que nenhum aluno (a) possa ser identificado (a).

Estando ciente dessas informações, e caso esteja de acordo, solicito que preencha os dados a seguir:

Autorizo meu filho (a) _____
a participar da presente pesquisa.

Assinatura dos pais e/ou responsável.

Danieli de Godoy da Silva
Pesquisadora/Mestranda em Educação

Pelotas, 19 de novembro de 2008.

Agradeço a colaboração